PARA LER E PENSAR

HERMANN HESSE

Tradução: Amadeu António

PARA LER E PENSAR

HERMANN HESSE

REFLEXÕES A PARTIR DAS SUAS ILUSTRAÇÕES E CARTAS

EDITADO

E COM UM POSFÁCIO

POR

VOLKER MICHELS

1977 GUILDA DO LIVRO GUTENBERG

FRANKFURT AM MAIN VIENA ZURIQUE

«O aforismo é algo como uma pedra preciosa, que ganha valor pela raridade e que só em doses minúsculas constitui um prazer.» [Hermann Hesse]

POLÍTICO

Em todo o mundo, cada político é muito favorável à revolução, à razão e ao depor das armas — mas apenas no inimigo, nunca em si mesmo! [1]

Por que razão se é a favor da autodeterminação dos povos apenas onde se espera tirar proveito disso? [2]

Ninguém pensava numa guerra; armava-se apenas por precaução, porque as pessoas ricas gostam de ver paredes de ferro à volta do seu dinheiro. [3]

Cultivar o medo da guerra é um velho artifício das pessoas para quem a guerra significa negócio e lucro. [4]

Os que ameaçam o nosso mundo e qualquer paz são aqueles que desejam a guerra, que a preparam e que tentam fazer-nos cúmplices dos seus planos através de vagas promessas de uma paz futura ou através do medo de ataques exteriores. [5]

Uma guerra não cai do céu; tem de ser preparada como qualquer outra empresa humana, precisa de ser cultivada e requer a colaboração de muitos para se tornar possível e real. Quem a deseja, a prepara e a sugere são as pessoas e os poderes que dela tiram vantagem. Ela traz-lhes ou um ganho direto e imediato em dinheiro — como à indústria de armamento (e assim que há guerra, quantas indústrias até então inofensivas se transformam em negócios de armamento, e como o capital aflui automaticamente a esses

negócios!) —, ou traz-lhes ganho em prestígio, consideração e poder, como é o caso dos generais e coronéis sem posto. [6]

As guerras são feitas por pessoas para quem a vida dos outros é indiferente. Fazem as suas guerras com os haveres, o sangue e a vida dos outros, e o que nós pensamos e sofremos com isso é-lhes completamente indiferente. [7]

Quando um general ou ditador se torna pensativo por um momento enquanto digere a refeição, toda a falsa glória da filosofia da história se coloca imediatamente ao seu dispor para glorificar os seus atos. [8]

Afastei-me muito de toda a filosofia da história e guardo-me de atribuir um «sentido» às guerras e a outras atrocidades em particular. Mas continuo a acreditar no ser humano, ou seja, que ele é igualmente capaz do bem e do mal e que, apesar de todas as deformações, é capaz de regressar à razão e à bondade. [9]

Ninguém é culpado. Dispara-se e incendeia-se o mundo, reduzindo-o a escombros, e faz-se tudo isso com total inocência. É-se um «exponente» ou um «factor» ou qualquer outra coisa de espirituoso, mas não um ser humano, não um ser moral, sujeito a Deus e responsável perante Ele. A isso não dou um tostão furado. [10]

Assim como cada soldado morto a tiro é a eterna repetição de um erro, também a verdade terá de ser repetida eternamente e sempre de mil formas. [11]

Infelizmente, até agora não se teve boas experiências com as citações bíblicas na boca dos homens de Estado. [12]

Entre os perigos a combater conta-se também o medo da guerra, uma poderosa e contagiosa doença do espírito, de que os senhores do mundo e o seu séquito de fabricantes de armas e outros beneficiários da guerra se servem conscientemente para os seus fins. Não sucumbir pessoalmente a esse medo, enfrentá-lo em toda a parte, contrapor-lhe coragem e fé, faz parte dos deveres de quem tem boa vontade. [13]

A guerra não faz avançar o mundo; apenas adia, apenas lança temporariamente novos objetivos às paixões, e depois, mais cedo ou mais tarde, a miséria social volta a erguer-se, grande e terrível como antes. [14]

É um erro considerar a pólvora, os gases venenosos e os generais como potências espirituais, ainda que ocasionalmente possam tornar-se muito ativos. Preservar no coração uma serenidade e um amor no meio deste

mundo que trava guerras com afinco e sem cessar, e transmitir algo disso de vez em quando como poeta, tornou-se de ano para ano mais difícil — e ainda assim tem de ser sempre tentado de novo. [15]

Em relação ao oficial e ao oficioso continuo a ranger os dentes, e acho uma pena e uma irrisão que povos inteiros ainda façam continuamente mesuras convulsivas e obedeçam a ordens, enquanto os próprios governos não sabem o que querem nem o que devem fazer. [16]

O «pragmático» que nas reuniões e nas comissões tem sempre razão, tem sempre e constantemente errado fora das suas comissões. A razão está sempre do lado do futuro, do pensamento, da fé. [17]

Sou um fogão, mas podia igualmente ser um homem de Estado. Tenho uma boca grande, aquece pouco, deito fumo por um cano, ostento um bom nome e evoco grandes memórias. [18]

Somente na guerra matar é permitido, porque na guerra ninguém mata por ódio ou inveja em proveito próprio, mas todos fazem apenas o que a comunidade exige. [19]

Faz parte do estigma dos tempos de guerra tornar tudo o que é privado algo desprezível e, ao mesmo tempo, mostrar às pessoas, quanto mais são privadas de algo, tanto mais claramente, como árida e estéril é uma vida sem esse âmbito privado. [20]

O soldado que abate inimigos a tiro passa, no fundo, sempre por maior patriota do que o camponês que cultiva a sua terra o melhor possível. Pois este último tem disso vantagem pessoal. E curiosamente, na nossa complicada moral, a virtude que beneficia e aproveita ao próprio é sempre tida por duvidosa! Por quê, afinal? Porque estamos habituados a conquistar vantagens sempre à custa dos outros. Porque, cheios de desconfiança, achamos que temos sempre de cobiçar exatamente aquilo que o outro tem. [21]

Era completamente errada a opinião que frequentemente se ouvia durante a guerra: que esta guerra, já pelo simples facto da sua dimensão e pela sua horrível mecânica colossal, seria adequada a dissuadir as gerações futuras da guerra. A dissuasão não é um meio de educação. A quem matar dá prazer, nenhuma guerra lho tira. As ações dos seres humanos raramente derivam, nem num por cento, de considerações racionais. Pode estar-se completamente convicto do absurdo de um determinado ato e praticá-lo ainda assim com fervor. [22]

O ser humano primitivo odeia aquilo que teme, e em certas camadas da sua alma também o ser humano civilizado e culto é um primitivo. Assim, também o ódio de povos e raças por outros povos e raças não assenta na superioridade e na força, mas na insegurança e na fraqueza.

Um verdadeiro ser superior, um verdadeiro senhor, compadecer-se-á daquele a quem se sente superior, ocasionalmente também o desprezará, mas nunca o odiará. [23]

O lado onde os canhões trabalham nunca é o lado certo. [24]

O senhor e os seus amigos são da antiquíssima opinião de que a razão e a humanidade são coisas magníficas, mas que, perante situações politicamente ameaçadoras, é melhor pôr de lado essas coisas magníficas e confiar nos generais, no armamento e nas bombas. Esta é a opinião de qualquer multidão, de qualquer coletivo, e na Alemanha foi infelizmente sempre também a dos intelectuais. [25]

Também as formigas travam guerras, também as abelhas têm Estados, também os hamsters acumulam riquezas. [26]

O europeu comportou-se sempre em relação ao mundo de modo semelhante ao da Prússia em relação à Europa; foi o prussiano do mundo. [27]

Não há nada mais odioso do que as fronteiras, nada mais estúpido do que as fronteiras. São como os canhões, como os generais: enquanto reinam a razão, a humanidade e a paz, não se sente nada delas e sorri-se perante elas — mas assim que estoura a guerra e a loucura, tornam-se importantes e sagradas. [28]

Quando uma criança mal-comportada se recusa a aceitar castigo e correção porque outras crianças são igualmente mal-comportadas, sorrimos e temos a resposta pronta. Mas, tal como essa criança mal-comportada, nós invocámos repetidamente, ao longo de toda a triste guerra, o facto de que os nossos inimigos não eram pelo menos melhores do que nós. [29]

A guerra existiu sempre, desde que temos conhecimento dos destinos humanos, e haverá guerra enquanto a maioria das pessoas não puder participar no reino do espírito. A guerra ainda durará muito tempo, provavelmente existirá sempre. No entanto, a superação da guerra continua a ser o nosso objetivo mais nobre. O investigador que procura o remédio contra uma epidemia não abandonará o seu trabalho por ser surpreendido por uma nova epidemia. Ainda muito menos «paz na Terra» e fraternidade

entre os seres humanos de boa vontade deixarão alguma vez de ser o nosso ideal.

A cultura humana nasce do enobrecimento dos instintos animais, da vergonha, da fantasia, do conhecimento. Que a vida vale a pena ser vivida é o conteúdo e o consolo últimos de toda a arte, embora todos os que enalteceram a vida tenham tido de morrer. Que o amor é superior à ganância, a compreensão superior à cólera, a paz superior à guerra — é exatamente isso que esta funesta guerra mundial nos deve gravar mais fundo do que alguma vez anteriormente sentimos. [30]

A violência é o mal, e a não-violência é o único caminho daqueles que despertaram. Este caminho nunca será o de todos, nem nunca o dos governantes e daqueles que fazem a história do mundo e conduzem as guerras. A Terra nunca será um paraíso e a humanidade nunca estará unida e reconciliada com Deus. Mas quando se sabe de que lado se está, vive-se de forma mais livre e mais serena. É preciso estar sempre preparado para o sofrimento e a violação, mas nunca se deve estar disposto a matar. [31]

Quando o ser humano desligado encontra o ser humano à antiga e orientado para «Deus», com a arma na mão — seja a arma primitiva como instrumento de matar, seja a da mentira, da distorção, da propaganda —, então é mais valioso e mais correto para a subsistência de um sentido divino no mundo que o desligado mate o irmão indefeso do que o leve a desligar-se também por seu turno e a trair o pedaço de mundo pelo qual é o único responsável, ou seja, a si mesmo. [32]

É melhor sofrer uma injustiça do que cometê-la. É errado querer concretizar o desejado através de meios proibidos. São tolices para os generais, e os homens de Estado riem-se delas, mas são verdades antigas e provadas. [33]

Ficar passivamente à espera no meio do fogo é muito mais difícil do que atacar. [34]

Reconhecei que a guerra não é criada e desejada por forças externas, mas por vós mesmos, e tereis diante de vós o caminho para a paz. [35]

Riem-se dos objetores de consciência! Na minha opinião, eles são o sintoma mais valioso da época, mesmo quando o indivíduo apresenta razões estranhas para o que faz. Mas já se chegou ao ponto em que está em curso uma moção séria para que se dê àqueles que recusam o serviço por razões morais a oportunidade de cumprir o seu serviço em trabalho civil.

Talvez isso não seja aprovado, ainda não hoje, mas virá com toda a certeza, e talvez venha também um tempo em que por cada três soldados haverá dez prestadores de serviço civil, em que se entregará naturalmente o ofício de guerra, na medida em que ainda existir, aos brutamontes e aos fanfarrões natos. Mas nada disso teria vindo se antes uma série de pessoas não tivesse tido a coragem de, em nome de um sentimento forte, protestar contra a generalidade e recusar o serviço. [36]

O mundo inteiro é militante, armado e pronto a prender ou a matar os adversários — mas assim que algures alguém fala de conciliação, tolerância e fraternidade, tem de imediato todas as frentes do mundo contra si, desde o capitalismo americano até Estaline, do pastor protestante ao católico. Não é nada de novo. [37]

Não é apenas a guerra entre povos com armas, cujo horror e absurdo se me tornaram evidentes. É qualquer guerra, é qualquer forma de violência e de interesse próprio combativo, é qualquer forma de menosprezo pela vida e de abuso do próximo. Por paz não entendo apenas o domínio do militar e do político, mas a paz de cada ser humano consigo mesmo e com o seu vizinho, a harmonia de uma vida plena de sentido e de amor. [38]

São, na minha opinião, duas doenças mentais a que devemos o estado atual da humanidade: o megalomaníaco culto da técnica e o megalomaníaco culto do nacionalismo. Elas dão ao mundo atual o seu rosto e a sua consciência de si, trouxeram-nos duas guerras mundiais com as suas consequências e, até se esgotarem, ainda hão de produzir muitas consequências semelhantes.

A resistência a estas duas doenças do mundo é hoje a tarefa mais importante e a justificação do espírito na Terra. A esta resistência serviu também a minha vida, uma pequena onda na corrente. [39]

O alicerce de uma ordem futura será tão grande quanto os sacrifícios que hoje fazemos. [40]

De entre os milhares que no Verão de 1914 viveram a grande embriaguez, alguém como nós, por ter permanecido sereno, é posto em dúvida, até odiado. Alguém como nós não pôde partilhar a embriaguez porque a vida em comunidade suprapessoal (que aqueles viveram então pela primeira vez como algo de colossal) há muito deixara de ser novidade. A turva chama do patriotismo é em si estimável, boa e nobre. É semelhante ao primeiro amor, uma experiência que sacode e desperta a alma. Quem nela fica estagnado empobrece. Mas não tem de ficar parado; até o

patriotismo (uma forma infantil de amor) pode tornar-se para ele prelúdio e átrio para o pensamento da humanidade. [41]

Gosto de ser patriota, mas primeiro sou ser humano; e onde ambos não são compatíveis, dou sempre razão ao ser humano. [42]

O patriotismo substitui o indivíduo por um complexo maior. Mas só é verdadeiramente apreciado como virtude quando o tiroteiro começa. [43]

Para mim já não existe «pátria» nem ideais; tudo isso é apenas decoração para os senhores que preparam o próximo massacre. [44]

Não se pode considerar o patriotismo como atávico e ao mesmo tempo ser membro de clubes de jogo de bowling ou de tertúlias de poetas. [45]

A juventude embriagada de tragédia e grandeza, que outrora andava de mochila e guitarra, era em parte cómica, em parte encantadora, mas rapidamente se revelou excelente para fazer a guerra, conquistar e torturar. [46]

É covarde quem se furta às obrigações, sacrifícios e perigos que o seu povo tem de enfrentar. Mas igualmente covarde e traidor é quem trai os princípios da vida espiritual em favor de interesses materiais, quem está disposto, por exemplo, a deixar aos detentores do poder a decisão sobre quanto é dois vezes dois. Sacrificar o sentido da verdade, a honestidade intelectual, a fidelidade às leis e aos métodos do espírito a qualquer outro interesse, incluindo o da pátria, é traição. Quando na luta dos interesses e das palavras de ordem a verdade corre o risco de ser igualmente desvalorizada, deturpada e violentada como o indivíduo, então o nosso único dever é resistir e salvar a verdade, ou seja, o esforço em direção à verdade como o nosso supremo artigo de fé. [47]

Não considero o oficial fiel ao seu dever como inferior ao mártir que permanece indefeso; cada um está no seu lugar e vale exatamente tanto quanto aquilo que presta em fidelidade e sacrifício. Quando um oficial cumpre o seu dever, tem o meu pleno reconhecimento — quando não o faz, quando presta atenção cuidadosa a se os seus soldados o saúdam pontualmente, mas em caso de necessidade pensa primeiro em si próprio, então é simplesmente um patife. E do mesmo modo: quando um pacifista prega ao longo de toda a sua vida a indefensão e a renúncia à violência, mas em caso de perigo grita a pedir canhões e bombas para a sua salvação, então também ele é um patife. [48]

Quem trabalha por valores espirituais terá sempre contra si tanto os patriotas da bravata como os patriotas da carteira, e muitas vezes ambos estão reunidos na mesma pessoa. [49]

Os seres humanos são bestas quando não há uma estrela sobre eles, mas não podemos atribuir o monopólio da bestialidade a um único povo. [50]

A alegria com o heroísmo, no meu sentir, só é permitida àqueles que arriscam a própria vida; nos outros é uma embriaguez e provavelmente também uma grosseria de espírito que me envergonha e irrita. [51]

O heroísmo que tão bem aparece nas ordens do dia e nos relatórios de vitória é uma sentimentalidade. Quando um vencido e infeliz se tira a vida aos pés da sua bandeira, ou quando alguém que teve azar já não quer saber de amizade, amor e bondade, por considerar que o abandonaram, tal comportamento só impressiona os frequentadores de teatro. Ranger os dentes não é heroísmo, e consolar-se com punho no bolso à espera de revanches longínquas é lamentável. [52]

Por nacionalismo designo o nível de consciência nacional em que o pensamento da fraternidade de todos os seres humanos corre o risco de ser dominado pelo patriotismo. [53]

De entre os vários ídolos para os quais o ser humano pode desviar o seu egoísmo, enobrecendo-o (convencendo-se de que assim o sublima), considero os conceitos nacionalistas e patrióticos os menos elevados: o nacionalismo como religião ou substituto da religião parece-me adequado para povos sem talento religioso; para os outros é uma queda para algo mais baixo. [54]

O homem de Estado que ainda hoje quer fazer política mundial a partir de programas puramente nacional-egoístas, que ainda agora não ouviu o apelo da humanidade — coloquemo-lo antes já hoje à porta do que apenas quando mais milhões tiverem sangrado pela sua estupidez! [55]

Em épocas de grandes provações pode fazer-se a estranha experiência de que há provavelmente mais pessoas que sabem morrer por valores ideais do que pessoas que sabem viver por eles. [56]

Todas as exigências heroicas são recalcamentos. [57]

Acho que a nossa vida, a vida média de um ocidental de hoje, é tão horrível que só pode ser suportada por bestas, por idiotas, por pessoas sem nervos, sem gosto, sem vibrações subtis; o «heroísmo» é aliás o ideal desta época e acaba a quarenta graus negativos na trincheira. Não, os seres

humanos só suportam esta vida porque já desaprenderam os dons mais delicados e, entre eles, os melhores e mais belos do ser humano. [58]

Pátria nunca foi para mim um conceito político, mas puramente humano. Onde fomos crianças e recebemos as primeiras imagens do mundo e da vida, onde aprendemos a ver, a falar e a pensar, aí está a nossa pátria, e eu amei sempre a minha com gratidão. [59]

Em cada nação vivem algumas pessoas verdadeiras que estão em comunhão demasiado íntima com a natureza ou com o espírito para ainda conseguirem pensar em termos nacionais. Nessa ínfima minoria vivo eu. [60]

O pensamento de que a Europa como unidade ideal futura poderia representar um estádio preliminar em direção a uma humanidade unida é, como qualquer cosmopolitismo, atualmente rejeitado com veemência e remetido para o reino dos sonhos poéticos. Concordo com isso, mas prezo muito os sonhos poéticos, e o pensamento de uma unidade de toda a humanidade não me parece de modo algum apenas o belo sonho de alguns espíritos elevados, como Goethe, Herder, Schiller, mas uma vivência da alma, ou seja, o mais real que pode existir. Este pensamento é também o fundamento de todo o nosso sentir e pensar religioso. Toda a religião superior e viável, toda a visão do mundo artístico-criadora tem como um dos seus primeiros princípios a convicção da dignidade e da vocação espiritual do ser humano. [61]

Bem-aventurados aqueles simples que podiam amar a si mesmos e odiar os seus inimigos, bem-aventurados aqueles patriotas que nunca precisaram de duvidar de si mesmos, porque de toda a miséria e infortúnio do seu país eles próprios jamais tinham a mínima culpa, mas naturalmente os franceses, ou os russos, ou os judeus, tanto faz quem, apenas sempre um outro, um «inimigo»! Talvez estas pessoas, nove décimos dos vivos, fossem verdadeiramente felizes na sua religião primitiva e bárbara, talvez vivessem de forma invejavelmente alegre e despreocupada dentro da sua couraça de estupidez ou de uma hostilidade ao pensamento extremamente astuta. [62]

Para governar não é de modo algum necessário ser-se estúpido e brutal, como por vezes pensam os intelectuais vaidosos; o que é necessário para governar é, sim, um prazer inabalável numa atividade voltada para o exterior, uma paixão de se identificar com objetivos e finalidades, e também uma certa rapidez e despreocupação na escolha dos caminhos para o sucesso. Todas elas qualidades que um estudioso não deve ter nem tem,

pois para ele a contemplação é mais importante do que a ação. Na escolha dos meios e métodos para atingir o seu objetivo, aprendeu a ser o mais escrupuloso e desconfiado possível. [63]

Um comportamento moral em relação ao mundo só é possível e salutar quando se assume a porcaria da vida, a cumplicidade na morte e no pecado, em suma, todo o pecado original, e se renuncia a ver sempre a culpa nos outros. [64]

É perturbador com que exatidão funcionam as leis morais da história. Um poder excessivo e indecoroso corrompe as pessoas infalivelmente. [65]

O poder, seja monárquico ou anónimo, mostrou-se sempre disposto a favorecer uma nobreza emergente através de proteção e privilégios, seja ela uma nobreza política ou outra, de nascimento ou de seleção e educação. A nobreza favorecida engrandeceu-se sempre ao sol, mas estar ao sol e ser privilegiada tornou-se para ela, a partir de um certo estágio de desenvolvimento, uma tentação e levou à sua corrupção. [66]

É sabido que os atavismos mais crassos sentem a necessidade mais premente de se disfarçar de modernidade e de progresso. [67]

O mundo sufoca com a desumanidade e a desnaturalidade de quem o governa. [68]

Também em épocas anteriores, aparentemente melhores, as forças da ganância e da estupidez desempenharam na história do mundo um papel maior do que a maioria dos historiadores admite. [69]

O poder é como a lepra: quem dele é contagiado adoece e faz inevitável e involuntariamente o que é errado e mau. [70]

Hoje a razão política já não reside onde reside o poder político. Tem de se verificar um afluxo de inteligência e intuição proveniente de círculos não oficiais, se se quiser evitar ou atenuar catástrofes. [71]

Também nas coisas públicas e políticas acontece assim: frequentemente os grandes pecados são cometidos com mais inocência de criança do que são censurados por muitos intelectuais que se consideram a consciência do mundo. Nós, os do espírito, não devemos ter a patente de ser a consciência dos povos, mas devemos viver sofrendo a injustiça e os atos dos líderes, como co-sofredores, como quem se sabe culpado. [72]

Uma recaída na sugestão de massas fascista, ainda que por períodos curtos, considero-a possível em vários países, não apenas na Europa.

Quanto mais a personalidade individual e a família perdem consideração e margem de ação nos Estados modernos e são substituídas pelo coletivo e pela uniformização, maior é o perigo. [73]

Participamos no mal e na guerra no mundo. E sempre que reconhecemos vivencialmente esta nossa pertença, sempre que dela nos envergonhamos, torna-se-nos também claro que os governantes do mundo não são demónios, mas seres humanos, que não fazem ou permitem o mal por maldade, que agem numa espécie de cegueira e inocência. [74]

Entre seres humanos estatizados e organizados, nada acontece com mais dificuldade e raridade do que o razoável e o natural. [75]

Quanto mais indivíduos existirem que contemplem o teatro do mundo com serenidade e sentido crítico, menor é o perigo das grandes estupidezes coletivas, em primeiro lugar das guerras. [76]

O fascismo e o bolchevismo são irmãos inimigos, mas ainda assim irmãos, e onde um cresce, aduba o terreno para o outro e convoca-o. [77]

No que diz respeito à relação do ser humano com o político, o funcionário do Estado que «não quer saber de política» é, na minha opinião, um parasita, e o soldado que devasta um país e dispara diariamente sobre pessoas, pensando apenas em heroísmo e honra militar e nunca no sangue derramado e nas cidades destruídas, é uma cabeça de criança perigosa. A maioria dos funcionários e soldados são assim e pensam assim, e pouco têm a reprovar-se mutuamente. [78]

A tentativa fascista é uma tentativa regressiva, inútil, insensata e ignóbil; mas a tentativa comunista é uma que a humanidade teve de fazer e que, apesar do seu triste enleamento no desumano, terá de ser feita repetidamente, não para realizar a estúpida «ditadura do proletariado», mas algo como a justiça e a fraternidade entre a burguesia e o proletariado. Isso esquece-se facilmente dada a semelhança dos métodos com que o fascismo e o comunismo trabalham. [79]

Os encontros com a brutalidade e a inveja, a maldade e um ódio frequentemente incompreensível no nosso meio são sempre terríveis, embora devêssemos saber que é assim, que a maioria dos seres humanos são semi-humanos e que muitos são bestas. Estamos rodeados e ameaçados pela vileza tanto como pela morte. O nosso espanto perante isso tem provavelmente que ver com o facto de que, embora não respondamos à vileza com vileza, secretamente sabemos ou pressentimos que as condições de vida da maioria das pessoas são indignas e têm necessariamente de gerar

vileza por força natural, e que nós, os mais bem educados, cultos e mimados, participamos secretamente na terribilidade das condições. [80]

O desespero é melhor do que o medo surdo do burguês, que só recorre ao heroísmo quando vê a sua carteira ameaçada. [81]

Em todo o lado se procura a «liberdade» e a «felicidade» algures atrás de si, por puro medo de ser lembrado da própria responsabilidade, do próprio caminho. Bebem-se e festejam-se alguns anos, e depois alguém afunda-se e torna-se um senhor sério ao serviço do Estado. [82]

Para mim, que não tenho a função do político, não pode naturalmente tratar-se de me adaptar a estas condições atuais e de delas tirar o melhor possível em termos relativos, mas de permanecer espiritualmente em relação com o futuro. Não posso separar o futuro da Alemanha do futuro do mundo, como os autarcas, etc., gostariam de fazer, mas vejo como sempre uma Alemanha que não realizou a sua revolução, que não adotou e assimilou a sua nova forma de Estado e que está disponível para qualquer aventura, mas teme a razão como o diabo. [83]

Todo o dinheiro é roubado, toda a riqueza é injusta. [84]

Uma acusação nunca se torna nula pelo facto de não poder ser provada juridicamente. [85]

Estive sempre do lado dos oprimidos contra os opressores, do acusado contra os juízes, dos que têm fome contra os que se fartam. [86]

Toda a história do mundo parece girar sempre em torno de objetivos e convicções ou transformações do mundo que rapidamente se revelam apenas metade tão sérias como pareciam. Ainda ontem se estava cheio de nobres convicções, mas hoje também se pode ser de outra maneira — é o que há de mais fastidioso. [87]

Viver com intensidade só é possível à custa do eu. Ora o burguês não aprecia nada mais do que o eu (um eu apenas rudimentarmente desenvolvido, é certo). À custa da intensidade, portanto, alcança a conservação e a segurança; em vez da possessão divina colhe a tranquilidade de consciência, em vez do prazer o bem-estar, em vez da liberdade o conforto, em vez do ardor mortal uma temperatura agradável. O burguês é por isso, na sua essência, uma criatura de fraco impulso vital, ansiosa, temendo qualquer entrega de si mesma, fácil de governar. Por isso substituiu o poder pela maioria, a violência pela lei, a responsabilidade pelo processo de votação. [88]

Para mim, um entusiasta convertido que primeiro foi com paixão patriota e guerreiro e agora é com nova paixão revolucionário e internacionalista, é muitíssimo mais apreciável do que aquele que assistiu a ambas as coisas com tibieza e medida indiferença. [89]

A pessoa e o programa não são a mesma coisa. Com os adversários, até com os inimigos declarados, pode ter-se mais prazer e aprender mais coisas boas do que com os correligionários que apenas o são com a inteligência e com a palavra. [90]

Tenho amigos suficientes que pensam politicamente de forma exatamente inversa à minha, e tenho, entre os correligionários políticos, gente suficiente que não consigo levar a sério. [91]

Eu próprio, por boas razões, não sou nem *«burguês»* nem socialista, embora, do ponto de vista puramente político, considere o socialismo como a única atitude decente... considero esta visão do mundo tão contestável como qualquer outra, mas, no atual estado das coisas, o socialismo é, afinal, a única doutrina que exerce, pelo menos seriamente, uma crítica aos fundamentos da nossa falsa sociedade e modo de vida. [92]

Ao longo da minha vida, que foi rica em conhecimentos com pessoas de muitos países, conheci até agora apenas um número surpreendentemente pequeno de pessoas cujas opiniões políticas divergem, de facto, muito das dos editoriais que leem. Por isso, sinto-me inclinado a não reconhecer a opinião política como uma característica genuína de uma personalidade, e interesso-me muito mais pelo que está por trás dessas opiniões, pelas pessoas em si. [93]

Vejo a posição da Alemanha no mundo de um ponto de vista puramente psicológico e interesso-me, nomeadamente com um certo horror, pela fabulosa capacidade alemã de *«recalcamento»*, pela aceitação crente de embelezamentos ideológicos para a violência e a injustiça. Aqui, onde a fraqueza alemã, aliás a degeneração, está tão intimamente ligada ao melhor talento alemão, reside para o meu conhecimento um pequeno pedaço do tecido exposto. A capacidade de fazer uma religião do que é mais insensato e terrível é grande entre nós. [94]

O alemão é muito sentimental e, onde a sua sentimentalidade contrai a não rara união com a brutalidade, ele torna-se insuportável. [95]

As opiniões só me interessam onde levam a atos e sacrifícios. Um homem que pensa o oposto de mim, mas que me agrada e me impressiona

como tipo, é-me muito mais querido do que qualquer correligionário que talvez seja um cobarde e um tagarela. [96]

Não sou uma natureza revolucionária, porque Deus não o quis, mas, a haver revolução e luta pelo poder, então que se execute e se fale a sério. E o facto de o comunismo alemão hoje não parecer ter cabeça não seria uma objeção contra os seus objetivos. A revolução russa, antes de Lenine chegar, também não tinha cabeça e, sem Lenine, ter-se-ia aburguesado completamente. [97]

O que está a acontecer no mundo é uma das últimas etapas do colapso da economia capitalista, que sobreviveu ao seu auge e ao seu sentido e agora dá lugar ao novo. Provavelmente o novo é o comunismo, que em si não me é antipático. Se, de um dia para o outro, se abolisse a propriedade e o direito sucessório em todos os países e se os 90% da humanidade que hoje passam fome deixassem de ser governados pelos 10% dos saciados, isso seria apenas belo. [98]

Sou, no meu pensamento, muito mais socialista do que, por exemplo, todo o pessoal do *«Vorwärts»* (desde 1914 que lhe chamo sempre *«Rückwärts»*), sou-o no sentido de um homem como [Gustav] Landauer. Creio também conhecer mais o meu povo, amá-lo mais e trabalhar mais por ele do que qualquer político de partido em todo o Reich. [99]

Que a vaga do Leste traga os mesmos métodos de terror que antes a nacional-bolchevista é irrelevante. O comunismo é o contraponto e a correspondência ao oposto: se o capitalismo envelhecido tivesse tido a força para superar a sua crise e formar comunidade, o ar teria faltado ao contraponto. [100]

Observo apenas com espanto, já não com um real desejo de compreender, como até os impulsos políticos mais infantis, aliás bestiais, se apresentam como *«visões do mundo»* etc., e até assumem os gestos de religiões. Estes sistemas têm em comum com o socialismo marxista, que é muito mais espiritual, o facto de considerarem o ser humano quase ilimitadamente politizável, o que ele não é — considero as convulsões do mundo atual, em grande parte, uma consequência deste erro. [101]

Sou, em pensamento, tão de esquerda como o mais esquerdista bolchevique e acho o resultado da *«revolução»* alemã, o governo burocrático mentiroso-estúpido dos burgueses socialistas e católicos, de ganir. Mas, nos meus sentimentos propriamente ditos, não sou revolucionário e não considero que o espírito tenha sido concedido ao

homem para que os proletários recebam pão. Que eles o vão buscar e, por mim, matem uma mão cheia de ricaços pelo caminho, mas provocar isto não é certamente, como pensam os críticos comunistas, tarefa dos poetas e literatos; além disso, o pouco de espiritual que a isso pertence, já Marx o providenciou há cerca de 100 anos. [102]

Que as condições sociais no fim da época capitalista já não sejam viáveis e venham a ser varridas pela revolta dos desfavorecidos é inevitável; nesse aspeto, Truman trava uma luta tão fútil como Hitler. Mas que, da co-participação e igualdade de direitos de todos os seres humanos nos bens da terra, se tenha feito a «ditadura do proletariado», mostra bem como a ideia está doente e foi abusada. [103]

Pena que a Alemanha não tenha um comunismo forte e criativo! Uma reviravolta comunista, mas não uma mera cópia de Moscovo, parecer-me-ia a única solução real. Mas no nosso país, ao que parece, só são fortes os partidos que nada têm a ver com o presente. [104]

Para o futuro, parecer-me-ia que a Alemanha teria a tarefa de encontrar novas formas de descapitalização entre o Soviete e o Ocidente. [105]

Enquanto o comunismo não visar a distribuição do poder e da posse por todos, mas sim a «ditadura do proletariado», ele é, comparado com Marx, um retrocesso; e enquanto os seus beneficiários não forem o povo, mas sim o pequeno grupo de figurões, não há mais nada a falar sobre isso. [106]

Naturalmente que o comunismo que Marx pretendia há 80 anos no *«Manifesto»* nada tem em comum com o que hoje se desencadeia sob esta bandeira. O que é mau nisto para nós, pensadores, é que aquilo em que o comunismo se tornou entretanto diminui muito as perspetivas de uma forma realmente suportável e humana do verdadeiro comunismo, e fortalece infinitamente todas as tendências que ainda recuam para muito antes de Marx, dando-lhes aparentemente razão. [107]

Creio no comunismo como programa para a próxima hora da humanidade, considero-o indispensável e inevitável. Mas não creio, de modo algum, por causa disso, que o comunismo tenha melhores respostas para as grandes questões da vida do que qualquer sabedoria anterior. Creio que, após cem anos de teoria e da grande experiência russa, ele tem agora não só o direito, mas o dever de se realizar no mundo, e creio e espero sinceramente que ele consiga abolir a fome e tirar um grande pesadelo da humanidade.

Mas que com isso se realize o que as religiões, legislações e filosofias de milénios anteriores não conseguiram realizar, nisso não creio. Que o comunismo, para além do anúncio do direito de cada homem ao pão e à dignidade, tenha razão e seja melhor do que qualquer forma de crença anterior, nisso não creio. Ele tem as suas raízes no século XIX, em pleno solo do mais árido e presunçoso domínio da razão de um professorado que tudo sabe, sem imaginação e sem amor. Karl Marx aprendeu a pensar nesta escola, a sua visão da história é a de um economista nacional, de um grande especialista, mas não é de modo algum mais «objetiva» do que qualquer outro tipo de visão; é extraordinariamente unilateral e inelástica; a sua genialidade e justificação não residem no seu nível superior de espírito, mas na sua determinação para a ação. [108]

Interessante e difícil é a luta entre operários e capitalistas quando de ambos os lados existe algo como uma boa vontade, quando o capitalista é rico, mas, apesar de tudo, um homem decente. Se ele roubou o seu dinheiro..., todo o problema perde a sua seriedade, de uma questão espiritual passa a ser uma peça de detetives. [109]

Não considero o comunismo apenas justificado, considero-o evidente — ele viria e venceria, mesmo que todos fôssemos contra. Quem hoje está do lado do comunismo, afirma o futuro. Mas agora perguntarão provavelmente: Por que razão eu, se afinal acredito na correção do comunismo e quero bem aos oprimidos, não parto convosco para a luta e coloco a minha pena ao serviço do vosso partido.

A isso é mais difícil de responder, pois aqui trata-se de coisas que para mim são sagradas e vinculativas, mas que para vós mal existem. Recuso total e decididamente entrar como membro do partido ou colocar a minha escrita ao serviço de um programa, embora a perspetiva de irmãos e camaradas, de comunidade com um mundo de correligionários, fosse suficientemente tentadora. [110]

Se um poeta pertence ao partido e tem apenas o talento de um aluno do secundário, faz-se dele uma propaganda intensa. Se não pertence ao partido, ele não existe e é, por princípio, mencionado apenas com juízos negativos. [111]

O futuro socialista não terá nos autores rapidamente prontos, que acorrem após a primeira vitória da revolução vindoura para se fazerem inscrever no partido, os seus melhores precursores. [112]

Enganar-vos-eis para vosso prejuízo se acreditardes que um poeta é um instrumento de que a classe dominante de turno se pode servir à vontade, no sentido de um escravo ou de um talento venal. Com essa opinião, dar-vos-íeis mal com os vossos poetas, e seriam precisamente os que não valem nada que ficariam colados a vós. Mas aos verdadeiros artistas e poetas, caso queirais mais tarde preocupar-vos com isso, reconhecê-los-eis pelo facto de terem um impulso irreprimível de independência e pararem imediatamente de trabalhar se os quiserem forçar a fazer o trabalho de outra forma que não seja apenas segundo a própria consciência. Eles não serão vendáveis nem por pão doce nem por altos cargos e preferirão deixar-se matar a deixar-se abusar. Por isso podereis reconhecê-los. [113]

Um poeta, por amor à pátria, não deve tornar-se nem jornalista nem homem de partido, nem colocar-se entre os fornecedores de guerra, por mais tentador que isso possa ser comercialmente. Ele deve vivenciar este tempo, não tentar explorá-lo antes de o ter vivido, e ele não deve a si próprio nem ao seu povo praticar coisas a que nada o obriga. [114]

Se o intelectual se sente obrigado a participar no político, se a história do mundo o chama para tal, então deve, na minha opinião, seguir incondicionalmente. Deve resistir assim que é chamado ou pressionado de fora, pelo Estado, pelos generais, pelos detentores do poder, mais ou menos como no ano de 1914 a elite dos intelectuais alemães foi mais ou menos compelida a assinar proclamações tolas e falsas. [115]

Se estamos dispostos a sacrificar o nosso bem-estar, a nossa comodidade, a nossa vida ao povo quando este está em perigo, isso não implica que estivéssemos dispostos a sacrificar o próprio espírito aos interesses do dia, dos generais ou do povo. Sacrificar o sentido da verdade, a honestidade intelectual a qualquer outro interesse, mesmo ao da pátria, é traição. O erudito que conscientemente diz o que é falso, que apoia conscientemente mentiras e falsificações, não age apenas contra leis orgânicas fundamentais, ele além disso, apesar de toda a aparência atual, não presta nenhum benefício ao seu povo, mas sim dano; ele envenena o pensamento e o direito e ajuda a tudo o que é mau e hostil. [116]

Só nos devemos entregar às necessidades e problemas do dia se estivermos dispostos a tomar partido neles e a empenharmo-nos totalmente. Como não conheço o partido cujo objetivo eu pudesse afirmar totalmente, este caminho não existe para mim. [117]

Como se sabe, sob o signo da política e do partido, o homem já não tem obrigação de ter sentimentos e métodos humanos, mas apenas partidários e bélicos. [118]

Humanidade e política excluem-se, no fundo, sempre. Ambas são necessárias, mas servir a ambas ao mesmo tempo é quase impossível. A política exige partido, a humanidade proíbe o partido. [119]

Evito com todo o cuidado tomar partido publicamente. Não o faço por comodidade, mas pela convicção, ou melhor, pelo conhecimento de que a disputa em torno de partidos e princípios ocorre num plano totalmente diferente daquele que constitui os meus próprios pensamentos e esforços. [120]

O espírito contra o poder, a qualidade contra a quantidade não podem lutar. [121]

O macio é mais forte que o duro, a água mais forte que a rocha, o amor mais forte que a violência. [122]

O poeta não é nem algo melhor nem algo menor do que o ministro, do que o engenheiro, do que o orador popular, mas ele é algo completamente diferente deles. Um machado é um machado, e pode usar-se para rachar lenha ou também cabeças. Mas um relógio ou um barómetro existem para outros fins e, se se quiser rachar lenha ou cabeças com eles, estragam-se sem que ninguém tire proveito disso. [123]

O que para o pensador e crítico da época é perigo e, em última análise, ilícito: deixar a sua crença sem formulação, isso é perfeitamente permitido ao poeta, ao que está perdido no seu mundo de imagens, ao reverente sem catecismo, ao piedoso sem igreja. Tanto a direita como a esquerda costumam desconfiar destes espíritos nobres para quem o amor está acima do ódio, o preservar acima do destruir, o saber esperar acima das palavras de ordem. Hoje em dia, o poeta que não abandona o campo do seu trabalho e dever para se armar em atual é facilmente insultado. No entanto, ele exerce um cargo importante e sagrado; nenhum outro é mais importante no meio de tempos excitantes e apaixonados. [124]

Matamos ao fechar os olhos perante a pobreza, a necessidade, a vergonha. Matamos ao observar com indiferença, por comodidade, instituições moribundas na sociedade, no Estado, na escola, na religião, e ao fingir aprovação em vez de lhes virar as costas decididamente. Tal como para o socialismo consequente a propriedade é um roubo, assim para o crente consequente do nosso tipo qualquer não reconhecimento da vida,

qualquer dureza, qualquer indiferença, qualquer desprezo não é outra coisa senão matar. Pode-se matar não só o presente, mas também o futuro. [125]

Nunca igualei as tentativas de Hitler, Mussolini ou Franco, que são retrógradas, estúpidas e inúteis, à grande tentativa do comunismo, que é absolutamente necessária; e no entanto, os homens em cujas mãos caiu o aparelho de poder do comunismo tornaram-se culpados de cada violação do ser humano, de cada terror e de cada brutalidade. Parece realmente que ao ser humano apenas é dada uma esperança: a de não poder mudar o mundo e os outros, mas pelo menos de se poder mudar e melhorar a si próprio de algum modo, e naqueles que o fazem repousa secretamente a salvação do mundo. [126]

No curso do meu desenvolvimento, não me esquivei aos problemas do tempo e nunca vivi, como pensam os meus críticos políticos, numa torre de marfim — mas o primeiro e mais ardente dos meus problemas nunca foi o Estado, a sociedade ou a Igreja, mas sim o ser humano individual, a personalidade, o indivíduo único, não normalizado. [127]

O que muitas vezes trava ou retarda os meus passos na vida prática, o que parece hesitação ou indecisão, é talvez em mim fraqueza, mas é o oposto de leviandade; baseia-se num sentimento muito acentuado da responsabilidade do homem por cada um dos seus passos. [128]

Era a vida «privada», a vida individual na sua ameaça pela mecanização, pela guerra, pelo Estado, pelos ideais de massa, que eu tinha de defender. Também não me tinha passado despercebido que não raras vezes é preciso mais coragem para ser não-heroico e simplesmente humano em vez de ser heroico. [129]

Eu, um indivíduo, não importa se me querem considerar como «grande» (como diz) ou mais como patológico, nunca fui capaz de ser o juiz e o corretor dos outros. Comuniquei, de tempos a tempos, o que vivi e o que pensei ao fazê-lo, mas nunca na crença de que com isso proferia máximas ou mesmo axiomas de uma justiça mundial, mas sim — nisso sou, afinal, menos estúpido do que me vê — soube sempre com precisão que ali falo como indivíduo, não como funcionário de uma verdade objetiva, não como pregador de uma organização e doutrina que acredita em si mesma.

Se tenho tantas dúvidas e não sei de forma tão divina distinguir o justo do injusto, sei no entanto uma coisa: com o meu método de comunicar aos homens não doutrinas e verdades supostamente exatas, mas o que foi vivido, o subjetivo, portanto não o «verdadeiro», mas sim o real — com

este método permaneço talvez, no seu sentido, sem sucesso e falo ao vento (o que também não é verdade, pois sei por mil cartas e conversas o tipo de efeito que me é possível), mas por outro lado também tenho a certeza de que por minha causa e por causa da minha verdade e do meu modo nunca um homem ou mesmo um povo será perseguido, que as minhas lições nunca serão executadas pela polícia, pela justiça e pelo exército, seja no sentido de Estaline, o justo mundial, ou do Conselheiro Federal X, que conhece a justiça não menos exatamente.

No meu caminho não se derrama sangue nem se comete violência, mas sim no vosso, no caminho da pretensão à verdade absoluta, tal como cada partido, cada povo, cada organização política a reivindica para si e tenta executar com mais ou menos violência. [130]

Quanto menos posso acreditar no nosso tempo, quanto mais me parece ver a humanidade a decair e a definhar, menos oponho a este declínio a revolução, e mais acredito na magia do amor. [131]

Declarar-se pelo comunismo significa, para quem exige de si próprio uma prestação de contas intelectual, a questão: «Quero e aprovo a revolução? Posso dizer que sim ao facto de se matarem pessoas para que outras pessoas tenham depois, talvez, uma vida um pouco melhor?». Ali reside o problema do pensamento. Eu não me concedo o direito à revolução e ao homicídio. Isso não impede que eu considere a multidão popular que algures mata e explode em necessidade e raiva como inocente. Mas eu próprio, se nisso participasse, não seria inocente, pois renegaria um dos poucos princípios absolutamente sagrados que tenho. [132]

Vivi a guerra de 1914-18 de forma tão intensa e até à aniquilação, que desde então estou perfeitamente e inabalavelmente esclarecido sobre uma coisa: que eu, pessoalmente, recuso qualquer alteração do mundo através da violência e não a apoio, nem sequer a socialista, nem mesmo a aparentemente desejada e justa. São sempre os errados que são mortos e, mesmo que fossem os certos: na força melhoradora e purificadora do matar é que eu não acredito e vejo no agudizar das lutas partidárias até à guerra civil, embora a força da decisão, a tensão moral do «Ou-Ou», mas recuso a violência. O mundo está doente de injustiça, sim. Está ainda muito mais doente por falta de amor, de humanidade, de sentimento de fraternidade. O sentimento de fraternidade que é alimentado pelo facto de se marchar aos milhares não é para mim aceitável, nem na forma militar nem na revolucionária. [133]

Estamos de acordo em que aquele que foi arrebatado pela verdade deve estar disposto a entregar a felicidade e a vida. No meu caso e no dos meus poucos correligionários, porém, acrescenta-se ainda isto: nós podemos morrer pela nossa crença, mas não matar. [134]

Considero o uso da violência proibido em todas as circunstâncias, mesmo quando ocorre no interesse do «bem». [135]

A revolução não é outra coisa senão a guerra; é, tal como esta, uma *«continuação da política por outros meios»*. [136]

Apesar de tudo, na Revolução Francesa de 1789, nunca amei nem admirei os revolucionários, mas sim sempre os aristocratas que morriam com uma boa postura. Pois, apesar de todas as verdades cristãs, democráticas e socialistas, que num campo mais raso permanecem de facto verdadeiras, cada cultura, cada beleza baseia-se na nobreza, num ser bem-nascido nos sentidos, no espírito e na alma — hoje, os mais nobres têm de morrer, pois têm olhos, ouvidos e almas despertos e delicados. [137]

O sensato aspira ao poder, nem que seja apenas para impor o «bem». O seu maior perigo reside aqui, na aspiração ao poder, no seu abuso, no querer mandar, no terror. Trotsky, para quem é totalmente insuportável ver um camponês ser espancado, manda chacinar centenas de milhares sem escrúpulos por amor à sua ideia. [138]

Tudo o que é político não me atrai, caso contrário há muito que seria revolucionário. [139]

A maioria das pessoas não tem convicções pessoais, mas sim as da sua casta; tanto os capitalistas como os socialistas são, em 99 por cento, seguidores de opiniões para cuja verificação o seu espírito não é de todo suficiente. [140]

Nunca sentiste que eu recuso programas e «convicções» já formuladas apenas porque elas empobrecem e estupidificam os homens infinitamente? [141]

Viva a multiplicidade, a diferenciação e a gradação. É magnífico que existam muitas raças e povos, muitas línguas, muitas variantes de mentalidade e visões do mundo. Se sou alguém que odeia e um opositor irreconciliável das guerras, das conquistas e das anexações, sou-o, entre outras razões, também porque estas forças sombrias sacrificam tanto do que se tornou histórico, do que é altamente individualizado e ricamente diferenciado na cultura humana. [142]

Provavelmente o futuro pertence ao comunismo. Outra questão é quanto tempo durará esse futuro. No ano de 1500, o futuro pertencia claramente ao protestantismo. [143]

Entre Marx e eu existe, abstraindo das dimensões muito maiores de Marx, esta diferença: Marx quer mudar o mundo, eu porém o homem individual. Ele dirige-se às massas, eu aos indivíduos. [144]

A uniformização [*Gleichschaltung*], por mais bem-intencionada que seja, vai contra a natureza. Leva ao fanatismo e à guerra. [145]

Cada ser humano é algo pessoal e único, e querer colocar uma consciência coletiva no lugar da consciência pessoal já significa violação e é o primeiro passo para tudo o que é totalitário. [146]

Compreendo e aprovo que um homem exija muito de si próprio; mas se ele estende essa exigência a outros e faz da sua vida uma «luta» pelo bem, então tenho de me abster de julgar tal coisa, pois não tenho a mínima consideração por luta, ação ou oposição; creio saber que toda a vontade de mudar o mundo leva à guerra e à violência, e por isso não me posso juntar a nenhuma oposição, pois não aprovo as últimas consequências e não considero que a injustiça e a maldade na terra sejam curáveis. [143]

O que podemos e devemos mudar somos nós próprios: a nossa impaciência, o nosso egoísmo (também o espiritual), o nosso sentirmo-nos ofendidos, a nossa falta de amor e de indulgência. Qualquer outra mudança do mundo, mesmo que parta das melhores intenções, considero-a inútil. [147]

Não desaconselho ninguém de se juntar a um partido, mas digo a todos que, se o fizerem demasiado jovens, correm o risco não só de vender o próprio juízo em troca da conveniência de estarem rodeados de camaradas, mas aponto a todos, também aos meus filhos, sobretudo para o facto de que a pertença a um programa e a um partido não pode ser um jogo, mas tem de ter validade total: que, portanto, quem se mete numa revolução não deve apenas estar ele próprio disponível com o corpo e a vida para a sua causa, mas tem de ser também decidido e capaz para matar, para a metralhadora e para o gás. [148]

As pessoas sinceras e minimamente inteligentes não são assim tão frequentes e, quando entram em conflito umas com as outras, deveriam, se possível, crescer e depurar-se com isso. [149]

Muitas vezes observei como uma sala cheia de gente, uma cidade cheia de gente, um país cheio de gente foi tomado por aquela embriaguez e vertigem em que, de muitos indivíduos, se faz uma unidade, uma massa homogénea, como tudo o que é individual se apaga e o entusiasmo da unanimidade, do afluxo de todos os impulsos para um impulso de massa, enche centenas, milhares ou milhões com um sentimento de exaltação, um desejo de entrega, uma despersonalização e um heroísmo que inicialmente se manifesta em gritos, clamores, cenas de confraternização com comoção e lágrimas, mas que acaba por terminar em guerra, loucura e torrentes de sangue.

Perante esta capacidade do ser humano de se embriagar com o sofrimento comum, o orgulho comum, o ódio comum, a honra comum, o meu instinto de individualista e de artista sempre me alertou da forma mais veemente. Quando numa sala, num salão, numa aldeia, numa cidade, num país este sentimento de exaltação abafado se torna percetível, então fico frio e desconfiado, então estremeço e já vejo o sangue a correr e as cidades em chamas, enquanto a maioria dos semelhantes, com lágrimas de entusiasmo e comoção nos olhos, ainda se ocupa com os vivas e a confraternização. [150]

Se uma peça de porcelana antiga se quebra assim que granadas de mão explodem ao seu lado, isso não é prova de que as granadas de mão sejam, em si, mais valiosas do que a porcelana antiga. Entretanto, não queiramos chorar sobre os cacos, caso contrário cometeríamos o mesmo erro que os generais e os espartaquistas* cometeram, a saber, dividir o mundo em bom e mau e estar do lado do bem com pólvora e chumbo. [151]

**(NT: Liga Espartaquista (Spartakusbund), um movimento revolucionário de esquerda (marxista) na Alemanha, ativo durante e logo após a Primeira Guerra Mundial.)*

Não pertenço a nenhum partido e, embora o comunismo me seja pessoalmente mais simpático do que o fascismo, não sou seu adepto, tal como de nenhuma forma de aspiração ao poder. Vejo a função do poeta e dos intelectuais em exigir a paz e não a luta. [152]

Que por trás das ideologias, ou melhor, dos folhetins [sobre processos biológicos que permaneceram inconscientes], também esteja muita juventude, bela e estúpida crença e também uma parte de real desespero, disso não duvido; a maioria dos envolvidos são, afinal, seres humanos. No que me diz respeito, tal como outrora na Guerra Mundial, não me consigo interessar pelos objetos de disputa em si, desde logo porque na disputa eles

sucumbem a simplificações tão juvenilmente rudes que não se pode permanecer sério perante elas, mas sobretudo porque por todo o lado o solo está cheio de vítimas que sangram por todos os poros e de quem cuidar parece a nós, gente velha e antiquada, mais urgente do que a competição juvenil dos altifalantes... Onde estou é-me perfeitamente claro; o ponto de vista é novamente, como sempre me aconteceu, um ponto de vista solitário, não coberto por nenhum grupo ou partido. [153]

Que é mais fácil, na miséria, procurar a culpa nos outros, isso também eu sei. Que em parte nenhuma existe uma culpa unilateral, nem mesmo nesta guerra, mas que a culpa está sempre em ambos os lados, também o sei. No entanto, sou de opinião que o apuramento da culpa alheia nunca melhora nada no mundo, porque existe sempre também a culpa própria. [154]

A soma de razão, método, organização com que o que é insensato é feito faz-nos sempre espantar; não menos a soma de irracionalidade e candura com que os povos fazem da necessidade virtude e da carnificina as suas ideologias. Assim bestial e assim cândido é o ser humano. [155]

Quer os operários matem os seus fabricantes, quer russos e alemães disparem uns sobre os outros, apenas se trocam os proprietários. [156]

Creio que mais tarde, quando se falar do nosso tempo, se verificará nele uma tendência para a sobrevalorização religiosa da comunidade e uma verdadeira «fuga» das tarefas pessoais para as sociais. Esta visão de que tudo o que diz respeito à comunidade é, em si e incondicionalmente, melhor e mais sagrado do que aquilo que é assunto do indivíduo, não a posso partilhar. A aptidão e o dever para a socialidade é uma das nossas aptidões e deveres, uma importante, mas não a única e não a mais elevada, pois deveres «mais elevados» não existem de todo.

O homem piedoso, voltado para Deus, de culturas anteriores foi, por si só, socialmente de elevado valor, embora dedicasse todo o cuidado apenas à sua relação pessoal com Deus. E assim foi sempre, já entre os antigos chineses e em todos os tempos: o homem virtuoso, valioso, desejável, apto para a perfeição foi sempre aquele que se sabe em relação direta com Deus, não importa se era general ou eremita; e se ele faz no seu lugar aquilo para que o homem existe — amadurecer-se a si próprio até ao grau de valor mais elevado possível — então era, por si só, também valioso e importante na atuação sobre os outros, sobre a comunidade e o Estado. [157]

Acontece hoje com o social, com o culto da comunidade e do coletivo, que precisamente os egoístas e os doentes morais fogem muitas vezes com

mais veemência para teorias e vínculos sociais e suspeitam de nós, os outros, para quem o social, isto é, o dever de integração e o ideal do amor, são evidentes por si mesmos. [158]

A palavra «personalidade» hoje já não vale incondicionalmente como um ideal, como o era, por exemplo, no tempo de Goethe. Tanto do lado burguês como do proletário, a personalidade individual é hoje rejeitada como um fim em si mesma — não se procura criar indivíduos geniais, mas sim uma média normal, saudável e eficiente. As fábricas prosperam magnificamente com isso. Mas já se mostrou, por exemplo num prazo muito curto na Alemanha, como funções vitais inteiras do corpo do povo sofrem carência e entram em crises mortais quando falta aquela energia, responsabilidade e pureza interior que apenas o indivíduo de elevada estirpe possui. A terrível degeneração da atividade política, da vida partidária e do parlamentarismo mostra-nos claramente onde reside a falta; e os mesmos partidos que tornam impossível a um homem minimamente mais diferenciado do que a média permanecer neles, gritam depois pelo «homem forte». [159]

As leis e as receitas não existem para os indivíduos, mas para os muitos, para as manadas, povos e coletivos. As verdadeiras personalidades têm a vida mais difícil, mas também mais bela; não gozam da proteção da manada, mas sim das alegrias da própria imaginação, e têm de carregar, se sobreviverem aos anos de juventude, uma responsabilidade muito grande. [160]

Como os homens e os povos tendem na sua maioria para a vida de manada, o agrupamento em torno das duas dogmáticas igualmente falsas de Leste e Oeste continuará provavelmente o seu curso e levará em algum momento a novas guerras, não estando dito nem sendo sequer provável que a Europa, como frente, venha a desempenhar um grande papel. [161]

Devemos levar muito a sério tudo aquilo por que nós próprios temos de responder e o que consideramos o nosso dever e tarefa — mas aquilo que vem de fora, o destino que reside fora das nossas influências e decisões, isso não precisamos de levar mais a sério do que o necessário e devemos opor-lhe tranquilamente o nosso Eu e não o deixar entrar em nós. Caso contrário, não seria possível a nenhum homem pensante (existem poucos, na verdade) suportar a vida. [162]

Quem uma vez tomou sobre si a totalidade de um destino, o seu olhar torna-se mais claro para o particular. A «boa vontade» a que se refere a antiga e ditosa promessa ajudará os nossos pobres a carregar a pobreza,

ajudará os nossos industriais a encontrar o caminho do capitalismo egoísta para a gestão altruísta do trabalho humano. [163]

A nós, a quem através da arte, da natureza ou das ciências o sentido da qualidade e o serviço a ela se tornaram uma tarefa, a nós nunca nos pode incumbir servir a quantidade e, seja de que modo for, ocidental ou oriental, promover o erro de que os problemas humanos se deixam resolver como os matemáticos. Temos de servir os valores em que realmente acreditamos, mesmo que apenas lhes possamos servir no espaço mais restrito. [164]

Pode-se não partilhar a alegre crença no progresso e, no entanto, desejar e exigir o bem; pode-se não acreditar na capacidade de resolução de problemas e, no entanto, desejar e servir o seu tratamento racional. [165]

Os programas e ideologias são-me completamente desinteressantes, e tornam-se aliás cada vez mais simples e estúpidos. Não lutarei nem por Truman nem por Estaline, mas perecerei com os milhões de seres humanos violentados cujo direito à vida e ao ar para respirar desaparece cada vez mais do mundo. [166]

Toda a história do mundo parece-me muitas vezes não ser outra coisa senão um livro de imagens que reflete o desejo mais veemente e cego dos homens: o desejo de esquecer. Não apaga cada geração, com os meios da proibição, do silenciamento, do escárnio, sempre precisamente aquilo que à geração anterior parecia o mais importante? Não acabámos de vivenciar que uma guerra imensa, de anos, terrível, foi esquecida, negada, recalcada e afastada por magia por povos inteiros durante anos, e que estes povos agora, que descansaram um pouco, procuram recordar-se, com a ajuda de romances de guerra empolgantes, daquilo que eles próprios provocaram e sofreram há alguns anos? [167]

Tens razão ao dizer que somos indefesos contra o Estado e poderes semelhantes. Mas tens, na minha opinião, toda a razão em falta quando tiras daí a conclusão de que deveríamos responder a isso defendendo-nos «sem escrúpulos». Precisamente isso é o que não podemos fazer: praguejar contra o mundo porque ele não tem escrúpulos, e ser nós próprios igualmente sem escrúpulos. Precisamente esse é o nosso privilégio e a nossa nobreza, o termos escrúpulos, o não considerarmos tudo permitido, o não participarmos também no odiar e no matar e em toda a restante porcaria. O gesto rude de «estou-me a cagar para tudo» não foi inventado agora por vós. Já existiu cem vezes na história, pode-se tolerá-lo, pode-se compreendê-lo como reação de pessoas fracas e sem educação a uma

prepotência cruel — mas aprová-lo e considerá-lo correto, isso não se pode. [168]

Para mim existem duas histórias da humanidade: a política e a espiritual. Em nenhuma das duas se verifica algo como progresso. Quer Sansão mate os filisteus com um osso, quer Hitler cuspa projéteis de foguete para Inglaterra, é o mesmo. E da filosofia das Upanishads até Heidegger também não se percebe nenhum progresso. Em contrapartida, as duas histórias distinguem-se muito. Pode-se observar a chamada história do mundo no período que se quiser, e ela é feia, cruel e diabólica. Mas a história das línguas, dos modos de pensar, das artes é, em cada trecho, cheia de imagens e flores belas e amáveis. [169]

Teriam os políticos alguma vez tido razão? Não valeria mais um verso de Hölderlin do que toda a sabedoria dos potentados? [170]

Por mais nitidamente que o caminho político-estatal do futuro próximo pareça estar traçado, todo o desenvolvimento político de hoje e de amanhã toca apenas a superfície, e a extrema-esquerda política mal se distingue, nas suas convicções e meios, dos outros grupos que lutam pelo poder. Também a bolchevização não será um novo começo a partir de baixo, mas sim uma mudança a partir da superfície. [171]

Cung Fu Tse [Confúcio], o grande contraponto de Lao Tse, o sistematizador e moralista, é ocasionalmente caracterizado assim: «Não é esse aquele que sabe que não dá, e no entanto o faz?». Isto é de uma serenidade, de um humor e de uma simplicidade para os quais não conheço exemplo semelhante em nenhuma literatura. Frequentemente me recordo desta sentença e de muitas outras, também ao observar os acontecimentos mundiais e as afirmações daqueles que têm em mente governar o mundo e torná-lo perfeito nos próximos anos e décadas. Eles agem como Cung Tse, o Grande, mas por trás do seu agir não está o seu conhecimento de «que não dá». [172]

Não creio numa futura humanidade «melhor», não creio que ela seja alguma vez melhor ou alguma vez pior, é sempre igual. Mas as irrupções do demoníaco no humano acontecem, nalguns tempos, não apenas escondidas entre criminosos e psicopatas, mas às vezes abertamente e em grande escala, fazem política e arrastam povos inteiros. [173]

Quanto não poderiam os vencedores, quanto não poderiam os vencidos ter aprendido com as guerras de 1870, 1914 e 1949! Mas essa aprendizagem, ao que parece, não é realizada nem pelos povos nem pela

sua elite dirigente, mas sempre apenas por uma pequena e impotente camada de intelectuais. Esta pequena camada sem influência produz, de facto, conhecimentos e estabelece verdades, que, porém, chegam sempre à multidão primeiro numa forma distorcida em palavras de ordem e com uma geração de atraso. Segue-se, ao que parece, daí que o desespero deve ser a atitude própria e legítima dos que conhecem, tal como o viver à toa e o permanecer cego é a dos «povos». No entanto, por trás do factual e manifesto, parece existir uma realidade verdadeira e mais duradoura, à qual as nossas filosofias e religiões procuram o acesso pressentido e por causa da qual vale, apesar de tudo, a pena viver. [174]

Os chineses, que são de facto um povo surpreendentemente inteligente, tiveram durante milénios o hábito solene de que cada acontecimento público, por exemplo, mudanças de governo, revoluções, vitórias, fomes, etc., era oficialmente sempre datado com 25 anos de atraso. Pois, diziam os chineses para consigo mesmos, a revolução ou a bancarrota ocorrem de facto hoje, mas para as compreender, reconhecer as suas raízes e possivelmente tornar-se mais sábio no futuro, é preciso olhar 25 anos para trás, pois, segundo uma experiência de milénios, em tais assuntos 25 anos é precisamente o tempo habitual necessário para que causas, costumes bons ou maus, etc., mostrem exteriormente os seus resultados. [175]

25 anos depois, os pensamentos da simples humanidade são aceites pelos bem-intencionados sem muita resistência; só que, entretanto, a história do mundo também continuou a avançar, e assim uma minoria decente estaria sempre disponível para aquilo que deveria ter sido pensado e feito há 25 anos. [176]

Não sei se o mundo alguma vez foi melhorado, se não foi sempre e eternamente igual de bom e igual de mau. Mas isto eu sei: se alguma vez o mundo foi melhorado por homens, se se tornou mais rico, mais vivo, mais alegre, mais perigoso, mais divertido através de homens, não o foi através de melhoradores, mas sim através daqueles verdadeiramente «egoístas» que não conhecem nenhum objetivo, não têm fins, aos quais basta viver e ser eles próprios. [177]

Democracia ou monarquia, Estado federal ou confederação de Estados, para nós é indiferente, pois perguntamos apenas pelo *Como*, nunca pelo *O quê*. E se um louco comete o ato mais desatinado com toda a sua alma, ele é-nos mais querido do que todos os professores que, presumivelmente, passam agora para o novo regime com a mesma flexibilidade com que antes se curvavam perante príncipes e altares. Somos seguidores cegos de

uma «transvaloração de todos os valores» — mas esta transvaloração não tem de ocorrer em mais lado nenhum senão nos nossos próprios corações. [178]

Se hoje sou, mais conscientemente do que nunca, o isolado e o «sonhador», sou-o deliberadamente e vejo nisso não apenas uma maldição, mas também um encargo. Tenho, decerto, também o meu tipo de comunidade e socialidade. Recebo por ano muitos milhares de cartas, todas de jovens, a maioria com menos de 25 anos, e muitos procuram-me também pessoalmente. São, quase sem exceção, jovens talentosos ou difíceis, destinados a um grau de individuação acima da média, confundidos pelas rotulagens do mundo normatizado.

Alguns são patológicos, outros tão magníficos que neles reside toda a minha crença na continuidade de um espírito alemão. Para esta minoria de espíritos jovens, em parte ameaçados mas vivos, não sou nem conselheiro espiritual nem médico; falta-me qualquer autoridade e também qualquer pretensão para tal, mas fortaleço, tanto quanto a minha empatia alcança, cada um naquilo que o separa das normas, procuro mostrar-lhe o sentido disso. [179]

Para mim, na atitude de cada um, o que me interessa é: se ele é «político» e acredita nos meios da política, cujos últimos e mais fortes são sempre os canhões; ou se ele tem a descrença na política e, em vez disso, a tendência de centrar a sua vida e pensamento em Deus, num centro supratemporal e supra-atual, não no sentido de uma visão do mundo racional, mas no sentido do serviço e do sacrifício. O meu ponto de vista não é discutível para si, como também não o é para mim, dado que não é escolha, mas sim destino.

Se tenho «razão» com isso, decidir tal coisa não me cabe de todo. Do meu ponto de vista, ninguém tem razão, e as lutas de opiniões e programas em conflito não são racionais — logo, no fundo, evitáveis —, mas sim trágicas e inevitáveis. Para mim é perfeitamente indiferente se Hitler ou se Trotsky ou quem quer que seja comanda os canhões — bem haja ele, se acredita sinceramente no valor do seu fazer; o mundo, ele não o mudará nem melhorará, pois não se encontra de todo no ponto de apoio. [180]

Que a paz seria melhor do que a guerra e o trabalho construtivo melhor do que o armamento, e que uma união construída federativamente, talvez segundo o modelo suíço, poderia resultar numa Europa pacífica — nisso não só estou de acordo consigo, como também com a maioria dos estadistas atuais. Mas sobre como estes desejos seriam realizáveis, isto é, sobre como

se poderia persuadir ou forçar os povos a fazer o bem e o desejável, sobre isso nem os governantes, nem o senhor, nem eu sabemos o mais pequeno detalhe.

O que o senhor diz: «Se um estadista possuísse o génio de unir o espírito do *Agnus Dei* de Beethoven com as necessidades da política», é como se alguém dissesse: bastava elevar a temperatura no Polo Norte em 25 graus e baixá-la correspondentemente no Equador, e a humanidade estaria ajudada. Ao longo da minha vida longa, lidei repetidamente com pessoas que, em cartas privadas a políticos e figuras proeminentes, fazem a tentativa de influenciar o mundo. Cada um deles sabe exatamente o que seria preciso fazer, mas nenhum sabe o *Como*, e cada um alivia o seu coração ao empurrar a responsabilidade pela falta de salvação para os destinatários das suas cartas. [181]

Alguém despertou o suficiente para notar o que aguarda o mundo. E o que faz ele então? Escreve a Thomas Mann ou a Hammarskjöld, ou a Hesse; a este quer enviá-lo a Nehru, e a quem deverá Hesse enviar Nehru depois? A Eisenhower ou aos russos ou aos outros generais que dominam o mundo? Acredita seriamente que... Eisenhower ou os russos ou Adenauer, ou quem quer que seja, daria ouvidos às palavras de Nehru? Que ele teria outra coisa na cabeça senão o seu partido e a sua política? A consciência mundial não tem endereço, e os governantes não representam, nenhum deles, a consciência mundial. Eles riem-se de todos os belos apelos vindos dos círculos da ciência e da literatura, e cada apelo deste tipo tem meramente o êxito de tornar a impotência dos «intelectuais» ainda mais visível e a sua palavra ainda mais sem valor. [182]

O poder de uma associação internacional de escritores será, em qualquer caso, muito reduzido. Nos países e povos em cujo poder estaria influenciar seriamente a história do mundo, já não existe há muito um poder real da literatura. Ali, a opinião pública não é formada por uma elite das melhores mentes ou caracteres, mas sim comandada autoritariamente. Dado que o simples escritor, mesmo que tivesse um nome por mais famoso que fosse, pode ser utilizado ou suprimido por estes poderes conforme o seu bel-prazer, dado que nos sistemas e Estados totalitários não lhe é permitida a livre expressão de opinião, qualquer leitor minimamente emancipado será desconfiado perante qualquer manifestação de convicção de um autor.

Um certo e escasso crédito, uma certa confiança, entre os leitores despertos, será em breve gozada apenas por aqueles autores que renunciam consistentemente à proteção que a pertença a um partido lhes garante, que

querem apenas servir a verdade e apenas seguir a sua consciência e que estão dispostos, em caso de necessidade, a fazer os sacrifícios correspondentes. A eles, a consciência mundial talvez dê um pouco de ouvidos; nunca se poderá suspeitar deles nem como beneficiários nem como acompanhantes dos grandes blocos de poder. Pode haver ensaios para a formação de uma tal pequena comunidade espiritual, supranacional e imparcial. Mesmo que consistisse apenas em dez, em cinco, em três homens ou mulheres, o seu valor moral seria maior do que o de uma associação de mil intelectuais com distintivos partidários de qualquer espécie. [183]

Basta que os poetas se chamem a si próprios «intelectuais»! Poder-se-ia entender-se e interpretar mal a sua tarefa de forma mais profunda e estúpida?... E agora vinham eles e exigiam a politização do poeta! Como se a sua culpa consistisse em terem sido até agora pouco políticos, em terem pensado pouco no cidadão, na lei, no mercado, na chamada realidade! Meu Deus, precisamente essa realidade insípida fora o seu mundo e refúgio; há muito que se esquivavam de fazer aquilo para que um poeta está sozinho no mundo. Por isso, estas pessoas, quando apareciam publicamente em conjunto, nunca se chamavam poetas, mas sim «intelectuais», o que soava mais ou menos como se um amante se chamasse a si próprio «especulador em ações do coração».

E por isso vinham agora, quando tudo estava torto e a sua carroça completamente atolada, com a ideia de se politizarem. Se houvesse apenas o suficiente deles para formar uma grande associação, para se fazerem representar no Reichstag e, assim, poderem estabelecer o «espírito» como interessado político ao lado da indústria e da agricultura, então já se teria ganho muito. Se o poeta se politizava, afastava-se do seu encargo humano de sonhar antecipadamente e do serviço ao ideal, e metia-se no ofício dos práticos que, com reformas eleitorais e coisas do género, julgam fazer o progresso, enquanto apenas coxreiam séculos atrás dos pensamentos dos intelectuais e procuram realizar no pequeno uma ou outra das suas antevisões e pensamentos. [184]

Em tempos democráticos e espiritualmente saturados como os nossos, já é uma descoberta o facto de não existir um homem normal que tenha esta e aquela característica e em cujo pensamento se encontrem estas e aquelas categorias exigidas por Kant, mas sim que, no meio dos desinteressantes homens normais, existem por vezes homens de valor superior, que frequentemente são, acessoriamente, patológicos, mas aos quais é dada a

possibilidade de dizer a verdade, a inexorabilidade dos processos vitais e o simbolismo de cada ser individual para o todo. [185]

Nada se furta tanto à representação através de palavras e nada é, no entanto, mais necessário de colocar perante os olhos dos homens do que certas coisas cuja existência não é provável nem demonstrável, mas que, precisamente pelo facto de pessoas piedosas e conscienciosas as tratarem, de certo modo, como coisas existentes, são conduzidas um passo mais perto do ser e da possibilidade de nascer. [186]

SOCIEDADE E INDIVÍDUO

Quanto mais perto se senta um do outro, mais difícil é conhecer-se. [187]

Esforçamo-nos muito com o estudo daquilo que separa os homens, os povos e os tempos. Prestemos atenção também, novamente, àquilo que une todos os homens. [188]

Dizem que a procura pelo Eu é menos importante do que encontrar a relação certa com os outros. Mas isto não são de todo duas coisas distintas. Quem procura aquele Eu genuíno, procura ao mesmo tempo a norma de toda a vida, pois este Eu mais íntimo é igual em todos os homens. É Deus, é o «sentido». Por isso o brâmane diz a cada ser estranho *«tat twam asi»* = isso és tu! Ele sabe que não pode prejudicar nenhum outro ser sem se prejudicar a si próprio, e que o egoísmo não faz sentido. [189]

O nosso Eu subjetivo, empírico e individual, se o observarmos um pouco, mostra-se muito instável, caprichoso, muito dependente do exterior, muito exposto a influências... Mas depois existe o outro Eu, escondido no primeiro Eu, misturado com ele, mas de modo algum a ser confundido com ele. Este segundo Eu, elevado, sagrado (o *Atman* dos indianos, que eles igualam ao *Brahma*) não é pessoal, mas é a nossa parte em Deus, na vida, no Todo, no impessoal e suprapessoal. Investigar e seguir este Eu já vale mais a pena. Só que é difícil; este Eu eterno é silencioso e paciente, enquanto o outro Eu é tão atrevido e impaciente. [190]

O «Não matarás!» não é o mandamento rígido de um «altruísmo» doutrinário. Altruísmo é algo que não ocorre na natureza. E «Não matarás!» não significa: não deves magoar o outro! Significa: não deves privar-te a ti próprio do outro, não deves prejudicar-te a ti próprio! O outro não é, afinal, um estranho, não é algo distante, sem relação, que vive para si. Tudo no mundo, todos os milhares de «outros» só existem para mim na

medida em que os vejo, os sinto, tenho relações com eles. É de relações entre mim e o mundo, os «outros», que consiste unicamente a minha vida. [191]

No estádio da inocência, o Piedo e o Sensato combatem-se tal como crianças de diferentes aptidões se combatem. No segundo estádio, tendo-se tornado sapientes, os dois polos opostos combatem-se com a veemência, paixão e tragédia das ações de Estado. No terceiro estádio, os combatentes começam a reconhecer-se um ao outro, já não na sua estranheza, mas na sua dependência mútua. Começam a amar-se, a ansiar um pelo outro. Daqui o caminho conduz a possibilidades de humanidade cuja realização até agora ainda não foi avistada por olhos humanos. [192]

Para mim, o primeiro artigo de fé é a unidade atrás e acima dos opostos. Naturalmente não nego a possibilidade de estabelecer tais esquemas como «ativo» e «contemplativo», e não nego que possa ser útil julgar os homens com base em tais tipologias. Existem ativos e existem contemplativos. Mas por trás disso está a unidade, e para mim só é realmente vivo e, no caso favorável, exemplar aquele que tem ambos os opostos em si. Não tenho nada contra o trabalhador e criador incansável e também não tenho nada contra o eremita que contempla o próprio umbigo, mas não consigo achar nenhum dos dois interessante ou sequer exemplar. O homem que procuro e desejo é aquele que é capaz tanto da comunidade como do isolamento, tanto da ação como da meditação. E se nos meus escritos, ao que parece, dou preferência à vida contemplativa sobre a ativa, é presumivelmente porque vejo o nosso mundo e tempo cheio de homens ativos, eficientes, operosos, mas incapazes de contemplação. [193]

Saboreai a felicidade da entrega, a felicidade da ausência de necessidades, a felicidade da colaboração prestável! Nenhum outro caminho vos conduz tão rápida e seguramente ao conhecimento da unidade e santidade da vida! Nenhum outro caminho vos conduz também tão seguramente ao objetivo de toda a arte de viver, à superação alegre do egoísmo — não através da renúncia à personalidade, mas através do seu desenvolvimento mais elevado. [194]

O resultado psicologicamente mais importante de todo o «folclore» é a igualdade da estrutura da alma humana por toda a terra. Mas se o conhecimento e a confirmação desta igualdade — o saber da existência factual de uma «humanidade» não apenas como utopia — é belo e rico em futuro, é no entanto sumamente agradável e encantador, aliás gratificante, escutar os diferentes trajes, gestos e dialetos desta mesma alma. [195]

Pelo povo tenho um respeito absoluto, e os seus caminhos irracionais são-me mais caros do que as justificações racionais que se dão para os mesmos. [196]

Entre as necessidades simples, nas quais nunca se reflete porque nunca chegam a ser fome, conta-se também a pátria. Com isto não me refiro ao país natal — isso já pertence às dádivas e necessidades mais elevadas, mais espirituais. Refiro-me às imagens que cada um de nós guardou como o seu melhor património de recordações da infância. Elas não são tão belas porque a pátria fosse necessariamente mais bela do que o resto do mundo; são tão belas apenas porque as vimos primeiro, com a primeira gratidão e frescura dos nossos olhos de criança. Isto não é sentimentalismo. O que de mais seguro temos, se não tivermos alcançado os estádios mais elevados no espiritual, é a pátria. Pode-se entender várias coisas com isso. A pátria pode ser uma paisagem, ou um jardim, ou uma oficina, ou também o toque de um sino, ou um cheiro. Aquilo de que se trata é a recordação do tempo de crescimento, das primeiras, mais fortes e mais sagradas impressões da nossa vida. A isso pertence o dialeto da pátria. Para mim, que vivo no estrangeiro, em cada regresso a casa o primeiro revisor de comboio suábio é uma verdadeira ave-do-paraíso! ... É algo tocado no mais íntimo, no pequeno tesouro seguro que temos dos anos da primeira juventude. Ali jazem imagens e impressões misturadas; muitas vezes valorizamo-las pouco, mas tudo junto é uma solução saturada na qual não se pode tocar sem que surjam cristais. [197]

Todas as crianças, enquanto permanecem no mistério, estão incessantemente ocupadas na alma com o único que é importante: com elas próprias e com a ligação enigmática da sua própria pessoa com o mundo ao redor. Investigadores e sábios regressam com os anos da maturidade a esta ocupação; a maioria dos homens, porém, esquece e abandona este mundo interior do que é verdadeiramente importante logo cedo e para sempre, e erra durante toda a vida nos labirintos coloridos das preocupações, desejos e objetivos, nenhum dos quais habita no seu íntimo, nenhum dos quais os conduz de volta ao seu íntimo e a casa. [198]

Se acontecesse uma vez que uma vida humana fosse escrita do seu início ao fim, com todos os enraizamentos e entrelaçamentos, isso resultaria numa epopeia tão rica como toda a história do mundo. [199]

A minha tarefa não é dar aos outros o que é objetivamente melhor, mas sim o que é meu, o mais pura e sinceramente possível. [200]

Calar numa coisa sobre a qual todos tagarelam, sorrir sem hostilidade sobre pessoas e instituições, combater o défice de amor no mundo através de um excedente de amor no pequeno e no privado: através de uma fidelidade acrescida no trabalho, através de uma paciência maior, através da renúncia a muitas vinganças fáceis do escárnio e da crítica: estes são variados caminhos que se podem percorrer. [201]

Não deveria perguntar: «Será a minha forma e atitude perante a vida a correta?» — pois para isso não há resposta: cada forma é tão correta como qualquer outra, cada uma é um pedaço de vida. Deveria antes perguntar: «Uma vez que sou como sou, uma vez que tenho em mim estas necessidades e problemas que parecem ser totalmente poupados a tantos outros — o que devo fazer para, apesar de tudo, suportar a vida e, se possível, fazer algo de belo com ela?».

E a resposta a isso, se ouvir realmente a voz mais íntima, será algo como: «Uma vez que és assim, não deves nem invejar nem desprezar os outros por serem diferentes e não deves perguntar pela 'correção' do teu ser, mas deves aceitar a tua alma e as suas necessidades tal como aceitas o teu corpo, o teu nome, a tua origem, etc.: como algo dado, inevitável, ao qual se deve dizer que sim e pelo qual se deve responder, mesmo que todo o mundo estivesse contra». [202]

A cura, o recolhimento, a reflexão e o renascimento de um povo não se processam na superfície nem nas massas, mas ocorrem silenciosa e ocultamente nos indivíduos. [203]

Quanto mais depressa a humanidade se multiplica e quantos mais meios técnicos possui, tanto mais ela se tornará superficial e um coletivo uniforme. Para a humanidade como massa, a tarefa da vida consiste apenas na integração e adaptação o mais fluida possível, na redução da responsabilidade pessoal a um mínimo. Nós, os outros, o número sempre pequeno dos capacitados e chamados para uma vida pessoal e individual, temos em relação à massa a vantagem dos sentidos mais delicados e da maior capacidade de pensamento, e estas dádivas podem proporcionar-nos muita felicidade. Vemos, ouvimos, sentimos, pensamos com mais precisão, de forma mais recetiva, mais rica em nuances; mas também estamos sós e ameaçados, temos de renunciar à felicidade da massa irresponsável. Cada um de nós deve procurar clareza sobre si próprio, sobre as suas dádivas, possibilidades e particularidades e colocar a sua vida ao serviço do aperfeiçoamento, do tornar-se si próprio. Quando fazemos isso, servimos simultaneamente a humanidade, pois todos os valores da cultura (religião,

arte, poesia, filosofia, etc.) surgem por este caminho. Nele, o muitas vezes vituperado «individualismo» torna-se serviço à comunidade e perde o estigma do egoísmo. [204]

Quem é mais individualizado deve reconhecer que a vida é uma luta entre sacrifício e teimosia, entre o reconhecimento da comunidade e a salvação da personalidade. [205]

Segundo a minha experiência, o pior inimigo e corruptor dos homens é o impulso para o coletivo, baseado na preguiça de pensamento e na necessidade de repouso, para comunidades com uma dogmática absolutamente rígida, seja ela religiosa ou política. [206]

O homem conquistou o domínio sobre a terra, e não é um bom regente. Mas os despertos e os bem-intencionados devem, no entanto, fazer a sua parte, não com lições e sermões, mas procurando cada um viver com sentido no seu círculo. [207]

O «herói» não é o cidadão obediente e cumpridor do dever. Heroico só pode ser o indivíduo que fez do seu «sentido próprio», da sua nobre e natural obstinação, o seu destino. «Destino e ânimo são nomes de um só conceito», disse Novalis. Mas apenas o herói é aquele que encontra a coragem para o seu próprio destino. [208]

Fui toda a minha vida um defensor do indivíduo, da personalidade, e não acredito que existam leis gerais com as quais se servisse o indivíduo. Pelo contrário, as leis e as receitas não existem para o indivíduo, mas para os muitos, para as manadas, povos e coletivos. As verdadeiras personalidades têm a vida mais difícil na terra, mas também mais bela; não gozam da proteção da manada, mas sim das alegrias da própria imaginação, e têm de carregar, se sobreviverem aos anos de juventude, uma responsabilidade muito grande. [209]

Parece ser assim hoje em dia: que nós, pessoas mais espirituais, somos todos sobre-individualizados e não encontramos a ligação com o tempo e o povo, porque a multidão, a média, é hoje tão pouco individualizada quanto nós o somos em demasia; e com este humanismo de manada, reconhecidamente de um estupor excecional, não podemos, de facto, fazer nada. Tanto mais precisamos de não nos deixarmos ficar mal uns aos outros. [210]

O homem como massa é-me estranho e sumamente questionável. E o que pode advir desta massa desde os tempos da minha juventude, em que ela ainda era dominada por fortes vínculos e inibições — o que pode advir

da massa, vimo-lo bem desde 1914. Não, o que eu amo no ser humano são as possibilidades do indivíduo. O pensamento de que depois de amanhã pudesse não haver mais humanidade não tem nada de terrível para mim. Mas seria para mim uma dor profunda saber que no futuro não haveria mais nenhum Goethe, nenhum Mörike, nenhum Tolstoi ou Tchekhov, nenhum Renoir ou Cézanne, e nenhum mais daqueles seres humanos que são capazes da alegria e da melancolia por Beethoven, Bach ou Hölderlin. [211]

Uma vez que todo o meu trabalho como autor tem o sentido de defender o individual contra o «normal» e o normatizado, considero irrealizável o anseio por um enquadramento e um tornar-se um com os muitos e com o quotidiano. Para o homem fortemente pessoal e solitário, só é possível uma amizade convencional e nunca satisfatória com a vida normatizada. Por isso é melhor procurar e cultivar a outra comunidade, aquela com todos aqueles de quem nos sentimos parentes, os poetas, pensadores, solitários; e se tudo o resto não resultar, temos pelo menos o substituto, o rico e nunca totalmente falível substituto em torno da comunidade eterna daqueles a quem somos semelhantes e que se expressou em todos os tempos, povos e línguas, em livros, pensamentos, obras de arte.

As tentativas de vivenciar a vida supostamente «real» e saudável de todos não são certamente sem valor. Mas, no fim, elas levam-nos sempre apenas a um mundo com cujos valores e critérios não concordamos interiormente, e o que ganhamos com isso desfaz-se-nos nas mãos.

E além dos pensadores e poetas, também a natureza nos está aberta, a ressonância num mundo onde não existe convenção e que só está aberto ao que é realmente capaz de entrega e contemplação. A natureza, tal como a desfruta o excursionista de domingo e o participante em viagens organizadas, é um espectro. [212]

Precisamente as pessoas da cidade, trabalhadores intelectuais e pessoas nervosas, as naturezas mais diferenciadas, sentem-se extraordinariamente bem após completada a transição, após a deslocação bem-sucedida do centro de gravidade do intelecto para o físico. Elas suportam o inacreditável, e mostra-se até frequentemente que o homem nervoso mais diferenciado aguenta mais e encontra mais facilmente uma forma de superação do que o ingénuo «não consumido». [213]

Os que sabem são sempre apenas poucos. Mas talvez eles precisem da massa, que os envolve e esconde, tanto quanto a massa precisa deles. [214]

Tocar com delicadeza e poupar só o pode fazer quem, ele próprio, carece desse toque delicado. [215]

Esquecem-se o juízo e a crítica sobre os outros quando nos sabemos, a nós próprios, cheios de dúvidas. [216]

Quando odiamos um homem, odiamos na sua imagem algo que está sentado em nós próprios. O que não está em nós próprios, não nos agita. [217]

Podemos entender-nos uns aos outros, mas interpretar só cada um se pode interpretar a si próprio. [218]

Nenhum ser humano ressoa com uma vibração no outro sem que a tenha em si mesmo. [219]

O mundo clama por verdade, por novas diretrizes, por novas leis, por novas possibilidades de comunidade e de vida para a humanidade abalada. — Mas as novas verdades e leis serão sombras, como as antigas do poder e da guerra o foram, se surgirem apenas da técnica e da necessidade exterior. Elas têm de crescer a partir do autoconhecimento. E ao autoconhecimento só conduz a cada um de nós o caminho para o próprio coração. O caos do nosso sentimento é, após o colapso dos antigos ideais, um estado com o qual temos de contar, que conhecemos, cuja necessidade e origem temos de reconhecer. Para isso, os poetas continuam a ser os nossos guias. [220]

Das duas forças opostas, o impulso para uma vida pessoal e a exigência do meio envolvente por adaptação, nasce a personalidade. Nenhuma nasce sem experiências revolucionárias. [221]

Solidão é independência. (*Lobo da Estepe*) [222]

Só se tem medo quando não se está de acordo consigo próprio. [223]

Quando se teme alguém, isso vem do facto de se ter concedido a esse alguém poder sobre nós. [224]

Cada ser humano é o centro do mundo, em torno de cada um ele parece girar de boa vontade, e cada ser humano e cada dia de vida de um ser humano é o ponto final e o ponto culminante da história do mundo: atrás dele, os milénios e povos definharam e soçobraram, e à sua frente não há nada, apenas o momento; ao zénite do presente parece servir todo o gigantesco aparelho da história do mundo. O homem primitivo sente como uma ameaça qualquer perturbação deste sentimento de que ele é o centro, de que ele está na margem enquanto os outros são arrastados pela corrente;

ele recusa ser despertado e instruído, ele sente o despertar, o ser tocado pela realidade, ele sente o espírito como hostil e odiável e afasta-se com instinto amargurado daqueles que vê serem acometidos por estados de despertar, dos videntes, problemáticos, génios, profetas, obsedados. [225]

Quando em almas humanas especialmente dotadas e delicadamente organizadas desponta o pressentimento da sua multiplicidade, quando elas, como qualquer génio, quebram a ilusão da unidade da personalidade e se sentem como multipartidas, como um feixe de muitos Eus, basta que o manifestem e logo a maioria as encarcera, chama a ciência em auxílio, constata esquizofrenia e protege a humanidade de ter de ouvir da boca destes infelizes um grito de verdade. [226]

O que é grande ou pequeno, importante ou sem importância? Os psiquiatras declaram como doente mental um homem que reage de forma sensível e violenta a pequenas perturbações, pequenas irritações, pequenas ofensas ao seu amor-próprio, enquanto esse mesmo homem suporta talvez com serenidade sofrimentos e abalos que parecem muito graves à maioria. E um homem é tido por saudável e normal se se lhe pode pisar os dedos dos pés durante muito tempo sem que ele note, se suporta a música mais miserável, a arquitetura mais lamentável, o ar mais corrompido sem queixas nem incómodo, mas que bate na mesa e invoca o diabo assim que perde um bocadinho no jogo das cartas.

Tenho ouvido muito frequentemente em tabernas pessoas de boa reputação, que passam por inteiramente normais e honradas, praguejar e enfurecer-se de forma tão fanática, tão grosseira, tão porca por causa de um jogo perdido — nomeadamente quando acham que têm de atribuir a culpa da perda a um parceiro de jogo — que senti muito a necessidade de solicitar ao médico mais próximo o internamento destes infelizes. Há, de facto, muitos tipos de critérios que se podem deixar valer todos; mas considerar qualquer um deles, seja o da ciência ou o da moral pública do momento, como sagrado, é algo que não consigo fazer. [227]

Qualquer formação do homem, qualquer cultura, qualquer civilização, qualquer ordem baseia-se num acordo sobre o permitido e o proibido. O homem, a caminho entre o animal e um futuro humano distante, tem sempre muito, infinitamente muito em si para suprimir, esconder, negar, para ser um tipo decente e capaz de socialidade. O homem está cheio de animal, cheio de mundo primitivo, cheio de impulsos gigantescos, mal domáveis, de um egoísmo animal e cruel. Todos estes impulsos perigosos estão lá, estão sempre lá, mas a cultura, o acordo, a civilização escondeu-

os, não se mostram, aprendeu-se desde criança a esconder e negar estes impulsos.

Mas cada um destes impulsos volta a vir à luz em algum momento. Cada um continua a viver, nenhum é morto, nenhum é transformado e enobrecido para sempre, para a eternidade. E cada um destes impulsos é em si bom, não é pior do que qualquer outro, apenas cada época e cultura tem impulsos que teme mais do que os outros, que proscreve mais. Ora, quando estes impulsos voltam a despertar, como forças da natureza não redimidas, apenas superficial e penosamente domesticadas, quando estes animais voltam a rugir e a agitar-se, com o lamento de escravos há muito suprimidos e fustigados e com o ardor ancestral da sua naturalidade, então surgem os Karamazov.

Quando uma cultura, uma das tentativas de domesticação do homem, se cansa e começa a vacilar, então os homens tornam-se estranhos em número cada vez maior, tornam-se histéricos, têm desejos singulares, assemelham-se a jovens na puberdade ou a grávidas. Agitam-se na alma impulsos para os quais não se tem nome, que se têm de designar como maus a partir da antiga cultura e moral, mas que podem falar com uma voz tão forte, tão natural, tão inocente, que todo o bem e mal se tornam duvidosos e cada lei começa a vacilar. [228]

Clareza sobre os seus sentimentos e sobre o «alcance» e consequências das suas ações só têm os homens bons e seguros, que acreditam na vida e não dão passo algum que não possam aprovar também amanhã e depois de amanhã. Não tenho a felicidade de contar entre eles, e sinto e ajo como alguém que não acredita no amanhã e vê cada dia como o último. [229]

Os normais, assim vi, existiam para manter, proteger e consolidar a forma encontrada de um modo de vida, de uma raça e espécie, para que houvesse apoio e reserva de vida. Os fantasiadores, porém, existiam para dar os seus saltos e sonhar o nunca pensado, para que talvez um dia do peixe pudesse tornar-se um animal terrestre e do macaco um homem-macaco. [230]

Aquele cuja personalidade se libertou das suas origens com dificuldade e luta não tende a entregar a sua liberdade e responsabilidade, compradas a alto preço, a qualquer esquema e programa, escola, direção ou clique. [231]

Sempre «a humanidade», isto é, a maioria dos homens, esteve contra aqueles que querem o bem, pois a massa não é nem boa nem má; ela é, sobretudo, inerte e nada odeia mais do que todos os apelos que são feitos à

sua consciência. O desenvolvimento para o mais elevado, a superação do egoísmo e da inércia é sempre realizado apenas por indivíduos, nunca por maiorias. [232]

Só o indivíduo pode alcançar o impossível na luta contra os impulsos naturais. Uma comunidade, um povo não o pode fazer; eles querem ser tratados de forma puramente prática com concessões e adaptações. [233]

Comigo aconteceu assim: nunca fui cuspido nem atacado por causa de alguma coisa estúpida, inconsequente ou sem valor, mas sim, quando fui vaiado, foi sempre por um desempenho ou convicção que depois se confirmou. [234]

Nada irrita mais a multidão do que alguém a obrigar a mudar a sua opinião sobre ele. [235]

O que eu nunca desejo, mesmo nas piores horas, é um estado intermédio entre o bem e o mal, uma espécie de meio-termo morno e suportável. Não, prefiro um exagero da curva — prefiro o tormento ainda pior e, em troca, os momentos divinos ainda mais ricos de um brilho! [236]

Quem «não se ajusta ao mundo» está sempre perto de se encontrar a si próprio. Quem se ajusta ao mundo nunca se encontra, torna-se, porém, conselheiro nacional. [237]

Procure com todas as forças uma forma de vida adequada a si, mesmo que negligencie todos os «deveres» por causa disso. Os deveres retiram uma grande parte da sua santidade, se não toda, de uma falta de coragem na luta por uma vida privada. [238]

É o início de qualquer declínio: considerar evidente o levar a sério as coisas grandes e o não levar a sério as pequenas. Que se respeite a humanidade mas se tiranize os seus criados — que se considere sagrada a pátria ou a igreja ou o partido mas se faça o seu trabalho diário de forma má e desleixada; é com isso que começa qualquer corrupção. Só há um meio educativo contra ela: que se deixe de lado por completo, em si próprio como nos outros, todas as chamadas coisas sérias e sagradas como convicção, visão do mundo, patriotismo, e que se dedique, em contrapartida, toda a seriedade ao pequeno e ao mais pequeno, ao serviço do momento. [239]

Nós, intelectuais, temos de praticar a diferenciação e não a generalização, apesar de todos os rolos compressores e normatizações. [240]

Quem é demasiado cómodo para pensar por si próprio e para ser o seu próprio juiz, simplesmente submete-se às proibições tal como elas são. Tem a vida facilitada. [241]

O que é bom e o que é mau, não sei; tornou-se cada vez mais duvidoso para mim. O homem é bom quando reina harmonia entre os seus impulsos primordiais e a sua vida consciente; caso contrário, é mau e perigoso. [242]

Cada um de nós tem de descobrir por si próprio o que é permitido e o que é proibido — o que lhe é proibido a si. Pode-se nunca fazer nada proibido e ser-se um grande biltre ao fazê-lo. [243]

«Um criminoso», diz-se assim e quer-se dizer com isso que alguém faz algo que os outros lhe proibiram. [244]

O homem que, por amor de si próprio, não pode transgredir o mais pequeno preceito moral — pela comunidade, pelo povo e pela pátria pode fazer tudo, mesmo o mais proibido, mesmo o mais terrível, e qualquer impulso outrora proscrito torna-se aqui dever e heroísmo. [245]

Quando ouço e leio sobre quaisquer crimes, raramente tenho a sensação de que, em certas circunstâncias, não pudesse ser também capaz de algo semelhante ou não pudesse ter sido seduzido a tal. O homem não é bom, nem é mau, mas tem em si todas as possibilidades para ambos, e já é muito se a sua consciência e vontade se inclinam para o lado do bem; mesmo então, continuam a viver sob a superfície todos os impulsos primordiais nele e podem levá-lo ao inimaginável. [246]

A mesma humanidade que louva e exige a obediência às suas leis arbitrárias como virtude suprema entre os vivos, acolhe no seu panteão eterno precisamente aqueles que desafiaram essa exigência e preferiram deixar a vida a serem infiéis ao seu «sentido próprio». [247]

Do líder precisa e exige quem não quer, ele próprio, assumir a responsabilidade e quem não quer, ele próprio, pensar. [248]

Tudo depende unicamente da coragem. Ela perde-se frequentemente até ao mais bravo, e então tendemos a procurar programas, seguranças e garantias. A coragem carece da razão, mas não é sua filha, ela vem de camadas mais profundas. [249]

Quando um homem sente a necessidade de justificar a sua vida, não se trata de uma altura de desempenho objetiva e geral, mas precisamente de ele apresentar na sua vida e no seu fazer o seu ser, o que lhe foi dado, tão completa e puramente quanto possível. Mil seduções afastam-nos

constantemente deste caminho, mas a mais forte de todas as seduções é aquela em que, no fundo, se gostaria de ser um outro completamente diferente do que se é, em que se seguem modelos e ideais que não se podem alcançar e que nem se devem alcançar de todo. Esta sedução é, por isso, especialmente forte para pessoas de dotes superiores e mais perigosa do que os perigos vulgares do mero egoísmo, porque tem a aparência do nobre e do moral. [250]

Não há nada de tão mau, selvagem e cruel na natureza como os homens normais. [251]

Não creio que os «normais» o tenham realmente muito mais fácil. São apenas mais cobardes e menos sinceros. Calam-se sobre as suas necessidades e insuficiências e fingem ser os inatacáveis, mas a cada momento vemos um deles enforcar-se ou sofrer um colapso. Não, não são de invejar. [252]

Naturalmente que há muitíssimos homens para quem a vida é mais fácil e que são, aparente ou realmente, «mais felizes»; são os não fortemente individualizados, que não conhecem problemas. [253]

Onde os animais mais nobres morrem, o coelho vence; não faz exigências, sente-se bem e reproduz-se infindavelmente. [254]

Pessoas com coragem e caráter são sempre muito inquietantes para as outras pessoas. [255]

Um homem decente não dá um passo sem arranjar inimigos. [256]

Nas disputas ganha sempre o otimista. [257]

Os «colegas» gostam de correr uns para os outros, mas raramente se dão bem. [258]

Esta é a doença cancerosa de que todo o nosso mundo padece: a hipertrofia do Estado e do seu funcionalismo, tornados fim em si mesmos e ídolos, que automaticamente se esforça por se tornar indispensável e aumentar o seu número através de formalidades e cargos inúteis sempre novos. [259]

O cuidado vivo e focado num objetivo esbarra em todo o lado com obstáculos e resistências no burocratismo, na mania das grandezas, no arrivismo e na falta de objetividade diletante. Que o mais importante aconteça bem e depressa, isso fracassa infinitas vezes apenas devido à indiferença ou mesmo hostilidade de associações e instâncias instaladas ou

— ainda mais frequentemente — devido a interesses pessoais e vaidade pessoal de indivíduos.

Para poder vencer tais resistências sem gastar três quartos da energia disponível nisso... para tal é necessária uma união de todos aqueles que são capazes de ajudar e de vontade pura. Existem em número suficiente, encontram-se indivíduos em cem autoridades e associações. Os melhores estão nalgum lugar sozinhos, depois de se terem retirado amargurados. A todos eles, que dispersos não têm poder face à rotina dos burocratas e dos ocupados, importa reunir, para que se tornem uma força irresistível que obra o bem. [260]

Cada ascensão no escalão dos cargos não é um passo para a liberdade, mas para o vínculo. Quanto maior a autoridade do cargo, mais rigoroso o serviço. Quanto mais forte a personalidade, mais proscrito o arbítrio. [261]

Quanto mais elevada a formação de um homem, quanto maiores os privilégios de que gozou, tanto maiores devem ser, em caso de necessidade, os sacrifícios que ele faz. [262]

Quem sobe mais alto e recebe tarefas maiores não se torna mais livre, torna-se apenas cada vez mais responsável. [263]

Tinha-se mostrado que, em tempos de inquietação e de preocupação geral, um homem é tanto mais útil quanto mais dirigiu a sua vida e pensamento para o espiritual e o suprapessoal, quanto mais aprendeu a venerar, observar, adorar, servir e sacrificar-se. [264]

O que quer viver muito tempo tem de servir. Mas o que quer mandar, esse não vive muito tempo. [265]

Não damos muito pelo liderar, damos tudo pelo servir. Cultivamos acima de todas as outras virtudes a reverência, mas não prestamos esta reverência a pessoas. [266]

O verdadeiro santo, embora exija de si próprio altos graus de ascese, é moderado, aliás indulgente, nas exigências ascéticas que faz aos outros. [267]

Geralmente sabe-se com precisão e está-se convencido de que o senhor funcionário é um cidadão irrepreensível, um filho de Deus justificado, um membro da humanidade corretamente numerado e útil, enquanto o louco é apenas um pobre coitado, um doente infeliz que se tolera, de quem se tem pena, mas que não tem valor. Mas depois vêm dias ou, pelo menos, horas, por exemplo quando se conviveu invulgarmente muito com professores ou

com loucos, em que subitamente o contrário é verdade: então vê-se no louco um ser feliz, silencioso, seguro de si, um sábio, um favorito de Deus, com caráter em si mesmo e satisfeito consigo próprio na sua crença — mas o professor ou funcionário parece-nos dispensável, de caráter medíocre, uma figura sem personalidade e sem natureza, das quais há doze por cada dúzia. [268]

Alguém que está disposto a entregar-se pelos ideais mais ingénuos do mundo é-me muito mais querido do que alguém que sabe falar sabiamente sobre todas as convicções e ideais, mas que não seria capaz nem do mais pequeno sacrifício por nenhum deles. [269]

O mundo não quer saber do espírito. Ao egoísmo dos homens é odioso qualquer ideal que exija deles mais do que uma máscara educada. [270]

Chama-se «caráter» a um homem que tem algumas opiniões e pressentimentos próprios, mas não vive segundo eles. Ele apenas deixa transparecer muito subtilmente, de vez em quando, que pensa de modo diferente, que tem opiniões. [271]

Embora não conheçamos convicções «boas» e «más», nem de direita nem de esquerda — conhecemos dois tipos de homens e julgamos unicamente segundo isso: aqueles que procuram viver as suas convicções, e aqueles que carregam as suas convicções apenas no bolso do peito. [272]

As pessoas não amam originais, preferem tudo em segunda mão. Só se gosta do novo quando este já é servido digerido e alterado, reduzido e ornamentado. [273]

A autoconfiança que se vê em certas pessoas parece porém maior do que é. Se sentar cada um destes homens, que são tão corajosos quando estão acompanhados, durante um pouco de tempo em silêncio e sozinhos perante algo difícil, muito se altera. [274]

Muitas qualidades são virtudes quando se as possui ao lado de outras. O filisteu louva-as porém precisamente quando aparecem sozinhas, onde são mesquinhas. Assim: «amor ao pequeno, sentido de família, amor aos animais», etc. De resto, qualidades que preenchem um homem de forma unilateral são bastante duvidosas (exceções: impulso de conhecimento, coragem). Talentos valiosos são multifacetados. [275]

O burguês, como um estado sempre presente do humano, não é outra coisa senão a busca de um meio-termo equilibrado entre os inúmeros extremos e pares de opostos do comportamento humano. [276]

O burguês só chama «real» às coisas que são percecionadas de forma semelhante por todos ou, pelo menos, por muitos. [277]

Para o concidadão é sagrado tudo o que é comum e comunitário, o que ele partilha com muitos, possivelmente com todos, o que nunca lhe recorda a solidão, o nascimento e a morte, o Eu mais íntimo. [278]

Nunca aspirei, privada ou publicamente, a nada de bom e racional que não tivesse sido sabotado pelos respetivos poderosos. [279]

Pode-se transformar facilmente tempo em dinheiro, tal como se pode transformar facilmente corrente elétrica em luz e calor. Insano e vil naquela frase, a mais estúpida de todas as frases da humanidade, é apenas isto: que o «dinheiro» seja obrigatoriamente colocado como designação para um valor supremo. [280]

De tudo o que o homem desejava, esteve sempre apenas separado pelo tempo, pelo tempo, essa invenção louca. Ele era um dos apoios, uma das muletas que se tinha de largar antes de tudo, se se quisesse ser livre. [281]

O dinheiro, o negócio, a máquina e o Estado são as formas de manifestação do diabo no nosso tempo. Corrompem-nos a comida e o ar, o sono e o sonho. No entanto, alguns têm de aguentar e não se deixar abater; caso contrário, o nosso tempo nada terá para legar ao seguinte. [282]

O dinheiro e o poder são invenções da desconfiança. [283]

Tenho compreensão por uma visão do mundo juvenil-idealista de desprezo pelo dinheiro. No entanto, o dinheiro, enquanto a nossa atual forma de sociedade ainda subsistir, além de um poder cego e mau, é também outra coisa: é o rendimento concentrado de trabalho, privação, poupança, fidelidade na condução da vida. Por isso, qualquer pai que poupou pouco a pouco e lentamente é sensível a gestos de desprezo pelo dinheiro nos seus filhos. [284]

Parecer-me-ia que, para muitíssimas pessoas gravemente doentes da alma, a perda rápida da sua fortuna e o abalo da sua crença na santidade do dinheiro não significariam de modo algum uma infelicidade, mas sim a salvação mais segura, aliás a única possível; e do mesmo modo parece-me que, no meio da nossa vida atual, em oposição ao culto exclusivo do trabalho e do dinheiro, o sentido para o jogo do momento, a abertura para o acaso, é algo inteiramente desejável, do qual todos sofremos muita falta. [285]

Também o homem não espiritual, superficial, avesso ao pensamento, tem ainda essa necessidade ancestral de conhecer um sentido para a sua vida e, quando já não encontra nenhum, a vida privada fica sob o signo de um egoísmo loucamente exacerbado e de um terror da morte aumentado. [286]

Saúde, eficiência e um otimismo irreflexivo, a rejeição risonha de todos os problemas mais profundos, a renúncia fátua e cobarde a um questionamento agressivo, a arte de viver no usufruto do momento — esta é a palavra de ordem do nosso tempo —; desta forma, ele espera ludibriar a memória opressiva da Guerra Mundial. Exageradamente sem problemas, imitado à americana, um ator mascarado de bebé fátuo, exageradamente estúpido, inacreditavelmente feliz e radiante (*«smiling»*), assim se apresenta este otimismo da moda, adornado todos os dias com novas flores radiantes, com as imagens de novas estrelas de cinema, com os números de novos recordes. Que todos estes grandes são grandes do momento, que todas estas imagens e números de recordes duram meramente um dia, por isso ninguém pergunta, pois surgem sempre novos. E através deste otimismo algo excessivamente esporeado, demasiado estúpido, que declara a guerra e a miséria, a morte e a dor como disparates que apenas se imaginam, e que nada quer saber de qualquer preocupação ou problemática — através deste otimismo maior do que a vida, erguido segundo o modelo americano, o espírito é forçado e irritado a iguais exageros, a uma crítica redobrada, a uma problemática aprofundada, a uma rejeição hostil de toda esta visão do mundo infantil e cor-de-framboesa, tal como as filosofias da moda e as revistas ilustradas a refletem. [287]

Qualquer anseio pela animação espiritual da vida é hoje proscrito pelos poderes dominantes. [288]

São, na verdade, apenas as invenções «úteis» que eu rejeito e das quais desconfio. Nestas conquistas supostamente úteis há sempre um maldito resíduo; são todas tão mesquinhas, tão pouco generosas, tão curtas de fôlego, chega-se tão depressa ao seu motor, à vaidade ou à ganância, e por todo o lado estes fenómenos culturais úteis deixam um longo rasto de porcaria, de guerra, de morte, de miséria ocultada.

Atrás da civilização, a terra está cheia de montanhas de escórias e pilhas de lixo; as invenções úteis não têm apenas como consequência belas exposições mundiais e elegantes salões de automóveis, mas seguem-nas também exércitos de mineiros com rostos pálidos e salários miseráveis, seguem-nas doenças e desolação; e pelo facto de a humanidade ter máquinas a vapor e turbinas, paga com destruições infinitas na imagem da

terra e na imagem do homem, paga com traços no rosto do operário, com traços no rosto do empresário, com atrofias da alma, com greves e com guerras, com nada mais senão coisas más e abomináveis, enquanto, por outro lado, pelo facto de o homem ter inventado o violino, e pelo facto de alguém ter escrito as árias de *Figaro*, não tem de ser pago qualquer preço.

Mozart e Mörike não custaram muito ao mundo, foram tão acessíveis como o brilho do sol; qualquer empregado num gabinete técnico sai mais caro. [289]

Vemos que nenhuma civilização é possível sem a violação da natureza, que o homem civilizado transforma gradualmente toda a terra numa instituição aborrecida e sem sangue feita de cimento e chapa, que qualquer tentativa, por melhor e mais idealista que seja, leva inevitavelmente à violência, à guerra e a dores, que o homem médio não suportaria a vida sem a ajuda do génio e, no entanto, é o inimigo mortal jurado do génio e tem de o ser sempre. [290]

Um aparelho voador e um projétil à Lua são certamente coisas deleitáveis e alegres, mas que através deles os homens e as suas relações entre si pudessem ser essencialmente alterados, não queremos de bom grado acreditar perante a história do mundo. [291]

Em cinquenta anos, a terra será um cemitério para máquinas e a alma do astronauta idêntica à cabine do seu foguetão. [292]

Mesmo que os médicos tenham pouco apreço pelo paciente, amam muito a sua técnica e triunfam quando conseguem fazer cócegas a alguém quase morto para o trazer de volta uma vez mais. [293]

O homem, assim creio, é capaz de grandes elevações e de grandes porcarias; pode subir a semideus e descer a semidiabo; mas ele regressa sempre, quando fez algo de muito grande ou de muito porco, aos seus próprios pés e à sua própria medida, e ao movimento pendular da selvajaria e da demonia segue-se inevitavelmente o contragolpe, segue-se o anseio inabalavelmente inato no homem pela medida e pela ordem. [294]

TAREFAS DO INDIVÍDUO

A dignidade do homem mantém-se ou cai com o facto de ele poder estabelecer para si metas no inalcançável, tal como a sua tragédia reside no facto de ter o curso do mundo e as práticas do mundo contra si. [295]

Para que surja o possível, tem de se tentar repetidamente o impossível. [296]

O que no mundo foi alcançado e realizado em termos espirituais, sê-lo-ia sempre apenas pelo facto de terem sido estabelecidos ideais e esperanças que iam muito além do momentaneamente possível. [297]

A vida coloca a cada um uma tarefa diferente e única, e assim também não existe uma incapacidade inata e predeterminada para a vida, mas sim o mais fraco e o mais pobre pode, no seu lugar, levar uma vida digna e autêntica e ser algo para os outros, simplesmente pelo facto de aceitar o seu lugar na vida, não escolhido por si, e a sua tarefa especial e procurar realizá-la. Isso é humanidade autêntica e irradia sempre algo de nobre e curativo, mesmo que o portador desta tarefa seja aos olhos de todos um pobre diabo com quem não se desejaria trocar. [298]

Sim, diga sim a si próprio, à sua separação, aos seus sentimentos, ao seu destino! Não há outro caminho. Para onde ele conduz, não sei, mas conduz à vida, à realidade, ao que é ardente e necessário. Pode achá-lo insuportável e tirar a própria vida, isso está aberto a cada um, o pensamento nisso faz muitas vezes bem, também a mim. Mas escapar-lhe, por decisão, por traição ao próprio destino e sentido, pela junção aos «normais», isso não pode. Não resultaria por muito tempo e traria um desespero maior do que o atual. [299]

Não é um poder cego vindo de fora de que somos joguetes, mas sim é a soma das dádivas, fraquezas e outras heranças que um homem trouxe consigo. O objetivo de uma vida com sentido é ouvir o apelo desta voz interior e segui-lo tanto quanto possível. O caminho seria, portanto: conhecer-se a si próprio, mas não julgar-se nem querer mudar-se, mas sim aproximar a vida tanto quanto possível da forma que está traçada como pressentimento em nós. [300]

A nossa tarefa como seres humanos é: dentro da nossa própria vida, única e pessoal, dar um passo mais além, do animal para o homem. [301]

Nenhum de nós pode dar mais do que tem, mas também o modesto, aliás pobre, é precisamente na mesma medida valioso e capaz de um efeito nobre, quanto o seu sentir mais íntimo está de acordo com a vontade de

viver da natureza. Tudo o que disso se desvia conduz, no máximo, a deformações interessantes. [302]

Não chames a nenhuma sensação pequena, a nenhuma sensação indigna! Boa, muito boa é cada uma, também o ódio, também a inveja, também o ciúme, também a crueldade. De nada mais vivemos senão dos nossos pobres, belos e magníficos sentimentos, e cada um a que fazemos injustiça é uma estrela que apagamos. [303]

Quanto menos receio tivermos da nossa própria imaginação, que na vigília e no sonho nos transforma em criminosos e animais, tanto menor é o perigo de perecermos, no ato e na realidade, devido a esse mal. [304]

A cultura humana surge através do enobrecimento de impulsos animais em impulsos mais espirituais, através da vergonha, através da imaginação, através do conhecimento. [305]

A história da humanidade não conduzirá à ascensão para a espiritualização e para a paz; ela permanecerá como foi até aqui: trágica. O homem conquistou o domínio sobre a terra e não é um bom regente. Não há paraísos à nossa espera. Mas os despertos e os bem-intencionados devem, no entanto, fazer a sua parte, não com lições e sermões, mas procurando cada um no seu círculo viver de forma correta e com sentido. [306]

A compreensão ou visão de que o perfeito e a ciência são obras fragmentárias não deve impedir ninguém de continuar sempre a construir e, afinal, de alcançar o possível. [307]

Posso decerto compreender que na fome se tenha mais dificuldade em ser justo do que quando se está saciado, mas não posso admitir que o correr mal e a necessidade devam anular a moral. [308]

Deixo em aberto se existe um progresso na humanidade. O que é afinal a «humanidade»? Nada de real, nada sobre o qual se pudesse afirmar algo. Em contrapartida, só um asno pode negar que no vida individual existe progresso. Cada adulto está, comparado com o lactente, muito desenvolvido. «Existe progresso, pois existe aprendizagem». [309]

O espírito, e com ele a civilização, é hoje negado e posto em causa por muitos lados. Creio porém que precisamos de ambos mais do que nunca, e creio firmemente que o homem não tem o espírito para o negar e o sacrificar ao sangue, mas que ele, sem por isso ter de ser intelectualista, deveria em todo o lado defender o espírito. [310]

A sua questão teórica, sobre se uma vida humana vale mais do que a *Paixão segundo São Mateus*, é um passatempo, e a resposta para a qual o senhor pende é perigosa. O homem sem espírito, sem história, sem arte é menos desejável do que qualquer animal, e se a vida nua deve valer mais do que a história e a arte, então estamos no «sangue e solo», uma convicção da qual sabemos bem que não tem o mínimo respeito pela vida humana e pela sua preservação. O homem individual não é em si um valor elevado, mas sim como possibilidade, como caminho em direção ao espírito. [311]

A vida é sem sentido, cruel, estúpida e, no entanto, magnífica — ela não se mofa do homem (pois para isso é preciso espírito), mas ela não se importa com o homem mais do que com uma minhoca. Que precisamente o homem seja um capricho e um jogo cruel da natureza é um erro que o homem inventa porque se leva demasiado a sério. Temos primeiro de ver que nós, homens, não o temos de modo algum mais difícil do que qualquer ave ou qualquer formiga, mas sim antes mais fácil e belo.

Temos primeiro de absorver em nós a crueldade da vida e a inevitabilidade da morte, não através de lamentos, mas através do usufruto total deste desespero. Só então, quando se absorveu em si toda a abominável falta de sentido da natureza, se pode começar a colocar-se frente a esta falta de sentido bruta e forçá-la a um sentido. É o mais elevado de que o homem é capaz, e é o único de que ele é capaz.

Tudo o resto o bicho faz melhor. Para a maioria, a falta de sentido não é de todo um sofrimento, tão pouco quanto para a minhoca. Mas precisamente os poucos que são arrebatados pelo sofrimento e começam a procurar pelo sentido, constituem o sentido da humanidade. [312]

O homem não é afinal uma forma fixa e duradoura (este era, apesar dos pressentimentos contrários dos seus sábios, o ideal da Antiguidade), ele é antes uma tentativa e transição, ele não é outra coisa senão a ponte estreita e perigosa entre a natureza e o espírito. Para o espírito, para Deus, impele-o a determinação mais íntima — para a natureza, de volta para a mãe, puxa-o o anseio mais profundo: entre ambos os poderes a sua vida oscila ansiosamente. [313]

Durante a guerra, observei pela primeira vez com mais precisão o mundo fora de mim e descobri com espanto que no mundo a grande maioria dos homens não faz aquilo para que a sua aptidão e natureza os impelem, mas sempre outra coisa, muitas vezes o oposto. O Estado, especialmente, utiliza as suas pessoas da forma mais singular. Os poetas foram utilizados para disparar, os professores para cavar a terra, os judeus comerciantes para

negócios patrióticos, os juristas para serviços de imprensa. O Estado, pelo menos o nosso, está habituado a que os sem talento se empurrem para o seu serviço e a que ele possa dispor deles a seu bel-prazer.

A única coisa em que me distingo da massa e daqueles que chamo de diletantes e arrivistas é o facto de eu saber para que tipo de trabalho e serviço o meu cérebro e a minha história anterior me destinam e que procuro fazer esse trabalho tão concentradamente quanto possível. Se agora eu fugir e seguir todos estes apelos que surgem todos os dias, perco-me entre os diletantes, torno-me um homem que faz algo que não sabe fazer e deixo de lado aquilo para que a voz interior me chama. [314]

Queremos, se possível, conservar um núcleo em nós, um centro de gravidade próprio que nos impeça de ser arrastados na oscilação centrífuga sem sentido, que se torna cada vez mais inquietante e que se manifesta, mesmo longe de toda a política, no tempo, na pressa e na agitação. [315]

A maioria das profissões, e nomeadamente as «superiores», especulam, na sua organização atual, nos instintos egoístas, cobardes e cómodos do homem. Ele tem a vida facilitada quando fecha os olhos aos erros, quando se agacha, quando imita o senhor superior; e tem-na infinitamente difícil quando procura e ama o trabalho e a responsabilidade. [316]

As funções nas quais o meio envolvente nos consome nunca são aquelas que desejamos. [317]

Uma profissão é sempre uma infelicidade, uma limitação e resignação. [318]

Não se pode fazer sempre o mesmo sem secar e sem se habituar a certas calhas estabelecidas. Comigo acontece o mesmo, e quando durante algum tempo trabalhei apenas numa obra poética ou escrevi apenas recensões ou li e pensei apenas sobre factos históricos, então tenho de mudar e de me corrigir novamente noutros objetivos; tenho de, subitamente, dedicar-me por um tempo à filosofia ou à história da música ou pintar ou qualquer outra coisa. E antes de se dar este impulso e de se realizar a mudança, vem habitualmente um tempo de grande desânimo e depressão. [319]

Não há outro caminho de desenvolvimento e realização senão o da representação o mais perfeita possível do próprio ser. «Sê tu mesmo» é a lei ideal, pelo menos para o jovem; não há outro caminho para a verdade e para o desenvolvimento. Que este caminho seja dificultado por muitos obstáculos morais e outros, dado que o mundo nos prefere adaptados e

fracos do que obstinados, daí nasce para cada homem com uma individualização acima da média a luta pela vida.

Ali cada um tem de decidir por si só, segundo as suas próprias forças e necessidades, até que ponto quer submeter-se à convenção ou desafiá-la. Onde ele ignora a convenção, as exigências da família, do Estado, da comunidade, tem de o fazer com o conhecimento de que isso acontece por sua própria conta e risco. Quanta perigosidade alguém é capaz de assumir sobre si, para isso não há critério objetivo. Tem de se pagar por cada excesso, por cada ultrapassagem da própria medida; não se pode, impunemente, ir longe demais nem na obstinação nem na adaptação. [320]

Ao procurar realizar-se com os dotes que a natureza lhe deu, um homem faz o que de mais elevado e único com sentido pode fazer. [321]

Por mais bonita que seja a adaptação ao espírito do tempo e ao meio envolvente, as alegrias da sinceridade são maiores e mais duradouras. [322]

Sente com todo o sofrimento do mundo, mas não dirijas as tuas forças para onde és impotente, mas sim para o próximo a quem podes ajudar, a quem podes amar e alegrar. [323]

O espírito é benfazejo e nobre apenas na obediência à verdade; assim que a atraiçoa, assim que abandona a reverência, se torna vendável e arbitrariamente flexível, é o diabólico em potência, é muito pior do que a bestialidade animal e instintiva que ainda conserva algo da inocência da natureza. [324]

O mundo não progredirá mais depressa se transformarem poetas em oradores populares e filósofos em ministros. Ele progredirá em todo o lado onde um homem faz aquilo para que existe, o que a sua natureza exige dele, o que ele por isso faz bem e de bom grado. [325]

Virtude é: obediência. A questão é apenas a quem se obedece. Nomeadamente, também a obstinação é obediência. Mas todas as outras virtudes, tão queridas e louvadas, são obediência a leis que são dadas por homens. Apenas a obstinação é que não pergunta por estas leis. Quem é obstinado obedece a uma outra lei, ao «sentido» do «próprio». [326]

As virtudes reais perturbam sempre e provocam ódio. [327]

Não devemos começar por trás pelas formas de governo e métodos políticos, mas devemos começar pela frente pela construção da personalidade, se quisermos voltar a ter espíritos e homens que nos garantam o futuro. [328]

Todos os homens estão dispostos a fazer o inacreditável quando os seus ideais são ameaçados. Mas ninguém está presente quando um novo ideal, um novo impulso de crescimento, talvez perigoso e inquietante, bate à porta. [329]

O homem não é nada de fixo, de tornado e acabado, nada de único e inequívoco, mas sim algo em devir, uma tentativa, um pressentimento e futuro, lançamento e anseio da natureza por novas formas e possibilidades. [330]

A consciência nada tem a ver com a moral, nada com a lei; pode entrar com elas nos contrastes mais terríveis e mortais, mas é infinitamente forte, é mais forte do que a inércia, mais forte do que o interesse próprio, mais forte do que a vaidade. [331]

Não é nossa tarefa aproximarmo-nos uns dos outros, tão pouco quanto o sol e a lua se aproximam ou o mar e a terra. O nosso objetivo é reconhecer-nos uns aos outros e aprender a ver e a honrar num o que o outro é: o contraponto e complemento do outro. [332]

A nossa determinação é reconhecer corretamente os opostos, primeiramente como opostos, mas depois como polos de uma unidade. [333]

O que me é avesso não existe para mim menos do que aquilo que amo. Mas o que não conheço e não quero conhecer, o que me é indiferente, o que não tem relação comigo, nenhum apelo para mim, isso não existe para mim — e quanto mais houver disso, mais baixo me encontro eu próprio. [334]

Dever-se-ia, segundo o meu sentir, ser intolerante apenas consigo próprio, não com os outros. [335]

O sofrimento do mundo deve encontrar-nos no mais íntimo indestrutíveis, mas não deve encontrar-nos fechados em virtude de uma filosofia perfeita. [336]

O jovem em devir, quando tem o impulso para uma forte individualização, quando se desvia fortemente do tipo médio e comum, entra necessariamente em situações que têm a aparência de loucura... Trata-se agora não de impor as suas «loucuras» ao mundo e de revolucionar o mundo, mas trata-se de se defender tanto contra o mundo pelos ideais e sonhos da própria alma que eles não sequem. [337]

Um murro no rosto da piedade pertence aos atos sem os quais não se consegue libertar da saia da mãe. [338]

A impiedade é uma virtude magnífica quando praticada ingenuamente. Como intenção, como programa, porém, soa desafinado. [339]

Cada homem forte alcança infalivelmente aquilo que um impulso real o manda procurar. [340]

A realidade é aquilo com que não se pode, sob circunstância alguma, estar satisfeito, o que não se pode, sob circunstância alguma, adorar e venerar, pois ela é o acaso, o resíduo da vida. Ela não pode ser mudada de outra forma senão negando-a, mostrando que somos mais fortes do que ela. [341]

Dê razão ao hoje, ao dia, à hora, ao momento! [342]

Em todo o lado comunidade, em todo o lado ajuntamento, em todo o lado descarga do destino e fuga para a proximidade quente da manada! [343]

O ato — esse nunca foi feito por alguém que perguntou antes: «o que devo fazer?». [344]

Quando se considera algo correto, tem de se fazer também. [345]

A prática deveria ser o resultado da reflexão, não o contrário. [346]

O homem que tem caráter revela-o de forma mais clara e pura quando, retirado do seu círculo habitual de vida, se encontra perante algo novo. [347]

O desejo de viajar mais profundo não é diferente nem melhor do que aquele desejo perigoso de pensar destemidamente, de virar o mundo de pernas para o ar e de querer ter respostas de todas as coisas, pessoas e acontecimentos. Ele não se sacia com planos e a partir de livros; exige mais e custa mais, é preciso empenhar nele o coração e o sangue. [348]

A poesia do viajar reside na integração orgânica do recém-adquirido, no aumento da nossa compreensão pela unidade no múltiplo, no reencontro de antigas verdades e leis sob circunstâncias inteiramente novas. [349]

Na minha opinião, o caminho para sair das nossas doenças culturais não deve ser um «regresso à natureza», mas sim uma adaptação cada vez mais fina ao cultural; assim, não me convém na verdade fugir para as florestas, por muito que o romântico em mim o possa desejar. [350]

Os povos são todos igualmente estúpidos, não há diferença. Depende do indivíduo, não do sistema, se acontece o que é correto ou o que é estúpido e mau. [351]

Sempre fundei a minha crença no indivíduo, pois o indivíduo é educável e passível de melhoria, e segundo a minha crença foi e é sempre a pequena elite de homens de boa vontade, capazes de sacrifício e corajosos, que conservou o que é bom e belo no mundo. [352]

Se hoje, perante as necessidades e exigências atuais, nos mantivermos minimamente humanos e decentes, também o futuro poderá ser humano. [353]

Creio que a vida humana, em si sem sentido e nada mais do que cruel, deixa ao indivíduo a possibilidade de, mediante um alto empenho, a preencher com sentido e beleza. Mas raramente encontro alguém que não sorria perante isto... Foge-se ou para um esquecimento ou luto privado ou prepara-se para a luta, para retribuir violência com violência e preparar um próximo grande tempo com canhões e gás. [354]

A tua vida não se torna superficial e estúpida pelo facto de saberes que a tua luta será sem êxito. É muito mais superficial se lutas por algo bom e ideal e pensas agora que terias também de o alcançar. [355]

Creio que não sou responsável pelo sentido ou pela falta de sentido da vida, mas que sou responsável pelo que eu próprio faço com a minha própria e única vida. [356]

Temos os destinos que provocamos e que se adequam a nós. [357]

Não se deve suprimir o anseio, tem de se entregar a ele. [358]

A quem o destino vem de fora, esse é abatido, tal como a seta abate a caça. A quem o destino vem de dentro e do seu mais próprio, esse é fortalecido e transformado em deus. [359]

O objetivo da sabedoria é conceder às coisas apenas tanto poder sobre si quanto se queira, e não receber mais o seu destino de fora, mas tomá-lo como um hausto do próprio interior. [360]

O medo da loucura é, na maioria das vezes, nada mais do que o medo da vida, das exigências do nosso desenvolvimento e dos nossos instintos. Entre a vida instintiva ingénua e aquilo que desejaríamos ser conscientemente e nos esforçamos por ser, há sempre um abismo; não se pode transpô-lo com uma ponte, mas pode-se saltar por cima dele

repetidamente, centenas de vezes, e de cada vez é preciso coragem e assalta-nos algum medo antes do salto. [367]

No geral, sou contra o heroico e, por isso, também desconfiado em relação à *Stoa*; e assim procedi na minha própria vida, com raras exceções: considerei que o caminho mais curto através do mundo das dores era aquele que passa precisamente pelo meio da dor. [362]

Com o >Regresso à Natureza<, o homem trilha sempre um caminho errado, doloroso e sem esperança. [363]

Lidar com dores físicas, quando estas duram muito tempo, é certamente algo do mais difícil que existe. As naturezas heroicas defendem-se contra a dor, procuram negá-la e cerram os dentes, ao estilo dos estoicos romanos; mas, por mais bela que seja esta atitude, tendemos a duvidar da autenticidade da superação da dor. Pela minha parte, sempre lidei melhor com dores fortes quando não me defendi contra elas, mas antes me entreguei a elas, tal como alguém se entrega a uma embriaguez ou a uma aventura. [364]

Chegará o dia em que também no campo das doenças e da saúde se descobrirá e perceberá a relatividade: que as doenças de hoje podem ser a saúde de amanhã, e que nem sempre o permanecer saudável é o sintoma mais infalível de saúde. [365]

Sinto-me frequentemente cansado e sem fé nem coragem, mas creio que não se deve propriamente combater estes estados, mas sim entregar-se a eles: chorar uma vez, matutar sem pensar outra, e depois percebe-se que, entretanto, a alma viveu e algo dentro de nós avançou. [366]

Tudo regressa, aquilo que não é sofrido e resolvido até ao fim. [367]

Há paz, certamente, mas não uma que habite permanentemente em nós e não nos abandone mais. Há apenas uma paz que é conquistada repetidamente com lutas incessantes e que tem de ser conquistada de novo dia após dia. [368]

A dor é esquecimento. A redenção é: recordar-se do porquê. [369]

O destino só pode ser superado através da compreensão. [370]

Todas as coisas que se fazem contra o próprio sentimento e contra o saber interior, para agradar aos outros, não são boas e têm de ser pagas caro, mais cedo ou mais tarde. [371]

Também não se deve fazer o bem sob coação. [372]

É perigoso para a vida colocar a vida instintiva de forma demasiado unilateral sob o domínio do espírito inimigo dos instintos, pois cada fragmento da nossa vida instintiva, cuja sublimação não seja totalmente bem-sucedida, traz sofrimentos graves por via do recalcamento. [373]

Sem o animal em nós, somos anjos castrados. [374]

Nos grandes problemas, não se trata tanto de os resolver, mas sim de suportar a tensão entre os polos. [375]

Na maioria das vezes, os períodos maus e estúpidos fizeram-me melhor, posteriormente, do que os sensatos e aparentemente prósperos. Devo ter paciência, não razão. Devo lançar as raízes mais fundo, não abanar os ramos. [376]

Não é minha opinião que a vida seja um prazer ou para o prazer — é um facto e um estado ao qual só podemos dar um valor mais elevado através de uma consciência o mais desperta possível. Por isso, o meu esforço não se dirige ao máximo prazer possível, mas sim a viver o mais conscientemente possível e o menos animal-inconscientemente possível, quer isso aconteça no prazer ou no sofrimento. Por isso, também vivo plenamente estados como os de *Taedium vitae* e não procuro contorná-los através da distração. Além disso, estou tão profundamente convencido da inevitabilidade do determinado que aceito o bom e o mau, se não de forma imóvel, pelo menos sem tentativas de revolta. [377]

Cada ser humano, desde que seja uma pessoa e tenha um rosto, tem também o seu tipo de destino, destinado e inato, e muitas vezes parece que ele escolhe este destino para si mesmo e intencionalmente, de tal modo ele faz e experiencia com segurança o que lhe foi destinado. [378]

Acima de tudo, porém, o que importa é como nos posicionamos interiormente: se encaramos o que é pesado de forma pesada e rígida ou de forma elástica. Não se pode tirar o peso e recuperar o impulso por mera decisão, mas é bom pensar nisso e não perder a confiança nas asas, mesmo quando estas estão cansadas e a precisar de reparação. [379]

Quem dirige a força máxima do desejo para o centro, para o verdadeiro ser, para o perfeito, esse parece mais calmo do que o apaixonado, porque nem sempre se vê a chama do seu ardor, porque ele, por exemplo, ao disputar, não grita nem gesticula com os braços. Mas eu digo-te: ele tem de arder e queimar. [380]

Quanto mais exigimos de nós próprios ou quanto mais a nossa respetiva tarefa exige de nós, tanto mais dependemos da fonte de força da meditação, da reconciliação sempre renovada entre espírito e alma... Os homens verdadeiramente grandes da história mundial souberam todos meditar ou, pelo menos, conheceram inconscientemente o caminho para onde a meditação nos conduz. Os outros, mesmo os mais dotados e fortes, acabaram todos por fracassar e sucumbir porque a sua tarefa, ou o seu sonho ambicioso, se apoderou de tal modo deles, possuiu-os e tornou-os possessos, que perderam a capacidade de se desprenderem e distanciarem repetidamente do atual. [381]

Não devemos fugir da *Vita ativa* para a *Vita contemplativa*, nem vice-versa, mas sim estar a caminho alternando entre ambas, estar em casa em ambas, participar em ambas. [382]

Acontece que o cansaço acumulado se manifesta com maior intensidade precisamente quando se sai do trabalho. Então, é preciso ceder-lhe; ele é mais sábio do que as nossas cabecinhas e tem de se lhe conceder descanso. [383]

Procurar e encontrar são duas coisas distintas, e para o encontrar, uma procura demasiado esforçada não é favorável, pelo contrário... O caminho da procura para o encontro não é reto, e a vontade e a razão não bastam para o percorrer. É preciso saber ouvir, escutar, esperar, estar aberto a pressentimentos. Mais não sei. [384]

Quando alguém procura, acontece facilmente que o seu espírito só veja a coisa que procura — pois não consegue encontrar nada, não consegue deixar entrar nada em si, porque pensa sempre apenas no que procura, porque tem um objetivo, porque está possuído pelo objetivo. Procurar significa: ter um objetivo. Mas encontrar significa: ser livre, estar aberto, não ter objetivo. [385]

Não devemos procurar, mas sim encontrar; não julgar, mas sim olhar e compreender, inspirar e processar o que foi absorvido. Devemos sentir o nosso próprio ser aparentado e integrado no Todo. Só então teremos relações reais com a natureza. [386]

Aprenda, não importa onde, a servir realmente uma vez, a entregar-se realmente, a pensar realmente na coisa em vez de em si próprio; esse é o único caminho para sair da sua solidão. [387]

Cada jogo é uma boa escola de obediência, de serviço, de levar a sério, e isso não é desvalorizado, mas sim elevado pelo facto de os jogadores mais

despertos e inteligentes saberem exatamente que o seu jogo é mera imagem, parábola, precisamente jogo. Justamente aqueles que jogam o jogo sem ambição, sem querer ganhar, são os que melhor cumprem as regras. E justamente aqueles que também na vida agem como se esta fosse um jogo, são os que melhor servem a vida. [388]

Quem recebe uma vocação, não aceita com isso apenas um presente e uma ordem, aceita também algo como uma dívida, tal como o soldado que é retirado das fileiras dos seus camaradas e promovido a oficial é tanto mais digno dessa promoção quanto mais a paga com um sentimento de dívida, sim, de má consciência perante os seus camaradas. [389]

Muitos consideram-se perfeitos apenas porque têm exigências menores para consigo próprios. [390]

A minha vida, assim o planeei, deveria ser um transcender, um progredir de degrau em degrau; deveria percorrer e deixar para trás um espaço após outro, tal como uma música executa, toca, completa e deixa atrás de si tema após tema, tempo após tempo, nunca cansada, nunca dormindo, sempre desperta, sempre totalmente presente. Em ligação com as experiências do despertar, tinha notado que existem tais degraus e espaços e que, em cada caso, o último tempo de um período de vida carrega em si um tom de murchar e de querer morrer, o qual conduz então à passagem para um novo espaço, ao despertar, a um novo começo. [391]

Um objetivo atingido não é um objetivo. [392]

Abandona-se facilmente o luxo quando se tem um objetivo e se sabe porquê. [393]

Com o mimo físico e a inércia, a intelectual caminha de mãos dadas. [394]

Repetidamente nos agarramos ao que nos é querido e pensamos que é fidelidade, mas é apenas inércia. [395]

Toda a tentativa de levar a sério a cultura, o espírito e as suas exigências, e de viver de acordo com eles, conduz infalivelmente ao desespero. A redenção vem então, em cada caso, do reconhecimento de que objetivámos demasiado as experiências e estados subjetivos. Estas experiências de ser redimido não asseguram, naturalmente, contra novos desesperos. Mas exigem a fé de que cada desespero é superável a partir de dentro. [396]

Vivemos todos hoje em desespero, todos os seres humanos despertos e capazes de sofrer, e estamos assim colocados entre Deus e o Nada. Entre

eles expiramos e inspiramos, oscilamos e pendulamos. Teríamos vontade todos os dias de deitar fora a vida, e no entanto somos segurados pela parte em nós que é transpessoal. Assim, a nossa fraqueza, sem que por isso sejamos heróis, torna-se coragem. E salvamos um pouco da fé transmitida para os que hão de vir. [397]

Temos, de facto, o direito de desesperar de nós próprios, mas não o direito de, por isso, declarar a imagem do homem como conspurcada e perdida. E temos a tarefa de continuar a acalentar em nós esta imagem, mesmo onde o tempo parece contradizê-la fortemente, e de a legar aos descendentes, tal como a recebemos dos nossos pais. [398]

Deus não nos envia o desespero para nos matar, envia-o para despertar nova vida em nós. [399]

O caos quer ser reconhecido, quer ser vivido, antes de se deixar colocar numa nova ordem. [400]

Onde termina o conforto e começa a necessidade, aí começa a educação que a vida nos quer dar. [401]

A solidão é o caminho pelo qual o destino quer conduzir o homem a si próprio. [402]

Só os fracos são enviados por caminhos isentos de perigo. [403]

A fé de que não nos acontece nenhuma felicidade ou infelicidade à qual não possamos dar um sentido e uma volta para o que é valioso, tenho-a hoje como sempre e não a abandono nem para mim nem para os outros. [404]

Contra as infâmias da vida, as melhores armas são: coragem, obstinação e paciência. A coragem fortalece, a obstinação diverte e a paciência dá tranquilidade. [405]

A paciência é o mais difícil e a única coisa que vale a pena aprender. Toda a natureza, todo o crescimento, toda a paz, toda a prosperidade e beleza no mundo baseiam-se na paciência, precisam de tempo, precisam de silêncio, precisam de confiança, precisam da fé em processos de longo prazo, de duração muito superior à vida de um indivíduo, os quais não são totalmente acessíveis à compreensão de um indivíduo e, na sua totalidade, só são vivenciáveis por povos e épocas, não por pessoas. [406]

Quanto mais loucas e doentes são as comunidades e os aparelhos de Estado, mais nos devemos deixar alegrar e ensinar pelas ervas e flores, que

também nos campos de batalha e entre os escombros de cidades bombardeadas fazem o que lhes compete. [407]

Nada faz tão bem, especialmente em tempos difíceis, como entregar-se à natureza, não de forma passiva ou para desfrutar, mas de forma criativa. [408]

Se este mundo vai acabar amanhã ou não, não é preocupação nossa nem responsabilidade nossa; devemos e queremos saborear e louvar aquilo que nele nos agrada, nem que seja apenas o céu com o seu nebulado mágico, enquanto aqui estivermos. Ouço a cada instante dizerem como a minha poesia é retrógrada e ridícula, um romantismo estúpido de avô, ferro velho. [409]

O homem, tal como Deus o pensou e como a poesia e a sabedoria dos povos o entenderam durante muitos milhares de anos, é criado com uma capacidade de se alegrar com as coisas, mesmo quando não lhe são úteis, com um órgão para o belo. Na alegria do homem pelo belo, o espírito e os sentidos participam sempre em igual medida e, enquanto os homens forem capazes de se alegrar com tais coisas no meio das tribulações e perigos da sua vida: um jogo de cores na natureza ou num quadro pintado, um apelo nas vozes das tempestades e do mar ou uma música feita por homens; enquanto por trás da superfície dos interesses e necessidades o mundo lhes puder tornar-se visível ou sensível como um Todo — onde, desde o virar de cabeça de uma gata jovem a brincar até ao jogo de variações de uma sonata, desde o olhar comovente de um cão até à tragédia de um poeta, existe uma conexão, uma riqueza mil vezes multiplicada de relações, correspondências, analogias e reflexos, de cuja linguagem eternamente fluida é concedida aos ouvintes alegria e sabedoria, diversão e comoção — enquanto assim for, o homem tornar-se-á repetidamente senhor das suas incertezas e poderá repetidamente atribuir sentido à sua existência, pois o »sentido« é precisamente aquela unidade do múltiplo, ou pelo menos aquela capacidade do espírito de pressentir a confusão do mundo como unidade e harmonia. [410]

A fantasia é a mãe do contentamento, do humor, da arte de viver. A fantasia só prospera com base num entendimento íntimo entre o homem e o ambiente que o rodeia. Este ambiente não precisa de ser belo, nem original, nem encantador. Só precisamos de ter tempo para crescer com ele, e é isso que falta hoje em todo o lado. [411]

É preciso apegar-se sempre e repetidamente ao que é vivo. O »Espírito« deixa-nos frequentemente ficar mal, e raramente vale tanto como aquilo

que a natureza nos dá por apenas um pouco de amor e paciência: brincar com um gato, ou acender um fogo, ou observar as nuvens; tudo isso são fontes às quais basta apenas bater. [412]

Quer eu admire um musgo, um cristal, uma flor, um escaravelho dourado ou um céu de nuvens, um mar com os movimentos gigantes e serenos das suas vagas, uma asa de borboleta com a ordem das suas nervuras cristalinas, o corte e as cercaduras coloridas das suas bordas, a escrita e ornamentação variada do seu padrão e as infinitas, doces e magicamente sopradas transições e matizes de cores — cada vez que vivencio um pedaço da natureza com o olho ou com outro sentido corporal, quando sou atraído e encantado por ele e me abro por um instante à sua existência e à sua revelação, então, nesse mesmo instante, deixei e esqueci todo o mundo cobiçoso e cego da necessidade humana e, em vez de pensar ou mandar, em vez de adquirir ou explorar, combater ou organizar, não faço por este instante nada mais do que »espantar-me« como Goethe; e com este espanto não me tornei apenas irmão de Goethe e de todos os outros poetas e sábios, não, sou também o irmão de tudo aquilo que admiro e vivencio como mundo vivo: da borboleta, do escaravelho, da nuvem, do rio e da montanha, pois pelo caminho do espanto escapei por um instante ao mundo das separações e entrei no mundo da unidade, onde uma coisa e criatura diz à outra: *Tat twam asi*. (»Isso és Tu.«) [413]

FORMAÇÃO, ESCOLA, EDUCAÇÃO

A verdadeira formação não é formação para um fim qualquer, mas tem, como todo o esforço pelo perfeito, o seu sentido em si mesma. Tal como o esforço pela força física, destreza e beleza não tem um fim último qualquer, como o de nos tornar ricos, famosos e poderosos, mas traz a sua recompensa em si mesmo, aumentando o nosso sentimento vital e a nossa autoconfiança, tornando-nos mais alegres e felizes e dando-nos um sentimento mais elevado de segurança e saúde, assim também o esforço pela >formação<, isto é, pela perfeição espiritual e anímica, não é um caminho penoso para fins limitados, mas sim um alargamento enriquecedor e fortalecedor da nossa consciência, um enriquecimento das nossas possibilidades de vida e de felicidade.

Por isso, a verdadeira formação, tal como a verdadeira cultura física, é simultaneamente realização e impulso, está em todo o lado no objetivo e, no entanto, não descansa em lugar algum; é o estar a caminho no infinito, uma vibração conjunta no universo, um viver conjunto no intemporal. O seu objetivo não é o aumento de capacidades e desempenhos individuais,

mas sim ajudar-nos a dar um sentido à nossa vida, a interpretar o passado, a estar abertos ao futuro numa prontidão destemida. [414]

Cada ideal cultural do passado tornar-se-ia veneno para nós se o quiséssemos adotar. Mas observar com admiração as belas construções culturais do passado, perfeitas em si mesmas, amar a sua perfeição, compreender a sua espiritualidade, reconhecer as condições do seu surgimento e do seu desaparecimento — isso não é culto histórico nem erudição vazia, mas sim um desfrute que promove a vida. [415]

Há leitores que passam a vida com uma dúzia de livros e, no entanto, são leitores autênticos. E há outros que engoliram tudo e sabem falar de tudo, e no entanto, todo o seu esforço foi em vão. Pois a formação pressupõe algo a ser formado: nomeadamente um caráter, uma personalidade. Onde esta não existe, onde a formação sem substância se processa, por assim dizer, no vazio, pode certamente surgir conhecimento, mas não amor e vida. Ler sem amor, conhecimento sem reverência, formação sem coração é um dos piores pecados contra o espírito. [416]

Nunca tive a educação em grande conta, isto é, sempre tive fortes dúvidas sobre se o ser humano pode, de todo, ser alterado ou melhorado através da educação. Em vez disso, tinha uma certa confiança na suave força de persuasão do belo, da arte, da poesia; eu próprio, na minha juventude, fui mais formado e tornado curioso pelo mundo espiritual através delas do que por todas as >educações< oficiais ou privadas. [417]

Segundo a minha experiência, apenas se deixam interpelar e aguçar aquelas consciências que já estão despertas de qualquer maneira. [418]

O conhecimento não tem pior inimigo do que o querer saber, do que o aprender. [419]

Sem muita compreensão, mas com o sentimento fortalecedor de ser superior, o adulto coloca-se perante a criança. Até que se mostre que este sentimento de superioridade se baseia apenas num profundo desconhecimento. [420]

Também se atribui tanta coisa às travessuras, apenas porque incomoda os pais, enquanto a criança faz, com a melhor das consciências, o que lhe é natural e parece inofensivo. [421]

Quando uma criança dotada foi, durante anos e anos, ao longo de toda uma juventude, violentada, espancada, intimidada, comercializada, amedrontada; quando então surge um nobre salvador e liberta subitamente

essa criança, ele não deve esperar que a criança expresse agora, acima de tudo, o desejo ardente de se tornar juiz de comarca ou de se tornar útil de outra forma. Talvez ela comece por deitar fogo a uma casa ou faça outras tropelias. [422]

Tinha-se feito, quando éramos crianças, muito esforço para nos »quebrar a vontade«, como a pedagogia piedosa de então lhe chamava, e tinha-se, de facto, quebrado e destruído muita coisa em nós, mas precisamente não a vontade, precisamente não o que era único e nascera connosco, não aquela centelha que fazia de nós *outsiders* e excêntricos. [423]

O sensato racionaliza o mundo e violenta-o. Ele tende sempre para uma seriedade feroz. Ele é educador. [424]

Jesus tinha doze anos quando, no Templo, envergonhou os eruditos. Todos nós, aos doze anos, envergonhámos os nossos eruditos e professores, éramos mais inteligentes do que eles, mais geniais do que eles, mais corajosos do que eles. [425]

Cada um tem de dar, uma vez, o passo que o separa do seu pai, dos seus professores; cada um tem de sentir algo da dureza da solidão, embora a maioria das pessoas consiga suportar pouco disso e logo procure de novo abrigo. [426]

Apenas o pensamento que vivemos tem um valor. Tu soubeste que o teu »mundo permitido« era apenas metade do mundo, e tentaste ocultar de ti próprio a segunda metade, tal como fazem os padres e os professores. [427]

A verdade é vivida, não lecionada. [428]

A intimidação não é um meio de educação. [429]

Também na educação a liberdade e o humor não farão mal, desde que se mantenha o sentimento de superioridade e, nomeadamente, a confiança das crianças. [430]

Os juízos só são valiosos quando são afirmativos. Cada juízo negativo, reprovador, por mais correto que seja enquanto observação, torna-se falso assim que é proferido. Do que as pessoas falam umas sobre as outras, dois terços são tais »juízos«. Se eu digo de uma pessoa que ela me é repugnante, essa é uma afirmação honesta. A quem a ouve, cabe decidir se quer atribuir a culpa dessa repugnância a mim ou ao outro. Mas se eu digo de alguém que ele é vaidoso ou avarento, ou que bebe, então cometo uma injustiça. Desta forma, qualquer pessoa se deixaria rapidamente »liquidar« através de juízos. Para este tipo de juízo, Jean Paul foi um bebedor de cerveja,

Feuerbach um casaco de veludo e Hölderlin um louco. Diz-se algo sobre eles com isto, dá-se algo deles? Do mesmo modo alguém pode dizer: a Terra é um planeta onde existem pulgas. Este tipo de »verdades« é o epítome de toda a falsificação e mentira. Somos verdadeiramente verdadeiros apenas onde dizemos sim e reconhecemos. A constatação de »falhas«, por mais fina e espiritual que soe, não é juízo, mas sim coscuvilhice. [431]

O importante não é a formação do professor, tal como a esperteza e a ocupação com a pedagogia não tornam um pai capaz de ser educador se ele não tiver, enquanto ser humano, enquanto modelo, aquilo que é convincente, em que uma criança acredita mais do que em palavras. [432]

A escola é a única questão cultural moderna que levo a sério e que ocasionalmente me irrita. Em mim, a escola estragou muita coisa, e conheço poucas personalidades significativas às quais não tenha acontecido o mesmo. Ali aprendi apenas latim e mentiras. [433]

Não considero impecável a nossa escola, que no ser humano vê, dependendo do caso, até aos catorze, dezoito ou vinte anos, apenas uma etapa preliminar sem valor próprio. Leio por vezes em histórias e memórias, com espanto, como antigamente homens com idades em que hoje ainda teriam quatro exames pela frente até à humanização, ocuparam cargos importantes e realizaram feitos importantes. Penso então, com tristeza, num tempo ainda um pouco mais cauteloso, no qual não se possa ser estudante antes dos trinta, nem funcionário antes dos quarenta. O casar-se tornar-se-á então correspondentemente possível mais tarde, e as pessoas decentes poderão, ainda mais do que hoje, gerar filhos legítimos apenas numa idade em que já só se tem restos para dar aos pobres pequenos. [434]

A escola não se ocupava daquelas competências sérias que são indispensáveis para a vida, mas predominantemente de conhecimentos, dos quais alguns me permaneceram fiéis por toda a vida; assim, ainda hoje conheço inúmeras palavras e versos latinos belos e espirituosos, bem como o número de habitantes de muitas cidades — naturalmente não os de hoje, mas os de 1890. [435]

O ser humano, tal como a natureza o cria, é algo de imprevisível, opaco, hostil. É um rio que irrompe de montanhas desconhecidas e é uma floresta virgem sem caminho nem ordem. E tal como uma floresta virgem tem de ser desbastada e limpa e violentamente limitada, assim a escola tem de quebrar, vencer e limitar violentamente o homem natural; a sua tarefa é torná-lo, segundo princípios aprovados pelas autoridades, um membro útil

da sociedade e despertar nele as qualidades cuja formação completa é depois coroada e terminada pela disciplina cuidadosa na caserna. [436]

Um mestre-escola prefere ter dez asnos notórios do que um génio na sua turma e, analisando bem, ele tem razão, pois a sua tarefa não é formar espíritos extravagantes, mas sim bons latinistas, calculadores e homens de bem. Quem, porém, sofre mais e mais pesadamente com o outro, o professor com o rapaz ou vice-versa, qual dos dois é mais tirano, mais atormentador, e qual dos dois é que estraga e desonra partes da alma e da vida do outro, isso não se pode investigar sem ficar amargurado. [437]

Temos o consolo de que, nos verdadeiramente geniais, quase sempre as feridas cicatrizam e de que deles saem pessoas que, apesar da escola, criam as suas boas obras e que mais tarde, quando estão mortas e envoltas no agradável nimbus da distância, são apresentadas a outras gerações pelos seus mestres-escola como peças magníficas e exemplos nobres. E assim se repete de escola em escola o espetáculo da luta entre a Lei e o Espírito, e repetidamente vemos o Estado e a escola empenhados, sem fôlego, em quebrar na raiz os poucos espíritos mais profundos e valiosos que surgem anualmente. E repetidamente são sobretudo os odiados pelos mestres-escola, os frequentemente castigados, os fugitivos, os expulsos, que depois enriquecem o tesouro do nosso povo. Alguns, porém — e quem sabe quantos? — consomem-se num desafio silencioso e perecem. [438]

Os nossos professores ensinavam-nos, naquela disciplina divertida a que chamavam História Universal, que o mundo fora sempre governado, conduzido e transformado por pessoas que davam a si próprias a sua própria lei e que quebravam as leis herdadas, e era-nos dito que essas pessoas eram dignas de veneração. No entanto, isto era tão mentira como todo o restante ensino, pois se um de nós, fosse com boa ou má intenção, mostrasse coragem uma vez e protestasse contra qualquer mandamento, ou até meramente contra um hábito ou moda estúpida, então ele não era venerado, nem nos era recomendado como modelo, mas sim castigado, escarnecido e esmagado pela superioridade cobarde dos professores. [439]

Com o poeta acontecia exatamente o mesmo que com o herói e com todas as figuras e aspirações fortes ou belas, magnânimas e fora do comum: no passado eram magníficas, todos os livros escolares estavam cheios do seu louvor; no presente e na realidade, porém, eram odiadas, e presumivelmente os professores eram contratados e formados precisamente para impedir, na medida do possível, o crescimento de pessoas famosas e livres e a ocorrência de feitos grandes e esplêndidos. [440]

Os nossos professores exigiam de nós virtudes que eles próprios não tinham, e assim também a História Universal que nos apresentavam era decerto uma tal vigarice dos adultos para nos rebaixar e tornar pequenos. [441]

Quer te tornes professor, erudito ou músico, tem reverência pelo »sentido«, mas não o consideres ensinável. Com o querer ensinar o »sentido«, os filósofos da história estragaram metade da História Universal. [442]

Existe um tipo de alunos muito dotados que, apesar do seu talento, são em todos os tempos desagradáveis e incómodos para os professores, porque neles o talento não é uma força orgânica fundamentada e crescida de baixo e de dentro, o estigma terno e nobilitante de uma boa natureza, de um sangue capaz e de um caráter capaz, mas sim, por assim dizer, algo fortuito, acidental, sim, usurpado ou roubado. Um aluno de caráter medíocre, mas de inteligência elevada ou de fantasia brilhante, coloca inevitavelmente o professor em embaraço: ele deve transmitir a este aluno o conhecimento e o método herdados e torná-lo capaz de colaborar na vida espiritual — e tem, no entanto, de sentir que o seu dever próprio e superior seria precisamente proteger as ciências e as artes do afluxo dos apenas-dotados, pois o professor não tem de servir o aluno, mas ambos têm de servir o Espírito.

Cada exigência de um aluno que é capaz de brilhar, mas não de servir, significa no fundo uma espécie de traição ao Espírito. Conhecemos na história de muitos povos períodos nos quais, perante uma perturbação profunda das ordens espirituais, ocorreu positivamente um assalto dos apenas-dotados à liderança das comunidades, das escolas e academias, dos Estados, e em todos os cargos sentavam-se pessoas altamente talentosas, que queriam todas governar sem poderem servir. Reconhecer atempadamente este tipo de talentos, antes mesmo de se terem apoderado dos fundamentos de uma profissão espiritual, e enviá-los de volta com a dureza necessária para os caminhos de profissões não espirituais, é certamente, muitas vezes, muito difícil. [443]

Que um [homem] encontre a profissão que não seja apenas capaz de preencher razoavelmente, mas que consiga despertar a imagem onírica que nele reside e moldá-la na vida, que não apenas o alimente e honre, mas o eleve e preencha, isso não acontece com muita frequência, e têm de coincidir muitas circunstâncias para que seja bem-sucedido. Tendemos talvez excessivamente a fazer um esquema das biografias de homens dotados do passado, dos chamados génios, e a tranquilizarmo-nos com o

facto de que, afinal, cada vez o verdadeiramente forte e dotado encontrou o seu caminho e alcançou o lugar que lhe era devido.

Esta suposição demasiado burguesa não é mais do que um desviar de olhos cobarde da realidade; não foram apenas muitos daqueles génios famosos que, apesar de altos feitos, nunca se tornaram aquilo para que o desígnio e a vocação neles residiam, mas também em todos os tempos inúmeros dos mais dotados simplesmente não chegaram, ou chegaram demasiado tarde, ao caminho digno deles por circunstâncias externas. O facto de que uma vida infeliz e malograda possa ser por alguns não apenas suportada, mas no fim abraçada e nobilitada com o *amor fati*, não tem nada a ver com isto. [444]

Duas tarefas tem cada espiritualidade e cultura: dar segurança e impulso aos muitos, consolá-los, conferir um sentido à sua vida — e depois a segunda tarefa, mais misteriosa e não menos importante: possibilitar aos poucos, aos grandes espíritos de amanhã e depois de amanhã, o crescimento, conceder proteção e cuidado aos seus inícios, dar-lhes ar para respirar. [445]

O instruído conhece e tem princípios. Ele respeita uma quantidade de coisas que, no fundo, o atraem pouco, e renuncia a outras pelas quais se sentiria inclinado se a formação não tivesse criado inibições. [446]

A minha exigência para o futuro não é a uniformização dos espirituais com os que ganham com sucesso: o espiritual não deve de modo algum sentar-se às mesas dos ricos e participar no luxo, ele deve ser mais ou menos asceta — mas, em troca, não deve ser também escarnecido, mas sim respeitado, e o mínimo de material deve pertencer-lhe por si só, tal como nos tempos da cultura monástica o irmão da ordem, sem poder possuir bens pessoais, podia no entanto viver e, na medida do seu desempenho, participava na glória e na autoridade da sua ordem.

Uma aristocracia propriamente dita não pode ser a ordem da vida espiritual; a aristocracia baseia-se na hereditariedade, e o espírito não é fisicamente herdável. Em vez disso, cada boa ordem da vida espiritual representa uma oligarquia dos mais espirituais, com a manutenção de todos os meios de formação abertos para cada dotado. [447]

O instruído é apenas mais instruído, de modo algum porém mais inteligente do que o povo. [448]

Tem reverência pelo »sentido«, mas não o consideres ensinável. [449]

Nenhum ser humano pode ver e compreender no outro aquilo que ele próprio não viveu. [450]

Na minha opinião, na minha geração, muito mais vidas humanas foram arruinadas por um excessivo estreitamento e inibição da vida instintiva do que pelo contrário. Por isso, em alguns dos meus livros, fiz-me advogado e auxiliador desta vida instintiva reprimida — mas nunca sem deixar de lado a reverência pelas altas exigências que são colocadas pelos sábios e pelas religiões.

O nosso objetivo também não é: à custa da bondade, do amor e da humanidade, levar uma vida de arbítrio o mais selvagem possível. Pelo contrário, devemos procurar o nosso caminho entre as duas exigências, as da natureza e as do espírito, mas não um caminho médio rígido, mas sim cada um o seu próprio, elástico, no qual a liberdade e a vinculação alternam como o inspirar e o expirar. [451]

Não conduz a nenhum objetivo o matar o Eu acidental dos sentidos para, em troca, cevar o Eu acidental dos pensamentos e da erudição. [452]

Os jovens encontram nos meus escritos um fortalecimento do individual, enquanto os professores pretendem precisamente o contrário, a maior normalidade e uniformização possível das almas jovens, o que é inteiramente legítimo e compreensível. Que ambas as funções, a minha que conduz ao individualismo e a normalizadora da escola, são necessárias e têm de se completar, pois pertencem uma à outra como o inspirar e o expirar e como todos os processos bipolares, para compreender isto e saber-se unido em amor com o oponente, mesmo onde se lhe tem de oferecer resistência, para isso é preciso um pouco de sabedoria e um pouco de reverência e piedade, e essas são qualidades que hoje não se pode pressupor no professor mais do que em outras pessoas. O mundo está, talvez ainda por muito tempo, nas mãos dos *grands simplificateurs*, e uma recuperação disso será presumivelmente possível apenas após uma catástrofe da qual, desde 1914, vimos apenas os inícios. [453]

RELIGIÃO E IGREJA

As religiões e os mitos são, tal como a poesia, uma tentativa da humanidade de expressar em imagens precisamente aquela inefabilidade que [Vós] tentais traduzir em vão para o que é rasamente racional. [454]

Toda a minha vida está sob o signo de uma tentativa de vinculação e entrega, de religião. Não imagino que possa encontrar para mim, ou até para outros, algo como uma nova religião, uma nova formulação e possibilidade de vinculação, mas permanecer no meu posto e, mesmo quando tiver de desesperar do meu tempo e de mim próprio, não deitar fora, apesar de tudo, a reverência pela vida e pela possibilidade do seu sentido, mesmo que com isso eu deva ficar sozinho, mesmo que com isso me torne muito ridículo — a isso me prendo. Não o faço por qualquer esperança de que com isso algo melhore para o mundo ou para mim, faço-o simplesmente porque não quero viver sem qualquer reverência, sem entrega a um Deus. [455]

Acredito no ser humano como uma possibilidade maravilhosa, que não se extingue nem na maior lama e que é capaz de o ajudar a regressar da maior degeneração, e acredito que esta possibilidade é tão forte e tão sedutora que se torna repetidamente percetível como esperança e como exigência; e a força que faz o homem sonhar com as suas possibilidades superiores e que o afasta repetidamente do animal é decerto sempre a mesma, quer lhe chamem hoje religião, amanhã razão e depois de amanhã outra coisa. A oscilação, o ir e vir entre o homem real e o homem possível, o sonhável, é o mesmo que as religiões concebem como a relação entre o Homem e Deus. [456]

Aquilo a que chamais progresso realiza-se, como toda a história espiritual da humanidade, não na massa, mas numa pequena minoria de pessoas que são »de boa vontade«. Foi sempre assim. Em todo o lado onde esta pequena minoria alcança poder, surge por um instante o Divino na Terra: religião, cultura. E a nossa tarefa não é ensinar o mundo incorrigível, mas sim formar repetidamente esta minoria e não deixar extinguir o ameaçado pequeno Reino de Deus. [457]

A experiência religiosa, tanto a mística como a da comunidade, é de facto uma experiência típica geral, inteiramente transpessoal; mas acontece que, nas suas formas elevadas, ela é no entanto apenas plenamente realizada pelo indivíduo, pela personalidade altamente desenvolvida, pelo génio. [458]

O homem é capaz de qualquer estupidez e de qualquer baixeza, tanto quanto de qualquer entrega ao sentido e harmonia do mundo, e presumivelmente os estúpidos e os baixos estiveram sempre em maioria. O que Deus pensa sobre isso, descobre-se de forma clássica na conversa de Abraão com Deus por causa da cidade de Sodoma. Deus deixa-se regatear

até um número mínimo de »Justos«, e o que há de grandioso neste regateio tenaz é que não é Deus quem exorta o homem à indulgência e à tolerância, mas sim o contrário. [459]

Cada um que acredita num sentido na vida e no alto destino do ser humano é valioso no caos atual, independentemente da confissão a que pertença e dos sinais em que acredite. [460]

Não considero o mais importante qual a fé que um homem tem, mas sim que ele tenha, de todo, uma. [461]

Uma moral pode ser o resultado de uma religião, mas nunca de uma moral se pode construir uma religião. Pois o que é superior é a religião. Acredito que não existe nenhuma religião que comece com o [dever], enquanto a maioria das visões do mundo começam ali. [462]

Se não posso partilhar a fé em dogmas que seriam os únicos corretos, os únicos que trazem a salvação, conheço no entanto a experiência da reconciliação e da entrega a uma fé a partir de mim próprio e não me sinto com isso nada infeliz, nem perdido, nem protestante, mas alegro-me e concordo com gratidão que o Inefável possa ser vivenciado e interpretado de tantas maneiras. [463]

Exigimos que a vida tenha de ter um sentido — mas ela tem apenas exatamente tanto sentido quanto nós próprios somos capazes de lhe dar. Porque o indivíduo só consegue fazê-lo de forma imperfeita, tentou-se nas religiões e filosofias responder à questão de forma consoladora. Estas respostas vão todas dar ao mesmo: a vida recebe sentido unicamente através do amor. Isto é: quanto mais somos capazes de amar e de nos entregar, tanto mais plena de sentido se torna a nossa vida. [464]

A vida tem tanto sentido quanto o que somos capazes de lhe dar. A Bíblia e o dogma e todas as filosofias são apenas uma ajuda para facilitar essa atribuição de sentido. A natureza, a planta e o animal, não necessitam da atribuição de sentido, porque não conhecem o pensamento nem o pecado; vivem de forma ingénua e inocente. Nós, humanos, somos menos do que animais se quisermos tentar viver sem sentido. A vida ganha sentido quando a retiramos, tanto quanto possível, da aspiração ingénua ao prazer egoísta e a colocamos num serviço. Se levarmos este serviço a sério, o »sentido« vem por si só. [465]

Para mim, o ideal humanista não é mais venerável do que o religioso e, mesmo dentro das religiões, não daria preferência a uma sobre a outra. Precisamente por isso não poderia pertencer a nenhuma Igreja, porque ali

falta a altura e a liberdade do espírito, porque cada uma se considera a melhor, a única, e considera cada um que não lhe pertence como estando perdido. O caminho para as Igrejas é fácil de encontrar, as portas estão escancaradas, também não falta propaganda. [466]

Não se devem fazer tentativas de conversão com ninguém, exceto se o outro o desejar por si próprio. [467]

A sabedoria de todos os povos é uma e a mesma; não existem duas ou mais, existe apenas uma. A única coisa que tenho a objetar contra as religiões e as Igrejas é a sua tendência para a intolerância: nem o cristão nem o muçulmano admitirão de bom grado que a sua fé, embora boa e sagrada, não é privilegiada nem patenteada, mas sim um irmão de todas as outras formas de fé nas quais a verdade procura tornar-se visível. [468]

No que diz respeito às visões do mundo, um homem vivo, e ainda mais um artista, mal pode fixar-se numa só. Eu, pelo menos, não o consigo, e também nunca sinto a necessidade de ter razão; alegro-me com a diversidade, também com a das opiniões e formas de fé. Isso impede-me também de ser um cristão propriamente dito, pois não acredito que Deus tenha tido apenas um filho, nem que a fé nele seja o único caminho para Deus ou para a bem-aventurança. A piedade é-me sempre simpática, enquanto não gosto das teologias autoritárias com a sua pretensão de validade única. [469]

No pensamento político das pessoas avançadas, o nacionalismo é algo que já foi, que passou; nas religiões, a fé infantil na validade única da própria fé ainda reina em todo o lado. [470]

Acredito que, apesar do disparate óbvio, a vida tem no entanto um sentido; rendo-me ao facto de não conseguir captar este sentido último com a razão, mas estou disposto a servi-lo, mesmo que para isso me tenha de sacrificar. Não se pode ordenar esta fé nem forçar-se a ela. Só se pode vivenciá-la. Quem não o consegue, procura então a sua fé na Igreja ou na ciência ou nos patriotas ou socialistas ou em algum lugar onde existam morais, programas e receitas prontos. [471]

Não me é dado ser protestante ou católico, bachiano ou wagneriano; para mim, a vida e a história só adquirem o sentido e valor plenos na diversidade com que Deus se manifesta em configurações inesgotavelmente novas. E assim amo e venero, muitas vezes para irritação dos meus queridos próximos, não apenas Buda e Jesus no mesmo templo, mas posso também amar e procurar compreender, ao lado de Kant, Espinoza, e ao lado de

Nietzsche, por exemplo, Görres, não por ímpeto de formação ou prazer em saber muito, mas simplesmente por alegria na multiplicidade do Uno, na riqueza de cores que se desenrola entre Aristóteles e Nietzsche, entre Palestrina e Schubert e que, se estivermos seguros apenas de uma coisa, dá à vida toda a sua beleza terna e colorido aparentemente irracional.

Por isso, ao lado dos espíritos da liberdade e da investigação livre, nunca poderia prescindir daqueles grandes silenciosos para quem a liberdade nunca se tornou uma questão da razão, para quem a fé e a subordinação do pessoal eram uma profunda necessidade do coração. [472]

Existem, espalhados pelo mundo, muitos crentes e piedosos fora das Igrejas e confissões, pessoas de boa vontade que o declínio da humanidade e o definhamento da paz e da confiança no mundo angustiam profundamente. Para estes piedosos não existem sacerdotes nem consolações eclesiásticas, mas vozes que clamam no deserto, santos e mártires também existem para eles. [473]

Quanto a mim, não creio de modo algum que exista uma religião ou doutrina que seja a melhor e a única verdadeira — e para quê? O budismo é muito bom e o Novo Testamento também, cada um a seu tempo e onde é necessário. Há pessoas que precisam de ascese, e outras que precisam de outra coisa. E também o mesmo homem não precisa sempre do mesmo; ora precisa de ação e atividade, ora de imersão em si próprio, ora precisa de jogo, ora de trabalho.

Assim somos nós, humanos, e as tentativas de nos tornar diferentes fracassam sempre. Se a ternura do sentir-em-conjunto, a bondade e a compaixão são o que há de mais elevado, então Francisco de Assis foi um dos maiores homens, e Calvino, Savonarola e também Lutero foram fanáticos selvagens e criminosos. Se, porém, a virtude da escrupulosidade e da obediência heroica perante as exigências da própria consciência é altamente estimada, então Calvino ou Savonarola foram homens verdadeiramente grandes. Verdade é sempre ambas as coisas, e razão têm sempre ambos.

Como ideal humano não me aparece uma qualquer virtude ou uma qualquer fé determinada; como o que de mais elevado os homens podem aspirar, aparece-me a maior harmonia possível na alma do indivíduo. Quem tem esta harmonia, tem o mesmo que a psicanálise chamaria, por exemplo, livre disponibilidade da libido e de que o Novo Testamento diz: »Tudo é Vosso«. [474]

Os exercícios espirituais, as meditações, conduzem em etapas graduais ao objetivo do conhecimento. Este reside no facto de o Eu se revelar como uma ilusão; então, em lugar da consciência do Eu, surge a consciência do Todo, a alma redimida regressa do isolamento e do erro para o Todo (*Nirvana*). [475]

Cada fenómeno na terra é uma parábola, e cada parábola é uma porta aberta através da qual a alma, se estiver pronta, consegue ir para o interior do mundo, onde tu e eu e dia e noite somos todos um só. [476]

Considero a confusão entre tarefa interior e exterior, entre alma e política, como um dos maiores motivos trágicos da história, precisamente porque não acredito num Reino de Deus que esteja noutro lugar que não aquele onde Jesus o mostrou aos seus discípulos: »dentro de nós, no nosso interior«. [477]

Cada ser humano não é apenas ele próprio; ele é também o ponto único, muito particular — em cada caso importante e notável — onde os fenómenos do mundo se cruzam, apenas uma vez assim e nunca mais. Por isso, a história de cada ser humano é importante, eterna, divina; por isso, cada ser humano, enquanto vive e cumpre a vontade da natureza, é maravilhoso e digno de toda a atenção. Em cada um o Espírito tornou-se forma, em cada um a criatura sofre, em cada um um Salvador é crucificado. [478]

Escolhi o caminho do egoísta ou do religioso e considero os deveres para com o exterior como secundários face aos deveres que devemos à nossa própria alma. Renovei em mim o sentimento de que a minha alma representa, em ponto pequeno, um pedaço do desenvolvimento da humanidade e de que, no fundo, cada pequena pulsação no nosso interior é tão importante como guerra e paz no mundo exterior. [479]

Traçamos os limites da nossa personalidade sempre de forma demasiado estreita! Contamos como fazendo parte da nossa pessoa sempre apenas aquilo que reconhecemos como individualmente distinto, como divergente. Mas nós consistimos em todo o acervo do mundo, cada um de nós; e tal como o nosso corpo carrega em si as árvores genealógicas do desenvolvimento até ao peixe e muito mais para trás, assim temos na alma tudo o que alguma vez viveu em almas humanas. Todos os deuses e demónios que alguma vez existiram, todos estão connosco em nós, estão lá como possibilidades, como desejos, como saídas. Se a humanidade se extinguisse, exceto uma única criança medianamente dotada que não tivesse desfrutado de qualquer instrução, essa criança reencontraria todo o

curso das coisas; ela seria capaz de produzir de novo deuses, demónios, paraísos, mandamentos e proibições, Antigos e Novos Testamentos, tudo. [480]

Em tempos de sentimentos de decadência surgem sempre novos deuses estranhos, que se parecem mais com demónios; o que até então era sensato torna-se sem sentido, o que até então era louco torna-se positivo, torna-se esperançoso; aparentemente todos os limites se esbatem, cada avaliação torna-se impossível; emerge o Demiurgo que não é bom nem mau, nem Deus nem Diabo, mas apenas criador, apenas destruidor, apenas força primordial cega. Este momento de aparente decadência é o mesmo que, no indivíduo, se torna experiência abaladora, milagre, conversão.

É o momento do paradoxo vivido, o instante fulgurante onde polos separados se tocam, onde os limites caem, onde as normas se fundem. Com isto sucumbem, conforme as circunstâncias, morais e ordens, mas o processo em si é o que de mais vivo se pode imaginar. [481]

A fé não passa pelo entendimento, tal como o amor. [482]

A nossa consciência é uma instância elevada, mas duvido que seja sempre a voz de Deus; e que a outra instância, o puro instinto de vida, lhe esteja contraposta, é certamente uma sorte. [483]

Não partilho da crença de que a investigação científica do ocultismo nos libertará da superstição... O remédio contra a superstição não é a ciência, mas sim a fé. Uma fé orgânica, independentemente de qual seja a confissão, é a única medicina comprovada contra a superstição; e os tempos sem fé são sempre favoráveis à superstição, mesmo que disponham de uma ciência altamente desenvolvida. Aquilo a que chamo fé não é resultado do aprender, mas expressão de uma observação do mundo saudável, de uma confiança na ordem do mundo; e perante o »oculto«, cada fé saudável realiza sem mais a antiga distinção entre magia branca e negra, aparecendo a magia negra como o proibido e o absolutamente mau.

Para o homem que tem o equilíbrio anímico da fé, não é difícil distinguir entre branco e preto, e um crente não se tornará facilmente vítima daqueles magos negros que hoje encontram tantas vítimas através de anúncios nos jornais. No entanto, os crentes não são propriamente frequentes, e a inquietação causada pelos fenómenos ocultos perdura; por isso, que a ciência continue, pelo menos, a investigar estes fenómenos. [484]

Se observarmos as tentativas do nosso tempo para, ignorando as infelizes especializações e partidos, refletir de novo sobre os fundamentos da humanidade, da fé, do espírito e da moral, vemos que as realizações notáveis e profundas não partem dos niveladores e dos que não têm história, nem dos pregadores — nem legitimados nem responsáveis — de uma humanidade idealista geral, mas, pelo contrário, dos representantes precisamente das tradições mais antigas.

Há alguns poucos espíritos na Europa de hoje cujo trabalho de uma vida é não dissolver os valores herdados das religiões históricas em folhetins bonitos, mas sim restaurá-los precisamente nos seus traços característicos — não para se demarcarem humanamente e anunciarem um cristianismo apenas para os católicos ou apenas para os protestantes, etc., mas para, através da pureza na representação, tornar visível de novo e de forma responsável o mais profundo e essencial de cada fé. [485]

Todos os sábios e grandes mestres, também Jesus e Buda, tinham na base dos seus ensinamentos o conhecimento da unidade da vida e da transitoriedade e mutabilidade das máscaras sob as quais a vida se nos apresenta. Todos sabiam o que os teólogos não podem saber: que o assassino e o devasso de hoje podem ser o santo de amanhã, e o nobre e o sacerdote podem tornar-se flagelo e veneno. O Mefistófeles de Goethe diz que pertence à força que quer sempre o mal e cria sempre o bem. Existe também o contrário. Existem inúmeros que querem sempre o bem e fazem quase sempre o mal, violentam a vida, empobrecem o mundo múltiplo. [486]

A sabedoria do chinês Lao Tsé e a sabedoria de Jesus ou a da *Bhagavad-Gita* indiana apontam tão claramente para a comunhão das bases anímicas através de todos os povos como a arte de todos os tempos e povos. A alma do homem na sua capacidade de amar, na sua força de sofrer, no seu anseio de redenção, olha-nos em cada pensamento, em cada ato de amor, em Platão e em Tolstói, em Buda e em Agostinho, em Goethe e nas Mil e Uma Noites.

Daí ninguém deve concluir que cristianismo e taoismo, filosofia platónica e budismo devam agora ser unidos, ou que de um fundir de todos os mundos de pensamento — separados por tempos e raças, clima e história — resultaria uma filosofia ideal. Que o cristão seja cristão, o chinês chinês, e que cada um se defenda pela sua maneira de ser e de pensar. O conhecimento de que somos todos apenas partes separadas do Eterno Uno

não torna dispensável um único caminho, um único desvio, uma única ação ou sofrimento no mundo. [487]

Aos nossos ideais culturais modernos, o chinês é tão oposto que nos podemos alegrar por possuir do outro lado do globo terrestre um polo oposto tão venerável. Sem nos subordinarmos a ele de forma escrava, deveríamos ter perante este espírito estrangeiro aquele respeito sem o qual nada se pode aprender nem absorver, e deveríamos contar o Extremo Oriente entre os nossos mestres pelo menos tanto quanto temos feito com o Médio Oriente desde Goethe. E quando lemos as conversas de Confúcio, extremamente estimulantes e cintilantes de inteligência, não as devemos considerar como uma curiosidade desaparecida de tempos passados, mas sim pensar que não foi apenas a doutrina de Confúcio que manteve e sustentou este império gigante através de dois milénios, mas que ainda hoje os descendentes de Confúcio vivem na China, usam o seu nome e sabem dele com orgulho — ao lado do que até a mais antiga e cultivada nobreza da Europa parece infantilmente jovem.

Lao Tsé não deve substituir-nos o Novo Testamento, mas deve mostrar-nos que algo semelhante cresceu também sob outro céu e em tempos ainda mais remotos, e isso deve fortalecer a nossa fé em que a humanidade, apesar de tudo, é uma unidade e tem possibilidades, ideais e objetivos comuns. [488]

O entendimento sério e frutuoso entre Oriente e Ocidente não é apenas no campo político e social a grande exigência ainda não cumprida do nosso tempo; é uma exigência e questão vital também no campo do espírito e da cultura de vida. Hoje já não se trata de converter japoneses ao cristianismo, europeus ao budismo ou ao taoismo. Não devemos nem queremos converter ou ser convertidos, mas sim abrir-nos e alargar-nos; já não reconhecemos a sabedoria oriental e ocidental como potências que se combatem hostilmente, mas sim como polos entre os quais oscila vida frutuosa. [489]

Também Oriente e Ocidente são apenas designações passageiras para polos do nosso interior. [490]

Os avisos contra o »Oriente perigoso«, que ouvimos tão frequentemente na atualidade, provêm todos de campos que são parte interessada, que têm um dogma, uma seita, uma receita a guardar. [491]

A luz do Oriente, a sabedoria da Índia sobretudo, concilia-se muito melhor com a doutrina propriamente dita de Cristo do que os padres querem admitir. [492]

A sabedoria [dos] antigos chineses é, como toda a sabedoria, em parte doutrina da virtude; esta é a parte confucionista da filosofia chinesa. Em parte, porém, é também mística, resultado de meditação solitária e incursão pelas regiões mais ardentes da vida anímica — esta é a parte taoista. Comum a ambas é o espírito de reverência e de pureza, a renúncia a qualquer exibicionismo e a qualquer sofística e uma certa serenidade que flutua sobre tudo, uma certa mundanidade ou piedade perante o mundo; além disso, esta sabedoria é figurativa e não abstrata e torna-se muitas vezes poesia de parábola fabulosa, como por exemplo em Chuang Tzu. [493]

Se encontro em algum lugar uma rejeição particularmente forte, um ódio instintivo ou uma vontade de não-compreender por princípio, essa rejeição aplica-se quase sempre à influência do espírito antigo-asiático que se encontra nas minhas narrativas. Ora bem, este medo instintivo perante o estrangeiro, o não-europeu no modo de vida e de pensamento indiano e chinês é, segundo a minha crença, o mesmo que qualquer mania racial e ódio racial. Algo conhecido, histórica e psicologicamente compreensível, mas algo retrógrado, que já não traz vida, algo que tem de ser superado. O retrocesso é apoiado não apenas pelo entusiasmo do Ocidente pelo progresso e pela técnica, mas também pela pretensão de validade única do cristianismo eclesiástico-dogmático. [494]

Uma religião é aproximadamente tão boa como a outra. Não há nenhuma em que não se possa tornar um sábio, e nenhuma que não se pudesse praticar como a mais estúpida idolatria. Mas nas religiões acumulou-se quase todo o conhecimento real da humanidade, especialmente nas mitologias. Cada mitologia é »falsa« se a olharmos de outra forma que não piedosa; mas cada uma é uma chave para o coração do mundo. Cada uma sabe dos caminhos para fazer da idolatria do Eu um serviço a Deus. [495]

Que Deus vive em cada um de nós, que cada pedaço de terra nos é pátria, que cada ser humano nos é aparentado e irmão, que o conhecimento desta unidade divina desmascara toda a separação em raças, povos, em ricos e pobres, em confissões e partidos como fantasmagoria e ilusão — esse é o ponto ao qual regressamos quando uma terrível necessidade ou uma terna comoção abriu o nosso ouvido e tornou o nosso coração de novo capaz de amar. [496]

Somos transitórios, somos devir, somos possibilidades; não existe para nós perfeição, nenhum ser pleno. Ali, porém, onde passamos da potência ao ato, da possibilidade à concretização, participamos no verdadeiro ser, tornamo-nos um grau mais semelhantes ao perfeito e ao divino. Isso significa: realizar-se. [497]

»Má consciência« é, tomada tanto cristã como psicologicamente, sempre o indício da existência de uma consciência viva, saudável, embora inquieta. [498]

Não deves ansiar por uma doutrina perfeita, mas sim pela perfeição de ti próprio. A divindade está em ti, não em conceitos e livros. [499]

Nada se consegue assinalando a guerra, a técnica, o delírio do dinheiro, o nacionalismo, etc., como inferiores. É preciso poder colocar uma fé no lugar dos ídolos do tempo. [500]

Para quem Deus não é um ídolo e quem não pratica a oração como fórmula mágica, mas a vive como a mais íntima síntese de todas as forças interiores, como vontade tensa para o Bem, para o Melhor, para o único Necessário, esse colherá força das orações de hoje durante toda a vida; pois elas obrigaram-no a examinar o próprio coração, a combater o que é podre, a aumentar o que aspira, a esquecer pequenos interesses próprios em favor de grandes interesses gerais. [501]

Aprendam a reconhecer a não-compreensão, o sofrimento, a falta de sentido como condição prévia para tudo o que pode ter valor para a humanidade. Como formularão depois a vossa fé, se de modo cristão ou de outro modo, é indiferente. Não há outros deuses senão os que o homem cria para si. [502]

Aquele a quem está destinado, tem de se tornar uma vez na vida tão solitário, tão perfeitamente solitário, que fique recolhido no seu Eu mais íntimo. Então, subitamente, já não se está sozinho. Descobre-se: o nosso Eu mais íntimo é o próprio Espírito, é Deus, é o Indivisível. E com isso está-se de novo no meio do mundo, não afetado pela sua multiplicidade, pois sabe-se que no mais íntimo se é um com todo o Ser. [503]

O meu ideal, nunca alcançado mas no entanto valioso, é: aceitar as imposições da vida exterior como um papel que, afinal, deve ser cumprido da melhor forma possível — mas permanecer sempre perto de Deus e saber-se um com o Todo da criação. [504]

O vosso futuro e o vosso caminho difícil e perigoso é este: amadurecer e encontrar Deus em vós próprios... Sempre procurastes Deus, mas nunca em vós mesmos. Ele não está em mais lado nenhum. Não há outro Deus senão o que está em vós. [505]

Não há permanência em Deus! Não há descanso! Há apenas o eterno magnífico, sagrado ser-expirado e ser-inspirado, configuração e dissolução, nascimento e morte, partida e regresso, sem pausa, sem fim. [506]

Imortalidade? Não dou um cêntimo por isso! Queremos permanecer bem mortais! [507]

O caminho para a inocência, para o incriado, para Deus, não conduz para trás, mas para a frente; não para o lobo ou para a criança, mas sempre mais além na culpa, sempre mais fundo na humanização. [508]

Tudo passa e é um nada perante Deus, em quem podemos participar com cada inspirar e expirar. [509]

Todo o conhecimento vivo (isto é, que atua diretamente na vida) tem apenas Um objeto. Ele é reconhecido por milhares e expresso de mil formas, mas é sempre apenas Uma verdade. É o conhecimento do Vivente em nós, da magia secreta, da divindade secreta que cada um de nós carrega em si: o conhecimento da possibilidade de, a partir deste ponto mais íntimo, anular todos os pares de opostos. O indiano diz *Atman,* o chinês diz *Tao,* o cristão diz Graça. [510]

Onde aceitamos o nosso destino, aí floresce o *Tao*. [511]

A Graça ou o *Tao* rodeia-nos constantemente. Ela é a luz e é o próprio Deus. Onde nos abrimos por um instante, ela entra em nós, em cada criança, em cada sábio. [512]

Se tomarmos a fé de forma inteiramente séria e plena, então não é a fé em nós, a fé na nossa atitude, na nossa fidelidade, coragem, etc., que importa, mas apenas o acreditar na Graça que espera, na Graça possível, que nunca merecemos, mas que podemos sempre esperar. O que fez do fraco Pedro a rocha, pode fazer de cada um a rocha. É nisso que devemos acreditar. O resto — a saber, que nós, humanos, somos metade bichos e capazes de qualquer estupidez e cobardia — não precisamos de o acreditar, nós sabemo-lo; basta um olhar para o quotidiano, um olhar para a história, um olhar para a própria vida e coração. A este triste saber opõe-se a fé libertadora, por isso ela é »superior a toda a razão«. [513]

Se existe uma prestação de contas no além e um juízo no além, não nos perguntará pela nossa clareza lógica, apenas pela nossa clareza moral, e aí precisaremos mais da Graça do que da Justiça. [514]

O arrependimento sozinho de nada serve; não se pode comprar a Graça através do arrependimento; não se pode, de todo, comprá-la. [515]

Pode-se voltar a ser inocente a qualquer momento, se reconhecermos o nosso sofrimento e a nossa culpa e sofrermos até ao fim, em vez de procurar a culpa nos outros. [516]

Considero a piedade ou o respeito pela vida como a melhor virtude que podemos ter, com mais valor do que todos os talentos, e entendo por piedade não o cultivo de sentimentos solenes numa alma individual, mas sobretudo a piedade, o respeito do indivíduo perante o Todo do mundo, perante a natureza, perante os semelhantes, o sentimento de inclusão e de co-responsabilidade. [517]

Ser piedoso não é nada mais do que confiança. Confiança tem o homem simples, saudável, inofensivo: a criança, o selvagem. Alguém como nós, que já não é simples nem inofensivo, tem de encontrar a confiança por caminhos ínvios. Confiança em ti próprio é o início. Não com ajustes de contas, culpa e má consciência, não com castigos e sacrifícios se ganha a fé. Todos estes esforços dirigem-se a deuses que habitam fora de nós. O Deus em que temos de acreditar está dentro de nós. Quem diz não a si próprio, não pode dizer sim a Deus. [518]

Piedade, isto é, serviço crente e fidelidade até à entrega da vida, é possível em cada confissão e em cada etapa, e para a sinceridade e o valor de cada piedade pessoal este serviço e esta fidelidade são a única prova válida. [519]

Tenho o suportar e a paciência e todas as virtudes passivas em grande conta, e o lutar em pouca. A minha oposição de uma vida não é em favor de um objetivo real, mas a do religioso que está, por princípio, sempre em oposição ao »mundo« e para quem cada partido, cada querer-atuar sobre os outros é igualmente suspeito. Com isto estou bastante sozinho, uma vez que a minha »religião« não tem cor confessional; ela foi-se fundindo lentamente ao longo da minha vida a partir de fontes indianas, chinesas, cristãs e judaicas. [520]

O que não me agrada totalmente numa fé como a [Vossa] é apenas a unilateralidade com que a vincula à minha pessoa e aos meus escritos. Pois as mesmas verdades foram acreditadas e ditas em todo o lado, através de

todos os tempos e literaturas, por uma elite espiritual da humanidade. Que a massa não as aceite, que o nosso reino não seja »deste mundo«, ninguém o soube tão precisamente nem o formulou tão agudamente como Jesus. Estas verdades nunca se tornarão bem comum nem abolirão a estupidez humana. Mas serão também tão imortais como essa estupidez. [521]

Deus: o espírito uno em si mesmo, acima de todas as imagens e multiplicidades. [522]

O ateísmo é meramente a negação de uma coisa que nunca teve uma existência substancial, mas sempre apenas verbal. [523]

Fé e dúvida correspondem-se, pertencem de forma complementar uma à outra. Onde nunca se duvida, também não se acredita verdadeiramente. [524]

Ali onde os opostos se extinguem, está o *Nirvana*. [525]

O piedoso mitologiza o mundo e, frequentemente, não o leva suficientemente a sério por causa disso. Ele tende sempre um pouco para o jogo. Ele não educa as crianças, mas aclama-as como bem-aventuradas. [526]

Que cada um crie a sua própria imagem da redenção do mundo; importante e significativo para cada um é, acima de tudo, o pensamento da redenção através do amor. Chamam-nos e exortam-nos a isso todas as vozes dos grandes pensadores, poetas e artistas, e o valor profundo de todas estas vozes reside unicamente no facto de anunciarem uma realidade, um caminho, uma possibilidade que está vivamente presente no peito de cada ser humano. [527]

Liberdade de convenções não é sinónimo de liberdade interior. Para homens mais nobres, a vida num mundo sem uma fé firmemente formulada não é mais fácil, mas muito mais difícil, porque eles têm de ser os próprios a criar e a escolher todas as vinculações sob as quais devem colocar a sua vida. [528]

Evito perturbar na sua fé os membros de uma Igreja e comunidade religiosa. Para a maioria das pessoas é muito bom pertencer a uma Igreja e a uma fé. Quem se desliga disso, vai inicialmente ao encontro de uma solidão da qual muitos logo anseiam regressar à comunidade anterior. Ele descobrirá apenas no fim do seu caminho que entrou numa nova comunidade, grande mas invisível, que abrange todos os povos e religiões. Ele ficará mais pobre de tudo o que é dogmático e nacional, e ficará mais

rico através da fraternidade com espíritos de todos os tempos e de todas as nações e línguas. [529]

Os mitos da Bíblia, como todos os mitos da humanidade, não têm valor para nós enquanto não ousarmos interpretá-los pessoalmente e para nós e para o nosso tempo. Mas então podem tornar-se muito importantes para nós. [530]

O que me interessa em Jesus e o torna importante para mim não são os seus condicionalismos históricos, mas o facto único de ele ter crescido além desses condicionalismos e de os ter deixado para trás. [531]

Pode-se comparar com Jesus cada ser humano que, tocado por uma das verdades mágicas, já não separa o pensamento da vida e, por causa disso, se isola no meio do seu ambiente e se torna oponente de todos. [532]

O Deus da Igreja e a Igreja não protegem de modo algum o ser humano, até aos mais altos funcionários da Igreja, dos mais grosseiros deslizes morais. [533]

Se as suas igrejas e sacerdotes fossem como o próprio Cristo, então não haveria necessidade dos poetas. [534]

Se não tomarmos as sentenças do Novo Testamento como mandamentos, mas sim como expressões de um conhecimento invulgarmente profundo sobre os segredos da nossa alma, então a palavra mais sábia que alguma vez foi proferida é o breve epítome de toda a arte de viver e doutrina da felicidade, aquela palavra: »Ama o teu próximo como a ti mesmo«, que, aliás, já consta no Antigo Testamento. Pode-se amar o próximo menos do que a si mesmo — então é-se o egoísta, o ganancioso, o capitalista, o burguês; e pode-se acumular dinheiro e poder, mas não ter um coração verdadeiramente alegre, e as alegrias mais finas e saborosas da alma estão-nos fechadas.

Ou pode-se amar o próximo mais do que a si mesmo — então é-se um pobre diabo, cheio de sentimentos de inferioridade, cheio de desejo de amar tudo e, no entanto, cheio de intriga e tormento contra si próprio, e vive-se num inferno que se aquece diariamente a si mesmo. Em contrapartida, o equilíbrio do amor, o saber-amar sem ficar em falta aqui ou ali, este amor a si próprio que não é roubado a ninguém, este amor ao outro que não encurta nem violenta o próprio Eu: o segredo de toda a felicidade, de toda a bem-aventurança está contido nesta palavra. E se quisermos, também podemos virá-la para o lado indiano e dar-lhe o significado: Ama o teu

próximo, pois ele és tu próprio!, uma tradução cristã do »*tat twam asi*«. [535]

Acredito que a elite e a melhor força vital do cristianismo reside sempre naqueles para quem o formulado ameaça tornar-se insípido, e que, apesar de tudo, as ansiadas »novas« ordens são apenas as antigas, e que as antigas formulações recuperam o seu feitiço vivo na medida em que o buscador esteja disposto a aceitar a fórmula como símbolo. [536]

Cada verdadeiro protestante defende-se contra a própria igreja como contra qualquer outra, porque a sua essência o faz afirmar mais o devir do que o ser. [537]

Que Lutero seja o guia e o representante supremo dos cristãos para quem a sede de liberdade é algo de natural e evidente, ou seja, dos individualistas, dos que são diferenciados acima da média em espírito, caráter e consciência — resta então, apesar de tudo, aquela imensa parte da humanidade que prefere obedecer a decidir por si própria, que é de espírito fraco mas de boa vontade e que nem sequer conhece as lutas de pensamento e de consciência daqueles outros.

Para manter esta parte da humanidade em ordem, para a impedir de se atolar ou de degenerar, para lhe conceder um consolo para a vida e para a morte, e além disso mais do que uma bela festa, para isso são boas igrejas como a de Roma. Elas ajudaram milhões a suportar a vida e a torná-la mais bela, e presentearam-nos a nós, os outros, além do mais, com as mais magníficas arquiteturas, mosaicos, frescos e esculturas, tudo coisas que pelos protestantes podem ser ou despedaçadas ou altamente estimadas, mas nunca criadas. [538]

A fé reformada, puritana, exige uma entrega do *Self* de que poucos são capazes, e mesmo esses poucos nem sempre, apenas em raras horas de elevação. O sacrifício do meu *Self*, dos meus instintos e desejos, só raramente e só de forma imperfeita o posso fazer; mas o sacrifício das dádivas, das adorações, das coroações, das danças e das vénias, esse posso prestá-lo a qualquer momento e, na hora certa, também estes sacrifícios aparentemente exteriores, rudes e mecânicos serão interiormente um com a oferta do meu *Self*.

O culto católico é possível a cada hora, o sacerdote católico precisa apenas de vestir a casula para ser imediatamente sacerdote — o culto luterano contradiz-se a si próprio e carece de consagração, e o sacerdote protestante tem de provar, em longos e penosos sermões, que é sacerdote, e

ninguém acredita nele. E assim, cada religião de matiz reformador educa também para um mau culto de sentimentos de inferioridade. [539]

O que a Igreja Católica tem de vantagem sobre a reformada, o que o culto dos deuses tem sobre o budismo, não é meramente a estética, a plasticidade e a forma rica do culto. É sobretudo a elasticidade e plasticidade do pensamento e a capacidade de adaptação infinitamente maior. [540]

O que me desagrada nos teólogos protestantes é que não têm nada para ensinar, deixam o povo vazio e, em troca, colocam-se sem crítica e sem resistência à disposição do poder material do Estado, dos príncipes, dos detentores do dinheiro, dos generais; fazem-no hoje como sempre o fizeram, e o povo não tem neles qualquer advertência, qualquer travão contra o ser arrastado para a grande maquinaria...

É verdade que o cisma de Lutero ainda não é, como os católicos dizem frequentemente, a causa fundamental da miséria alemã, mas é o seu sintoma mais gritante. Aspira-se ao mais espiritual e acaba-se nos canhões. Transfere-se a oração para o quartinho fechado, rejeitam-se as boas obras e desliza-se irresponsavelmente para todos os infernos contra os quais se deveria ser rocha e resistência. [541]

Se a humanidade fosse um indivíduo, ela seria curável através do cristianismo »puro«, o animal e o demónio teriam de ser banidos. Mas não é assim. As religiões »puras« são para uma pequena camada de pessoas elevadas, enquanto os povos necessitam das magias e mitologias. Num processo de desenvolvimento de baixo para cima, eu não acredito. Repetidamente ascendem do todo turvo da humanidade os puros e salvadores individuais e só então são venerados pelos muitos, quando já foram crucificados e transformados em deuses. [542]

O fantasiar, o brincar com conceitos sem responsabilidade e sem uma dogmática vinculativa e reconhecida, é para mim intragável. Isso sei eu fazer sozinho, não preciso de professores pagos para isso e considero-os prejudiciais.

Apenas algumas personalidades fortes como Kierkegaard puderam, temporariamente, significar algo para mim. Mas todas as teologias de mudança rápida, que não são mais do que visões do mundo não vinculativas e objetos de debate, por trás das quais não há nenhuma igreja, nenhum dogma, nenhuma responsabilidade, nenhuma luta real por uma formulação legítima — isso nunca me interessou. [543]

Para nós, pessoas mais velhas que já viveram de tudo um pouco, a capacidade do ser humano para todas as diabruras é bem conhecida, bem como a sua capacidade de as justificar teologicamente; precisamente por isso agradecemos à Igreja Católica o facto de não se envergonhar de coisas tão ingénuas como a doutrina moral, a proibição dos pecados, etc., mas tentar domesticar a besta. [544]

A Igreja Católica como instituição religiosa é um edifício maravilhoso e digno de veneração. Nada há a objetar a que uma grande massa de pessoas piedosas, crentes, mas não habituadas ao pensamento independente, se deixe guiar por esta igreja. Mas quando poetas e escritores, de quem se esperaria uma tomada de posição religiosa própria e independente, se colocam explicitamente atrás da Igreja Católica, isso parece antes uma fuga ao pensamento independente e à própria responsabilidade. [545]

O nosso Natal é um objeto de publicidade, base para empresas fraudulentas, solo preferido para a fabricação de *kitsch*. O Natal e a festa do amor e da infantilidade já há muito que deixaram de ser para todos nós a expressão de um sentimento. É o oposto, há muito que é apenas substituto e imitação de talmi *(NT: Liga metálica, "cultura de fachada", pseudo-inteletualidade.)* de um sentimento. Uma vez por ano, fingimos dar grande valor a sentimentos belos, como se nos custasse muito pouco celebrar uma festa da nossa alma. Com isto, a comoção passageira perante a beleza real de tais sentimentos pode ser muito autêntica; quanto mais autêntica e sentimental ela é, mais é sentimentalidade. Sentimentalidade é o nosso comportamento típico perante as poucas ocasiões externas nas quais ainda hoje restos do cristão intervêm na nossa vida quotidiana. O nosso sentimento com isso é este:

»Como é belo este pensamento de amor, como é verdade que só o amor pode redimir! E que pena e que lamentável que as nossas circunstâncias nos permitam apenas uma única noite por ano o luxo deste belo sentimento, que de resto, ano após ano, sejamos impedidos disso pelos negócios e outras preocupações importantes!«. Este sentimento carrega todas as marcas da sentimentalidade. [546]

O Natal é um epítome, um armazém de veneno de todas as sentimentalidades burguesas e mentiras, ocasião de orgias selvagens para a indústria e o comércio, grande artigo de luxo dos armazéns; cheira a folha envernizada, a agulhas de abeto e a gramofone, a estafetas e carteiros exaustos que praguejam em segredo, a uma solenidade embaraçosa em salas burguesas debaixo da árvore enfeitada, a suplementos extras de

jornais e atividade de anúncios; em suma — a mil coisas que me são todas amargamente odiosas e repugnantes e que me pareceriam todas muito mais indiferentes e ridículas se não abusassem tão terrivelmente do nome do Salvador e da recordação dos nossos anos mais ternos. [547]

O que a Alemanha tinha para dar ao mundo depois da Idade Média, deu-o na música. Quando tento por vezes recordar o que tenho de cristianismo em mim ou onde reside a última configuração pura deste cristianismo, ocorrem-me infalivelmente as cantatas e paixões de Bach: ali, não na poesia, é que o cristianismo se tornou forma pela última vez. [548]

Aquilo em que ambos, [Thomas Mann] e eu, apesar da resignação e de algum ceticismo, acreditamos, não é naturalmente nada de teológico; ambos não acreditamos num governo e intervenção de poderes »superiores« independentes da vontade humana, mas acreditamos num fundo não exprimível em números de decência, boa vontade e amor à paz na maioria dos seres humanos, e acreditamos também de certa forma na possibilidade de despertar e fortalecer este bem modesto nos nossos leitores. Não estamos sozinhos nisto. [549]

Insolúveis são as perguntas sobre a essência de Deus ou do espírito do mundo, sobre o sentido e a condução do universo, sobre a origem do mundo e da vida. O pensar e o debater sobre isso pode ser um jogo belo e interessante; para a solução dos nossos problemas de vida não conduz. [550]

CONHECIMENTO E CONSCIÊNCIA

Conhecimento é ação. Conhecimento é vivência. Não persiste. A sua duração chama-se instante. [551]

Todo o conhecimento e todo o aumento do nosso saber não termina com um ponto final, mas com pontos de interrogação. Um acréscimo de saber significa um acréscimo de formulações de perguntas, e cada uma delas é repetidamente substituída por novas formulações de perguntas. [552]

Quando, por exemplo, pela primeira vez como jovem, se vê o mundo iluminado harmoniosamente através de um sistema (alheio ou próprio), a partir de um novo ponto de vista, sente-se então uma satisfação que é de natureza puramente estética. Mas naturezas ingénuas veem erroneamente neste sentimento de harmonia satisfeita a voz da verdade. Pelo contrário, é

precisamente a verdade que nunca satisfaz, mas que sempre aspira a mais e desperta nova fome. [553]

Cada ciência é, entre outras coisas, um ordenar, um simplificar, um tornar digerível o indigerível para o espírito. Acreditamos ter reconhecido algumas leis na história e tentamos ter consideração por elas ao reconhecer a verdade histórica. Ora, quem observa a história, que traga consigo, por mim, a mais comovente fé infantil no poder ordenador do nosso espírito, mas, além disso e apesar disso, deve ter respeito pela verdade incompreensível, realidade e unicidade do acontecimento. Praticar história pressupõe o conhecimento de que com isso se aspira a algo impossível e, no entanto, necessário e importante. Praticar história significa: entregar-se ao caos e, no entanto, preservar a fé na ordem e no sentido. [554]

Tal como ao microscópio algo de resto invisível ou feio, um floco de sujidade, se pode tornar um céu estrelado, do mesmo modo, sob o olhar de uma verdadeira psicologia, cada movimento mínimo de uma alma, por mais pequeno que fosse, por mais estúpido ou louco ou perigoso que fosse, tornar-se-ia um espetáculo devoto. Ver-se-ia nela nada mais do que uma imagem parabólica do que de mais sagrado conhecemos: a vida. [555]

Deve-se prestar atenção a tudo, pois tudo se pode interpretar. [556]

O que é digno de ser dito, mas nunca inteiramente dizível, permanece eternamente Uno. [557]

Quanto mais nítida e inexoravelmente exigimos uma tese, tanto mais irresistivelmente ela chama pela antítese. [558]

O que o nosso entendimento pensa e diz é um excremento de mosca ao lado do que corre e flui abaixo do »limiar« em vida, relações, parentescos. [559]

Quem faz do pensamento a coisa principal, esse pode de facto chegar longe nisso, mas trocou precisamente o solo pela água, e um dia irá afogar-se. [560]

Para a mera *ratio*, o mundo parece sempre bidimensional. [561]

O que diz sobre o entendimento e o que tem contra o entendimento está correto, mas creio no entanto que o entendimento no lugar certo é uma coisa muito boa. E se para áreas da vida nas quais o entendimento é um bom guia se quiser obrigatoriamente convocar o instinto ou a intuição, na maioria das vezes a coisa correrá mal, tal como o contrário. Apenas não se

deve conceder ao entendimento pretensões de totalidade nem equipará-lo ao espírito. [562]

Reconhecer causas, é precisamente isso que é o pensar, e só através disso é que as sensações se tornam conhecimentos e não se perdem, mas tornam-se essenciais e começam a irradiar. [563]

A harmonia do universo também eu a sinto por vezes de forma pressentida. Como a encontro mal confirmada na minha vida corporal e instintiva, tenho de a procurar no espiritual, e aí está-se finalmente, se se quiser ser consequente, remetido ao entendimento, o único dos nossos órgãos capaz de se sentir permanentemente em uníssono com a ordem do mundo e de lhe dar razão, mesmo em conflito com a nossa vida instintiva. Como não só a guerra e a vida dos povos, mas também o que de mais valioso há na arte não é ditado pelo entendimento, permanece uma lacuna. [564]

Clareza e verdade são palavras que se ouvem citar muitas vezes uma ao lado da outra, quase como se significassem aproximadamente o mesmo. E no entanto designam coisas tão diferentes! Raramente, muito raramente a verdade é clara, ainda mais raramente a clareza é verdadeira! A verdade é quase sempre complicada, obscura e ambígua — cada palavra, especialmente a palavra »clara«, já lhe faz violência. »Clareza« é sempre violência, é a tentativa violenta de simplificar o múltiplo, de fazer o natural parecer compreensível, sim, até como sensato. Clareza é a virtude das sentenças. As sentenças são bonitas, são valiosas, são educativas, espirituosas, reveladoras — apenas verdadeiras é que nunca são. Pois de cada sentença também o contrário é verdadeiro. [565]

Devemos e temos de usar e exercitar o nosso entendimento, mas não ouvir apenas a ele. Os homens simples e saudáveis, o »povo«, lidam com a vida e os seus abismos vivendo plenamente as tarefas e alegrias do dia e da hora. Os espirituais, os que têm a coação de pensar, não podem regressar a esta inocência. Precisam de um contrapeso contra a inteligência e a sua vaidade, e esse antídoto é a amizade com a natureza. A maioria dos »instruídos« utiliza para isso, na medida em que não são eles próprios artistas, a arte; encontram no praticar e desfrutar da pintura, música, poesia a ligação com as forças primordiais.

Para quem isto não basta, esse necessita da meditação, da contemplação e imersão. O caminho para isso é o Yoga. Há mil livros sobre isso que eu não li e existem, por exemplo na América do Norte, também escolas de Yoga, em parte com professores indianos. Também estas conheço apenas

de ouvir dizer. O que eu em certas épocas da minha vida precisei de meditação, inventei-o para mim próprio; não é ensinável nem comunicável. [566]

Nada era, nada será; tudo é, tudo tem essência e presença. [567]

Existe na meditação profunda a possibilidade de anular o tempo, de ver toda a vida que foi, que é e que será como simultânea, e aí tudo é bom, tudo é perfeito, tudo é Brahman. Por isso me parece que o que é, é bom; parece-me a morte como a vida, o pecado como a santidade, a inteligência como a tolice; tudo tem de ser assim, tudo necessita apenas do meu consentimento, apenas da minha prontidão, da minha concordância amorosa; assim é bom para mim, nunca me pode prejudicar. Experimentei no meu corpo e na minha alma que precisei muito do pecado, precisei da luxúria, da ambição por bens, da vaidade e precisei do desespero mais ignominioso para aprender a abandonar a resistência, para aprender a amar o mundo, para não mais o comparar com um qualquer mundo desejado por mim, imaginado por mim, um tipo de perfeição por mim pensado, mas deixá-lo como é, e amá-lo e pertencer-lhe de bom grado. [568]

Existe o caminho para as regiões iluminadas pela fria luz de néon da consciência e racionalidade aparentemente perfeitas. Mas existe para aquele que atravessou estas regiões de novo terra, de novo calor, de novo inocência e amor. Não através da fuga, mas através do transcender das regiões frias é que isso é alcançado, pode voltar a perder-se e pode voltar a ser alcançado. [569]

O sensato acredita possuir em si próprio o »sentido« do mundo e da sua vida. Ele transfere a aparência de ordem e de finalidade que uma vida individual sensatamente ordenada possui para o mundo e para a história. Ele acredita, por isso, no progresso. Ele vê que os homens hoje conseguem disparar melhor e viajar mais depressa do que antigamente, e ele não quer nem pode ver que a estes progressos se contrapõem mil retrocessos. Ele acredita que o homem de hoje é mais desenvolvido e superior a Confúcio, Sócrates ou Jesus, porque o homem de hoje desenvolveu mais fortemente certas capacidades técnicas. [570]

O sensato apaixona-se facilmente por sistemas. Ele está sempre inclinado a desconfiar dos seus instintos. [571]

O sensato sente-se sempre inseguro perante a natureza e a arte. Ora olha para elas de cima com desprezo, ora sobrevaloriza-as supersticiosamente. É

ele que paga os preços de milhões por obras de arte antigas ou estabelece reservas para aves, animais de rapina, índios. [572]

Aprendemos que o homem pode cultivar o seu intelecto até feitos espantosos sem, por isso, se tornar senhor da própria alma. [573]

Tal como o génio piedoso e o sensato se conhecem muito bem, se amam secretamente, se sentem atraídos um pelo outro, assim também a experiência espiritual mais elevada de que nós, humanos, somos capazes é sempre uma reconciliação entre razão e reverência, um reconhecer-se-como-iguais dos grandes opostos. [574]

O homem que olho com medo, com esperança, com cobiça, com intenções, com exigências, não é homem, é apenas um espelho turvo do meu querer. Olho para ele, consciente ou inconscientemente, com puras perguntas limitadoras e falsificadoras: Ele é acessível ou orgulhoso? Respeita-me? Pode-se cravar-lhe dinheiro? Percebe alguma coisa de arte? Com mil perguntas dessas olhamos para a maioria das pessoas com quem lidamos, e passamos por conhecedores de homens e psicólogos quando temos sucesso em interpretar na sua aparência, no seu aspeto e comportamento aquilo que serve ou resiste às nossas intenções. Mas esta atitude é pobre, e nesta espécie de psicologia o camponês, o mascate, o rábula é superior à maioria dos políticos ou eruditos. [575]

Encontrar em cada homem os traços que o distinguem dos outros significa reconhecê-lo. [576]

O que tu chamas »vontade« é um tipo de atitude e moral, alimentada com forças provenientes da vida instintiva inconsciente. Não considero obrigatoriamente desejável que possamos escolher por nós próprios o estar alegre ou triste e fundamentá-lo a partir da razão. Para a razão e a lógica, a vida não dá motivo nem para a alegria nem para a tristeza. Mas podemos perfeitamente arruinar o valor, a vida e o sentido dos nossos »estados de espírito« se os quisermos submeter excessivamente à razão. [577]

As virtudes, tal como os talentos, são um tipo de hipertrofias perigosas, embora úteis em cada caso, como fígados de ganso criados de tamanho anormal. Como não posso cultivar em mim nenhum talento, nem nenhuma virtude, sem retirar a energia anímica necessária para isso a outros instintos, cada virtude levada ao auge significa uma especialização à custa de direções de vida reprimidas e necessitadas, tal como se pode deixar o intelecto crescer desmesuradamente à custa da sensualidade, ou o sentimento à custa do entendimento. [578]

É uma experiência engraçada: o homem de puro entendimento, por mais palavras de ouro e juízos aguçados que profira, torna-se-nos muito em breve aborrecido. E do mesmo modo os nobres entusiastas do sentimento, os especialistas poéticos e entusiastas do coração, tornam-se-nos logo aborrecidos. O espírito nobre entregue a si próprio, tal como o sentimento nobre que confia apenas em si mesmo, ambos têm uma dimensão a menos. Nota-se isso na vida quotidiana e na vida política, nota-se ainda mais claramente na arte. O inteligente como o íntimo, o insolente como o nobre, sem o seu irmão e contraparte não é pleno, não é convincente, não é digno de ser amado. O homem torna-se-nos aborrecido quando tem apenas duas dimensões. [579]

O facto de eu ter o círculo de coisas que me são importantes permanentemente no campo de visão da minha consciência não é decisivo para o valor e a elevação do meu Eu; apenas o é o facto de eu ter entre o domínio da consciência e do subconsciente relações boas, fáceis e fluidas. Não somos máquinas de pensar, mas organismos. [580]

Quando se fala sobre isso, até o mais simples se torna logo complicado e incompreensível. [581]

Não sou contra o perscrutar e interpretar, mas apenas contra a asfixia e o recalcamento do comportamento ingénuo pelo racional. [582]

Contra a inteligência e a técnica intelectual altamente cultivada não tenho armas de defesa, muito menos armas de resposta e de ataque. Mas tenho um sentimento para perceber se por trás das falas e escritos de um homem existe uma fé. Com esta ingénua vara de condão resisto aos encontros com as filosofias do tempo. [583]

O que seria de nós e o que seria da filosofia se a busca da verdade fosse substituída pela posse da própria verdade. [584]

O que se possui, isso não se vê e disso mal se sabe. [585]

Não importa as palavras. Cada palavra pode significar igualmente o seu contrário. Quando os professores falam, nunca se nota isso; as suas palavras são sempre tão tranquilizadoramente unívocas, despertam sempre a ilusão de que existe um saber seguro que é comunicável em palavras. [586]

Conhecimentos intelectuais são papel. [587]

Confiança tem sempre apenas aquele que fala de experiências. [588]

Oculta é cada vivência, enquanto cada constatação sem valor de vivência é científica. [589]

Sentenças foram todas, uma vez, na cabeça do primeiro que as fez, verdades e conhecimentos essenciais; e tornaram-se todas, logo na boca do primeiro repetidor e preguiçoso do pensamento que as citou, estupidezes e mal-entendidos. [590]

O sentido da vida é o tema principal da arte e da filosofia, mas não da ciência; e assim a filosofia é muito mais aparentada com a arte do que com a ciência. [591]

Para as recordações, as impressões sensoriais são um solo nutritivo mais profundo do que os melhores sistemas e métodos de pensamento. [592]

Todo o conhecimento, no sentido mais elevado, tem apenas um objeto. Ele é reconhecido por milhares e de mil formas e, no entanto, refere-se sempre apenas a uma verdade. É a verdade da possibilidade de anular todos os pares de opostos, de transformar todo o branco em preto, toda a noite em dia, todo o bem em mal. Esta possibilidade baseia-se no simples reconhecimento da relatividade de todas as propriedades e valores, e na tomada de consciência da »alma«, que talvez não seja mais do que o jogo de milhões de relações de que cada pessoa é o centro. [593]

Onde quer que esse conhecimento supremo e único esteja presente (como em Jesus, como em Platão, como em Buda, como em Lao Tsé, como em Goethe ou Dostoiévski), ali é atravessado um limiar atrás do qual começam os milagres. O »Inimigo« torna-se irmão, a »Morte« torna-se nascimento, cada coisa na Terra mostra-se dupla, mostra-se uma vez como »deste mundo« e outra como »não deste mundo«. »Este mundo« significa o que está »fora de nós«. Tudo o que está fora de nós pode tornar-se inimigo, pode tornar-se perigo, pode tornar-se medo e morte. Com a experiência de que todo este »Exterior« não é apenas objeto da nossa perceção, mas simultaneamente criação da nossa alma, com a transformação do exterior no interior, do mundo no Eu, começa o amanhecer. [593]

É um raro caso de sorte quando um grande erudito é, ao mesmo tempo, um escritor significativo. O ímpeto e a alegria da criação que pertencem ao grande escritor são quase sempre asfixiados pela cautela do erudito, pela lentidão do colecionador, pela desconfiança do crítico de fontes. [594]

Reconhecer e criar, ser pensador e ser artista são opostos que se excluem. A opinião de que poetizar e pensar são quase o mesmo, e de que é tarefa da poesia representar visões do mundo, é um erro. [595]

O saber pode comunicar-se, mas a sabedoria não. Pode-se encontrá-la, pode-se vivê-la, pode-se ser preenchido e sustentado por ela, mas dizê-la e ensiná-la não se pode. Uma verdade só se deixa pronunciar e envolver em palavras quando é unilateral. Unilateral é tudo o que pode ser pensado com pensamentos e dito com palavras. Carece da totalidade, do arredondado, da unidade. Mas o próprio mundo, o Ser dentro de nós e ao nosso redor, nunca é unilateral. [596]

O estabelecimento de um polo, a aceitação de um lugar a partir do qual o mundo é observado e ordenado, é a primeira base de qualquer formação, de qualquer cultura, de qualquer sociedade e moral. Quem sente o espírito e a natureza, o espírito e a liberdade, o bem e o mal, nem que seja por um momento, como permutáveis, é o inimigo mais terrível de qualquer ordem... A realidade suprema, porém, é a experiência mágica da reversibilidade de todos os preceitos, da existência de igual direito dos polos opostos. [597]

Para o meu sentir, cada verdade é tão inteiramente bipolar que cada polo me é equivalente — desde que a verdade seja sentida, desde que seja pensada com vida, desde que seja levada a sério! [598]

Uma boa verdade, uma verdade correta, deve suportar que também seja invertida. Do que é verdadeiro, o contrário também deve poder ser verdadeiro. Pois cada verdade é uma fórmula breve para o olhar lançado ao mundo a partir de um determinado polo, e não existe polo sem contrapolo. [599]

Que o bem e o mal, o belo e o feio e todos os pares de opostos são resolúveis numa unidade, essa é uma verdade esotérica, secreta, acessível apenas aos iniciados (e que também a eles frequentemente escapa), mas não uma verdade exotérica, compreensível e proveitosa para todos. É a sabedoria de Lao Tsé quando ele despreza as virtudes e as boas obras. Mas também Lao Tsé ter-se-ia precavido muito de oferecer esta sabedoria ao povo. [600]

A sabedoria não é comunicável. A sabedoria que um sábio tenta comunicar soa sempre como tolice. [601]

O tempo passa, e a sabedoria permanece. Ela muda as suas formas e ritos, mas baseia-se em todos os tempos no mesmo fundamento: na integração do homem na natureza, no ritmo cósmico. Que tempos inquietos procurem repetidamente a emancipação do homem destas ordens; este

aparente libertar conduz sempre à escravatura, tal como o homem de hoje, muito emancipado, é um escravo sem vontade do dinheiro e da máquina.

Como alguém que regressa do asfalto coloridamente iluminado da grande cidade para a floresta, ou da música leve e excitante dos grandes salões para a música do mar, com o sentimento de gratidão e de regresso a casa, assim eu regresso de todas as aventuras de curto prazo e excitantes da vida e do espírito sempre de novo a estas velhas e inesgotáveis sabedorias. Em cada regresso elas não envelheceram, permanecem quietas e esperam por nós, e são sempre de novo novas e radiantes, como o sol o é em cada dia, enquanto a guerra de ontem, a dança da moda de ontem, o automóvel de ontem já hoje se tornaram tão velhos, murchos e cómicos. [602]

As coisas que vemos são as mesmas coisas que estão em nós. Não existe realidade senão aquela que temos em nós. Por isso a maioria das pessoas vive de forma tão irreal, porque consideram as imagens exteriores como o real e não deixam de todo o seu próprio mundo interior expressar-se. Pode-se ser feliz assim. Mas quando se conhece o outro lado, então já não se tem a escolha de seguir o caminho da maioria. [603]

Vivenciamos o que nos é essencial, independentemente de tudo o que é exterior, inteiramente sozinhos em nós mesmos. Como as radiações interiores se projetam para fora, que mitos, perigos, astúcias, deuses e demónios criamos para nós, isso é objetivamente irrelevante. [604]

Sabedoria é obediência à sabedoria do nosso corpo e da nossa alma (não: da nossa vontade e intelecto). [605]

Tratava-se, ao que parecia, no »Despertar«, não da verdade e do conhecimento, mas da realidade e do seu vivenciar e suportar. No despertar, não se penetrava mais perto do cerne das coisas, da verdade; apenas se apreendia, realizava ou sofria a atitude do próprio Eu perante a situação momentânea das coisas. Não se encontravam leis nisso, mas sim decisões; não se chegava ao centro do mundo, mas ao centro da própria pessoa.

Por isso também o que se vivenciava era tão pouco comunicável, tão estranhamente subtraído ao dizer e ao formular; comunicações deste domínio da vida pareciam não contar para os fins da linguagem. Se, excecionalmente, se era compreendido um pouco, então quem compreendia era um homem em situação semelhante, um sofredor-em-conjunto ou alguém que despertava-em-conjunto. [606]

Só se pode dar conselhos onde se conhece a situação do outro por experiência própria. [607]

Natureza e espírito não resultam em harmonia e o mundo não é uma unidade para o homem individual que se lhe opõe; e a tentativa de procurar aquela harmonia e unidade, exigida no entanto por um anseio humano mais íntimo, é infalivelmente trágica assim que um homem de grandeza e potência real a empreende. [608]

Este seria o conteúdo mais autêntico da história da minha vida: substituir a invisibilidade grosseira sob o manto da invisibilidade pela invisibilidade de quem sabe, o qual, conhecendo, permanece sempre desconhecido. [609]

LEITURA E LIVROS

Ler um livro significa, para o bom leitor: conhecer a essência e o modo de pensar de um homem estrangeiro, procurar compreendê-lo, se possível ganhá-lo como amigo. [610]

Os livros não existem para tornar as pessoas dependentes ainda mais dependentes, e muito menos existem para fornecer às pessoas incapazes para a vida uma vida de engano e substituição barata. Pelo contrário, os livros só têm valor quando conduzem à vida e servem e são úteis à vida; e cada hora de leitura é desperdiçada se dela não resultar para o leitor uma centelha de força, um pressentimento de rejuvenescimento, um sopro de nova frescura. [611]

Quanto mais diferenciadamente, quanto mais sensivelmente e com mais associações sabemos ler, tanto mais vemos cada pensamento e cada poesia na sua unicidade, na sua individualidade e estreito condicionalismo, e vemos que toda a beleza, todo o encanto reside precisamente nesta individualidade e unicidade — e, simultaneamente, acreditamos no entanto ver cada vez mais claramente como todas estas centenas de milhares de vozes dos povos aspiram ao mesmo objetivo, invocam sob outros nomes os mesmos deuses, sonham os mesmos desejos, sofrem os mesmos sofrimentos.

Da teia mil vezes multiplicada de inúmeras línguas e livros de vários milénios, olha para o leitor, em instantes iluminados, uma quimera

estranhamente sublime e suprarreal: o semblante do Homem, conjurado em unidade a partir de mil traços contraditórios. [612]

Não conhecer o romance mais recente do autor da moda mais recente é considerado por muitos uma vergonha, enquanto passam a vida a deixar os »velhos alfarrábios« serem alfarrábios e nem sequer suspeitam quanto do que é mais novo e popular não é mais do que um velho apressadamente reaquecido e servido como novo. [613]

Nem dois em mil livros conseguem despertar o sentimento de ouvir falar não um autor, mas as próprias coisas. [614]

Não menos importantes do que as interpretações do mundo e do tempo dos pensadores atuais são para o presente as novas edições, adaptações e seleções da literatura antiga comprovada. A forma como uma geração gere a herança espiritual é um dos sintomas mais importantes da cultura. [615]

Um livro antigo é sempre consolador, fala assim de longe; pode-se ouvir ou não, e se subitamente fulguram palavras poderosas, não as tomamos como vindas de um livro de hoje, não de um senhor autor chamado isto ou aquilo, mas como de primeira mão, como um grito de gaivota e um raio de sol. [616]

Entre pessoas razoavelmente saudáveis, para quem a dúvida sobre si mesmas é estranha, o apaixonado amará no poeta a paixão, o inteligente a inteligência, o bondoso a bondade; entre leitores menos equilibrados acontecerá muito frequentemente o contrário: que o fortemente espiritual anseie por sensualidade ingénua, o descontrolado por frieza controlada. [617]

Quanto mais elevada a formação (ou seja, a autoconsciência, o sentimento da própria personalidade), tanto mais rápida e seguramente cada um descarta o que não lhe é adequado, mas tanto mais penetrantemente apreende também tudo o que lhe é aparentado. [618]

Só absorvemos do exterior aquilo para que estamos atualmente sintonizados e preparados ou predestinados; por isso, muitas vezes tem hoje um efeito muito forte sobre nós uma poesia que anteontem rejeitámos como algo estranho. Já vivi coisas admiráveis com leitores nesse aspeto. Há muitos que durante algum tempo amam e precisam de um determinado poeta, e alguns deles também lhe escrevem ocasionalmente. E assim, alguns jovens, depois de durante algum tempo me terem escrito frequente e cordialmente, ao entrarem noutra etapa da sua vida subitamente deixaram de poder precisar de mim; subitamente descobriram sabedorias

completamente diferentes e não só olharam com um certo desprezo para o poeta que até há pouco lhes servira de companheiro e conselheiro ou espelho, como alguns deles sentiram também a necessidade de me dizer isso e de se justificarem perante si próprios através de uma renúncia a mim. Contudo, embora raramente, aconteceu ainda o seguinte: que um tal leitor, muitos anos depois de se ter afastado de mim de forma enérgica e ríspida, subitamente me redescobriu, escreveu-me de novo e entrou de novo numa relação comigo. [619]

Quem se entrega e submete cega e alegremente a um autor, a um mestre, a uma doutrina; quem imita o herói de uma poesia em vez de se deixar fortalecer por ele no seu próprio caminho, esse também sem livro e sem autor não se teria tornado alguém próprio e obstinado. E se as pessoas já têm o anseio pela uniformização, então é afinal melhor que aceitem doutrinas de não-violência do que o contrário. [620]

A leitura impensada e distraída é tal e qual como passear numa bela paisagem com os olhos vendados. Também não devemos ler para nos esquecermos de nós e da nossa vida diária, mas, pelo contrário, para retomarmos a nossa própria vida nas mãos de forma tanto mais consciente e madura. Não devemos chegar aos livros como alunos ansiosos perante professores frios, nem como inúteis perante a garrafa de aguardente, mas sim como montanhistas perante os Alpes e como combatentes perante o arsenal; não como fugitivos e relutantes perante a vida. [621]

Os inimigos dos bons livros e do bom gosto em geral não são os que desprezam os livros, mas os que leem demasiado. [622]

Muitas camponesas que possuem e conhecem apenas a Bíblia leram nela mais e dela colheram mais saber, consolo e alegria do que qualquer rico mimado poderá alguma vez tirar da sua preciosa biblioteca. [623]

Um leitor verdadeiramente bom vale muito mais do que cem mil superficiais. Por isso também os empreendimentos, vitórias e fundações dos ditadores, conquistadores, etc., são tão pouco duradouros, pois todos visam apenas a quantidade e são feitos com a ajuda da quantidade. [624]

Eu sei que, quando me perco num belo livro, faço algo melhor, mais inteligente, mais valioso do que todos os ministros e reis deste mundo têm feito há anos. Eu construo onde eles destroem — eu reúno onde eles dispersam — eu vivo Deus onde eles o negam ou crucificam. [625]

Quanto mais certas necessidades de entretenimento e de instrução popular puderem ser satisfeitas por outras invenções com o tempo, tanto

mais o livro recuperará em dignidade e autoridade. Ainda não atingimos hoje totalmente o ponto onde as jovens invenções concorrentes, como a rádio, o cinema, etc., retiram ao livro impresso precisamente aquela parte das suas funções de que não se sente a falta. [626]

Deparamo-nos repetidamente com a objeção de que coisas de grandes poetas não pertencem aos »Vários-demais«, tal como pérolas não se lançam a porcos. Mas isso é conversa. O eventual perigo do efeito de uma boa poesia sobre os ingénuos não é, pelo menos, nem metade tão grande como o do jornal que todos recebem nas mãos, sim, como o da Bíblia. [627]

Por cada livro que lemos, a nossa bússola interior é desviada; cada espírito estrangeiro mostra-nos a partir de quantos outros pontos se pode observar o mundo. Lentamente a oscilação acalma-se, a agulha regressa à direção antiga, que é própria de cada um de nós segundo a sua essência. Foi o que me aconteceu numa pausa de leitura. Pode-se ler muito, e um amigo dos livros que vive à parte consome os livros e as opiniões como o homem social consome as pessoas — admira-se muitas vezes quanto disso se consegue suportar. Mas depois é preciso deitar tudo fora uma vez e correr um pouco pela floresta, seguir o rasto do tempo e das flores, dos nevoeiros e dos ventos e reencontrar em si o ponto silencioso a partir do qual o mundo se torna unidade. [628]

Encontram-se hoje muitos jovens para quem parece ridículo e indigno amar livros em vez da vida viva; acham que para isso a nossa vida é demasiado curta e demasiado valiosa, e encontram no entanto tempo para passar muitas horas seis vezes por semana com música de café e dança. [629]

Quem se familiarizou um pouco com o mundo imortal dos livros, em breve passará a ter uma nova relação não apenas com o conteúdo dos livros, mas com o próprio livro. Que os livros não devem apenas ser lidos, mas também comprados, é uma exigência frequentemente pregada; e como velho amigo dos livros e proprietário de uma biblioteca não pequena, posso assegurar por experiência que o comprar livros não serve meramente para alimentar os livreiros e autores, mas que a posse de livros (não meramente a sua leitura) tem as suas alegrias muito próprias e a sua própria moral.

Pode ser uma alegria, por exemplo, e um desporto encantador, em circunstâncias financeiras muito apertadas, utilizando as edições populares mais baratas e o estudo constante de muitos catálogos, criar de forma inteligente, tenaz e astuta, gradualmente e apesar de todas as dificuldades, uma bela pequena biblioteca. Inversamente, para o rico instruído, pertence

às alegrias mais requintadas encontrar a melhor e mais bela edição de cada livro favorito, colecionar livros antigos raros e dar depois aos seus livros encadernações próprias, belas, pensadas com amor. Aqui, desde a aplicação cuidadosa das poupanças até ao luxo supremo, muitos caminhos, muitas alegrias estão abertos. [630]

Porque não havemos de nos entreter com livros? Eles são frequentemente tão inteligentes como as pessoas e muitas vezes igualmente divertidos, e impõem-se menos. [631]

Segundo a minha experiência, para tempos de férias não há resolução mais bela do que a de não ler uma linha e, depois, nada mais agradável do que, em boa oportunidade, ser infiel à boa resolução com um livro verdadeiramente belo. [632]

A ocupação com mitos, lendas e contos de fadas é para o espírito do homem de hoje equivalente ao cultivo da recordação da própria infância... Apenas quem é totalmente desprovido de cultura consegue descartar as construções míticas de tempos passados, ou as dos povos primitivos, com a superioridade barata do homem moderno como quimeras fantásticas. Sim, poder-se-ia dizer que com a morte do mítico toda a poesia perdeu substância, que a nossa poesia há séculos quase só tem brincado com os restos de tempos mais ricos. [633]

A poesia cria um espaço mágico no qual o que de resto é inconciliável se torna conciliável, o que de resto é impossível se torna real. E a este espaço imaginário ou suprarreal corresponde um tempo equivalente, nomeadamente o tempo da poesia, do mito, do conto de fadas, que está em contradição com todo o tempo histórico e do calendário e que é comum às lendas e contos de fadas de todos os povos e de todos os poetas... Por muito rara que a verdadeira magia se possa ter tornado, na arte ela continua hoje a viver. [634]

No que toca à base e valor primordial de cada poesia, nomeadamente a sua potência linguística, o »povo« é no seu juízo mais seguro e inabalável do que as pessoas com as análises filológicas e estéticas e as fundamentações de juízos. E nomeadamente nos juízos negativos e depreciativos, sinto os que vêm do »povo« como mais profundos e dolorosos do que os dos intelectuais. [635]

O »leitor individual« é geralmente mais pobre em palavras, mas muito mais inteligente do que aquela opinião pública que é formada por uma

camada de intelectualidade sem substância e que, por sorte, não é tão poderosa como acredita ser. [636]

A destilação dos »clássicos« foi feita pelo povo que lê, não pela ciência, e em muitos domínios esta ainda está muitos passos atrás do povo. [637]

Os filólogos são um povo caricato. Seguem a moda que imaginam estar a criar. [638]

A ciência literária sempre me pareceu uma administração de pandectas empoeirada, um mundo de sombras, um mofo de museu e provavelmente também uma profanação ocasional de cadáveres. Uma espécie de sectários copiava e registava ali repetidamente opiniões de sectários falecidos para futuros sectários. E quando se combatiam, era de novo uma luta de seitas à parte desta realidade que a literatura significa para mim. Sou de opinião que não se deve adotar a literatura como alimento pronto, preparado por outros, mas que se deve conquistá-la para si próprio, peça a peça.

Os livros antigos têm de ser lidos, e os juízos cada um tem de os formar por si próprio. A verdadeira poesia encontrará sempre os seus leitores, desde que tenha como conteúdo verdades humanas fundamentais e estados — e o que está morto, está morto. — Isto é, posso reconhecer a ciência literária, se é que a reconheço, apenas como história das ideias e na sua componente sociológica. Na medida em que nos explica certas condições sociais a partir das quais uma determinada época literária pode ser compreendida. [639]

Cada poesia é, antes de tudo o mais, um valor estético, e a estética, o reconhecimento do belo, apesar de todas as tentativas e esforços não é uma ciência; não se deixa aprender nem colocar em métodos. O que os professores explicam, por exemplo, num poema, refere-se sempre apenas aos conteúdos e valores secundários do poema: aos interesses sociológicos, úteis, morais, educativos ou religiosos. O essencial do poema, a sua unicidade e beleza, pode estar muito escondido, mas para quem ele escapa, esse pode interpretar os »conteúdos« de forma muito fina e inteligente, mas nunca captará o essencial. Naturalmente existem exceções! Quando alguém verdadeiramente congénere interpreta um poema, a sua interpretação pode ser equivalente ao poema. Mas isso acontece apenas uma vez num milhão de casos. — Aprendam as metodologias da filologia germânica, elas não são más, mas nunca esqueçam que o essencial e o maravilhoso não são apreensíveis com estes métodos. [640]

Sou amigo das categorias puras e considero totalmente errado procurar na poesia atitude ou esclarecimento em domínios sobre os quais nos podemos informar muito melhor em outros livros não poéticos. [641]

Podem-se perfeitamente deixar por ler os muitos manuais, panoramas e histórias da filosofia; cada obra de um pensador original dá-nos mais, pois obriga ao pensamento próprio e educa e aumenta a nossa consciência. [642]

Não é a abundância ou novidade dos conteúdos de pensamento que confere duração às poesias, nem é o mero peso da personalidade artística única, mas é o grau de mestria, de fidelidade e responsabilidade na luta com as dificuldades do trabalho artístico, na luta também com as seduções do sucesso e da adaptação às modas do tempo. Onde esta mestria é alcançada, ela basta por si só para tornar as poesias tão longevas, independentemente do seu conteúdo conceptual, que mesmo após tempos da longa negligencia elas se tornam sempre de novo »atuais« e podem fazer felizes sempre novas gerações. [643]

Tudo o que parece ter sucumbido pode voltar a aparecer um dia. Lemos e amamos hoje alguns poetas mais antigos de quem os nossos pais mal conheciam os nomes e sobre os quais encolhiam os ombros, e esquecemos poetas e encolhemos os ombros sobre eles, que ainda há uma geração estavam no topo dos catálogos de clássicos. O tesouro de uma nação em arte e poesia é como o tesouro de recordações e experiências de um indivíduo: nenhum sucumbe totalmente, cada um pode tornar-se novamente novo e atual em qualquer altura, embora o que se reflete momentaneamente na consciência seja sempre apenas uma milionésima parte de toda a posse. [644]

Atrás do »conteúdo« de uma poesia está arte e trabalho, sim, ela torna-se, quanto melhor se lê, tanto mais o conteúdo propriamente dito. [645]

As leis segundo as quais tempos totalmente esquecidos e os seus poetas subitamente ressurgem, são impressos e lidos, sim, podem tornar-se moda, são as mesmas leis segundo as quais a moda literária e a produção do nosso próprio tempo mudam, com o eterno anseio por novidade, por um novo ritmo para a velha canção, nova expressão para o velho conteúdo. [646]

As catedrais que são destruídas hoje não devem ser reconstruídas. São apenas pedras. O seu espírito, porém, deve ganhar de novo poder. Então não será uma pena pelas pedras. [647]

Matar algo espiritualmente vivo é mais difícil do que trazer algo morto de novo à vida. [648]

Assim se lê isto ou aquilo e luta-se durante um tempo através do mundo dos problemas eternos, cada um dos quais nunca é para resolver, apenas para vivenciar, e no fim a vida lança-nos sempre de novo num lugar onde podemos tentar de novo o aparentemente impossível, praticar o aparentemente desesperado com novo desejo, com novo zelo. E no velho jogo, aparentemente tão desesperado, existe para quem pensa sempre o mesmo consolo: que tudo o que é temporal é superável, que o tempo é uma ilusão, que todos os estados, todos os ideais, todas as épocas da vida não decorrem umas após as outras segundo o esquema escolar nem estão ligadas causalmente entre si, mas além disso têm também uma existência eterna, supratemporal, de modo que o Reino de Deus, ou qualquer outro ideal humano aparentemente projetado em distâncias temporais gigantescas, pode tornar-se vivência e realidade em cada instante. [649]

Ler um poema é, de todos os prazeres literários, o mais elevado e o mais puro. Apenas à lírica pura é ocasionalmente possível aquela perfeição; apenas ela alcança aquela forma ideal, totalmente impregnada de vida e sentimento, que, de resto, é segredo da música. [650]

Quem não tem sensibilidade para o verso, ignorará certamente, também na leitura de boa prosa, os valores e encantos mais finos da beleza linguística. [651]

O leitor médio imagina o autor numa espécie de nobre recolhimento e de meio ócio, ocupado a escrever os seus livros, nos quais processa a sua vida interior protegida do mundo exterior por antífonas, e pouco suspeita da situação sociológica e moral, cansativa e pouco segura, do autor moderno perante a »sociedade«, a qual já quase não existe, desde que a nossa humanidade ou se tornou uma massa uniformizada sem rosto ou se desintegrou em milhões de indivíduos isolados, ligados entre si por nada mais do que pelo medo e pelo anseio. [652]

O princípio de que a poesia existe para oferecer ao povo um alimento simples, saudável, alegre e que ajude a superar conflitos — este princípio será, sem dúvida, partilhado literalmente convosco pelo Sr. Goebbels ou pelo General Franco. Sobre que tipo de arte se deve fazer, pode-se pensar de diversas maneiras, mas toda a questão infelizmente apenas diz respeito aos fabricantes de arte, não aos artistas propriamente ditos, pois estes não são de modo algum colocados perante a escolha do que devem fazer. [653]

Esta é a diferença entre a arte e o fogo de artifício: das criações da verdadeira arte fica-nos um sedimento que é capaz de se misturar com o que vivemos, com o que nos é mais próprio, com as mais profundas

recordações de infância e com os sonhos favoritos mais pessoais, e de trazer novas cores à nossa vida anímica, mesmo muito tempo depois de termos lido a obra e talvez de termos voltado a esquecer os nomes dos livros e o do poeta. [654]

A língua alemã com as suas grandes criações, desde a Canção dos Nibelungos, passando por Lutero e Goethe até hoje, esta língua rica, elástica e vigorosa com os seus muitos jogos, caprichos e irregularidades, com a sua elevada musicalidade, a sua alma, o seu humor, foi o maior tesouro, o companheiro mais fiel e o consolo da minha vida; e quando obras e poetas desta língua são louvados e celebrados, então cabe a ela a parte principal disso. Nós, poetas, pertencemos decerto aos trabalhadores na construção e na diferenciação da língua, mas o que até os maiores poetas lhe podem dar e acrescentar é infinitamente pouco, é nada em comparação com o que a língua nos dá e significa. [655]

Acontece com a leitura como com qualquer outro prazer: ele torna-se sempre tanto mais profundo e duradouro quanto mais íntima e amorosamente a ele nos entregamos. [656]

Ler sem amor, saber sem reverência, formação sem coração é um dos piores pecados contra o espírito. [657]

Tudo o que é escrito extingue-se em pouco ou muito tempo. O espírito do mundo lê todos os escritos e a extinção de todos os escritos, e ri. Para nós é bom ter lido alguns deles e pressentir o seu sentido. O sentido, que se subtrai a toda a escrita e que, no entanto, nela habita secretamente, é sempre o mesmo. [658]

REALIDADE E IMAGINAÇÃO

Cada um de nós continua a viver de forma razoavelmente satisfeita e tranquila no seu mundo de aparência e no seu mapa enquanto não sente, por qualquer rutura de dique ou por qualquer terrível iluminação, subitamente a realidade — o monstruoso, o terrivelmente belo, o terrivelmente horrendo — desabar sobre si e sentir-se abraçado sem saída e agarrado mortalmente por ela. Este estado, esta iluminação ou despertar, este viver na realidade nua nunca dura muito; transporta a morte em si, dura sempre, quando um homem é por ele agarrado e lançado no terrível turbilhão, exatamente o tempo que um homem consegue suportar; e depois

termina ou com a morte ou com a fuga ofegante de volta para o não-real, para o suportável, ordenado, controlável.

Nesta zona suportável, morna, ordenada dos conceitos, dos sistemas, das dogmáticas, das alegorias, vivemos nove décimos da nossa vida. Assim vive o pequeno homem, satisfeito, calmo e ordenado, embora talvez praguejando muito, na sua casinha ou no seu andar, por cima de si um telhado, por baixo de si um chão, e mais abaixo ainda um conhecimento do passado, da sua origem, dos seus antepassados, que quase todos foram e viveram como ele próprio, e por cima de si ainda uma ordem, um Estado, uma lei, um direito, um exército — até que tudo isso desapareça e se rasgue subitamente num instante, o telhado e o chão se tornem trovão e fogo, a ordem e o direito se tornem ruína e caos, a calma e o conforto se tornem uma sufocante ameaça de morte, até que todo esse mundo de aparência tão tradicional, tão venerável e fiável estale em chamas e estilhaços e nada mais reste senão o Monstruoso, a Realidade.

Pode-se chamar-lhe Deus, ao monstruoso e incompreensível, ao terrível e tão urgentemente convincente pela sua realidade, mas com o nome também nada se ganha em compreensão, em explicabilidade e em suportabilidade. O reconhecimento da realidade, que é sempre apenas momentâneo, pode ser causado pelo granizo de bombas de uma guerra; por aquelas armas, portanto, que segundo as palavras de muitos ministros, precisamente pela sua magnitude terrível, nos obrigarão um dia a transformá-las em relhas de arado; para o indivíduo basta muitas vezes uma doença, uma infelicidade ocorrida na sua vizinhança mais próxima, mas por vezes também apenas uma disposição momentânea do seu estado de espírito, um despertar de um pesadelo pesado, uma noite de insónia, para o colocar perante o Inexorável e para lhe tornar questionável, por um tempo, toda a ordem, todo o conforto, toda a segurança, toda a fé, todo o saber. [659]

As tragédias nunca podem ser evitadas, pois não são acidentes, mas sim colisões de mundos opostos. [660]

A realidade é um relâmpago que palpita prisioneiro em cada pedra. Se não o acordares, a pedra continuará a ser uma pedra, a cidade uma cidade, a beleza bela, o tédio entediante, e tudo dorme o sonho das coisas até que tu, a partir das tuas correntes de alta tensão, as inundes com a tempestade »Realidade«. [661]

Quem despertou para a perceção da realidade está inevitavelmente separado dos outros. Em troca, tem a comunidade que no *Lobo da Estepe* se chama »Os Imortais«. [663]

Como o assinante, depois de ter passado os olhos pelo jornal, desfruta por um instante da ilusão de que está agora a par do mundo por vinte e quatro horas e de que, no fundo, nada aconteceu senão o que editores inteligentes já tinham previsto parcialmente no número de quinta-feira, exatamente assim cada um de nós pinta e mente para si, cada dia e cada hora, transformando a selva dos mistérios num belo jardim ou num mapa plano e claro: o moralista com a ajuda das suas máximas, o religioso com a ajuda da sua fé, o engenheiro com a ajuda das suas réguas de cálculo, o pintor com a ajuda da sua paleta e o poeta com a ajuda dos seus modelos e ideais. [664]

Numa história é sempre verdadeiro apenas aquilo em que o ouvinte acredita. [665]

Mesmo o homem mais espiritual e instruído vê o mundo e a si próprio constantemente através das lentes de fórmulas puras, simplificadoras e mentirosas — mas, acima de tudo, a si mesmo! Pois é uma necessidade, ao que parece, inata e totalmente compulsiva de todos os seres humanos, que cada um imagine o seu Eu como uma unidade. Se alguém chega ao ponto de expandir essa unidade para uma dualidade, já é quase um génio, ou em todo o caso uma exceção rara e interessante.

Na realidade, porém, nenhum Eu, nem o mais ingénuo, é uma unidade, mas sim um mundo altamente múltiplo, um pequeno céu estrelado, um caos de formas, de heranças e de possibilidades. O facto de cada indivíduo se esforçar por considerar este caos como uma unidade e falar do seu Eu como se este fosse um fenómeno simples, de forma fixa e contornos claros, essa ilusão comum a todos os seres humanos (mesmo aos mais elevados) parece ser uma necessidade, uma exigência da vida, como o respirar e o comer. [666]

É uma velha experiência que os problemas que nos ocupam no interior, encontramo-los sempre, como por magia, também no mundo exterior. Quem pondera na sua alma o plano de construir uma casa ou a necessidade de se divorciar ou de se deixar operar, encontra, como se sabe, o mesmo problema e pessoas que estão possuídas pelo mesmo problema sempre com uma frequência notável ao seu redor. Fiz a mesma experiência com as minhas leituras, nomeadamente, que em tempos nos quais qualquer problema vital me ocupa profundamente, também me caem nas mãos, de

todos os lados e sem as procurar, livros nos quais esse problema desempenha um papel. [667]

A separação entre exterior e interior é habitual ao nosso pensamento, mas não lhe é necessária. Existe a possibilidade de o nosso espírito se retirar para trás da fronteira que lhe traçámos, para o além. Além dos pares de opostos de que o nosso mundo consiste, começam novos e outros conhecimentos. [668]

Isto é magia: trocar exterior e interior, não por coação, não sofrendo, mas livremente, querendo. Invoca o passado, invoca o futuro: ambos estão em ti! Até hoje foste o escravo do teu interior. Aprende a ser o seu senhor. Isso é magia. [669]

Vi numa noite em que tive de ajudar uma parturiente: que a maior dor e a maior luxúria têm uma expressão muito semelhante. [670]

Tudo o que é hostil desaparece subitamente e é vencido assim que se consegue excluir o tempo dos pensamentos. [671]

Alguns de nós sabem com o entendimento ou com o coração que não se trata de progresso e romantismo, de avançar ou retroceder, mas sim de exterior e interior; que não tememos o comboio e o automóvel, não o dinheiro e a razão, mas apenas o esquecimento de Deus, o nivelamento das almas. [672]

Os inteligentes e os ocupados chamam sempre logo aos jogos da fantasia »fuga«, admitindo assim que a realidade da qual o artista poético »foge« não é, de facto, uma estadia desejável. [673]

De vez em quando tem de existir também um exemplar da minha espécie, senão a revolução e a luta da fantasia contra a maldita »realidade« extinguir-se-iam. [674]

As utopias não existem para serem realizadas de molde a escravizar, mas para colocar em discussão a possibilidade do que é difícil e, no entanto, ansiado, e para fortalecer a fé nessas possibilidades. [675]

Não é permitido a todos olhar para o mundo apenas sob o prisma do que, no momento e após o mais rigoroso exame, se revela valioso e importante; pelo contrário, a pura arte de desfrutar, de observar calmamente e de deixar-ser é um bem que nenhum intelectual, por mais audaz e fino que seja, nos deve roubar, senão destruirá mais cultura do que toda a razão do mundo pode voltar a dar. [676]

Não agimos a partir de quaisquer perceções e reflexões abstratas, mas damos todos os passos da nossa vida, no fundo, apenas a partir do âmago do nosso ser, do nosso temperamento, da nossa raça, a partir de impulsos inconscientes. Para isso procuramos depois a visão do mundo que se lhe adequa. [677]

As razões, parece-me, são sempre obscuras. A causalidade não ocorre em lugar algum na vida, apenas no pensamento. Não há pessoas que agem por »razões«; elas apenas imaginam isso e, nomeadamente no interesse da vaidade e da virtude, tentam fazer os outros imaginar o mesmo. [678]

As nossas inclinações têm sempre um talento espantoso para se mascararem de visão do mundo. [679]

Sempre achei que não só eu, mas também aquelas pessoas invejáveis que sabem indicar razões para os seus atos, na verdade nunca são movidas e acompanhadas por essas razões, mas sempre por paixões, e não tenho nada contra confessar esta paixão. [680]

Muitas vezes o mundo foi mal falado porque aquele que o criticava tinha dormido mal ou comido demais. Muitas vezes o mundo foi bendito porque aquele que o louvava tinha acabado de beijar uma rapariga. [681]

Apesar de toda a inteligência de leituras, na verdade poucos sabem e sentem que o Homem e a Humanidade não são nada de presente, acabado e concluído, mas sim ideais, projeções, imagens divinas, exigências. [682]

O reino da liberdade é também o reino das ilusões. [683]

Andamos por esta terra sempre em viagem, e muitas vezes acenamos com o chapéu e gritamos a nossa saudação quando o outro caminhante está precisamente no vale e invisível e talvez totalmente na escuridão. [684]

Talvez para cada ser humano, como para uma bola lançada, a sua trajetória esteja traçada e ele siga uma linha há muito determinada, enquanto pensa forçar ou enganar o destino. Em todo o caso, porém, o »destino« reside em nós e não fora de nós, e com isso a superfície da vida, o acontecimento visível, adquire uma certa falta de importância. O que habitualmente se toma como pesado e se chama até trágico torna-se então frequentemente uma bagatela. E as mesmas pessoas que se ajoelham perante a aparência do trágico sofrem e sucumbem com coisas que nunca notaram. [685]

É sempre um momento estranho quando dois círculos de vida e grupos de amigos que nos são próximos, mas estranhos entre si, se tocam.

Raramente as expetativas são cumpridas, mais raramente ainda nos cabe o consolo de podermos ver a nossa »personalidade« confirmada e de novo como uma unidade: na maioria das vezes, nestas situações, o Eu aparece apenas como uma tenda ligeira, como um ponto de interseção passageiro de muitas relações, sem duração, sem em-si, sem valor próprio. [686]

Difícil é não sobrevalorizar as virtudes que temos. Mais difícil é não sobrevalorizar as virtudes que gostaríamos de ter. Facilmente subestimamos os sofrimentos dos outros. Ainda mais facilmente sobrevalorizamos a felicidade dos outros. [687]

O mais pequeno vê no maior aquilo que é capaz de ver. [688]

O ser humano é uma cebola composta por cem cascas, um tecido composto por muitos fios. Os antigos asiáticos souberam e souberam-no precisamente; e no Yoga budista foi inventada uma técnica precisa para desmascarar a ilusão da personalidade. Divertido e múltiplo é o jogo da humanidade: a ilusão, para cujo desmascaramento a Índia se esforçou tanto durante mil anos, é a mesma para cujo apoio e fortalecimento o Ocidente dedicou igual empenho. [689]

O »ser-lançado« (*Geworfensein*), como a filosofia dos nossos dias designa a vida humana, não me basta; é também um drapejar nervoso-histérico da insuficiência rumo ao aparentemente trágico. Com isso, também uma designação de alto valor como »trágico« perde qualquer valor, e o ser humano torna-se uma espécie de herói apenas pelo seu nascimento e pela sua incapacidade de fazer algo de jeito com esse nascimento. [690]

Que a natureza seja cruel é, decerto, uma conceção tipicamente antropocêntrica... Ela existe, está lá e atua, e nós pertencemos a ela e estamos sempre seguramente no caminho errado quando refletimos sobre »a natureza« e a sentimos como algo estranho e hostil. [691]

Não existe sentimentalidade na natureza. [692]

Sentimentalidade é o deleitar-se com sentimentos que, na realidade, não se levam suficientemente a sério para lhes prestar qualquer sacrifício, para os transformar alguma vez em ação. [693]

O tédio é algo que a natureza não conhece; é uma invenção dos habitantes das cidades. [694]

Impuro e distorcido é o olhar do querer. Só onde nada queremos, só onde o nosso olhar se torna pura contemplação, se abre a alma das coisas: a

Beleza. Quando observo uma floresta que quero comprar ou abater ou sobrecarregar com uma hipoteca, então não vejo a floresta, mas apenas as suas relações com o meu querer. Mas se nada quero dela, se olho apenas »sem pensar« para a sua profundidade verde, só então ela é floresta, é natureza e crescimento, é bela. [695]

A beleza não faz feliz quem a possui, mas quem a pode amar e adorar. [696]

O rico bem poderia, mas não consegue. [697]

Com a beleza acontece exatamente como com a verdade: é uma revelação e não está ligada a nenhum meio em particular. O filisteu pensa, ao falar de »Beleza«, em Rafael, e ao falar de »Verdade«, na Bíblia ou nas obras de Kant. Quem compreende encontra a verdade em todo o lado e igualmente a beleza. Na mais simples experiência de vida reencontra a verdade eterna e a legalidade e encontra símbolos da beleza em todo o lado: na gota de chuva, na asa da borboleta, na teia de aranha, em cada forma da natureza. [698]

Cada lugar no qual vivemos durante algum tempo só ganha uma forma na nossa memória algum tempo após a despedida e torna-se uma imagem que permanece imutável. Enquanto lá estamos e temos tudo diante dos olhos, vemos ainda o acidental e o essencial com quase a mesma ênfase; só mais tarde o secundário se extingue. A nossa memória retém apenas o que é digno de ser retido; de que outra forma poderíamos nós, sem medo e sem vertigem, observar sequer um ano da nossa vida! [699]

A nossa alma tem uma magia em si na qual podemos confiar; ela procura o Todo e esforça-se por compensar cada lacuna, cada falta. Esforça-se por compensar cada incapacidade através de um desempenho elevado noutro campo; e os tons mais ternos, íntimos e graciosos ela toca no ser humano mais sensível, fraco e infeliz, para louvar a vida, para dizer sim, para louvar a Deus. [700]

Sentido e essência não estão nalgum lugar atrás das coisas; estão nelas, em tudo. [701]

Nada é importante, nada é sem importância; a vida é um jogo de sombras, mas as imagens refletidas das coisas nas nossas almas têm uma realidade profunda e inquietante. [702]

As crianças são generosas e conseguem, através da magia da fantasia, albergar coisas na sua alma umas ao lado das outras, cujo conflito em cabeças mais velhas se torna a guerra mais violenta e um Ou-Ou. [703]

A profundidade está no que é claro e sereno. [704]

Uma verdade só se deixa pronunciar e envolver em palavras quando é unilateral. Mas o mundo, o Ser ao nosso redor e dentro de nós, nunca é unilateral. [705]

Gostaria de encontrar uma expressão para a dualidade; gostaria de escrever capítulos e frases onde constantemente a melodia e a contramelodia fossem visíveis em simultâneo, onde a cada colorido a unidade, a cada brincadeira a seriedade estivesse constantemente ao lado. Pois apenas nisso consiste para mim a vida, no flutuar entre dois polos, no ir e vir entre os dois pilares fundamentais do mundo. Constantemente gostaria de apontar com êxtase para o colorido bem-aventurado do mundo e, com igual constância, lembrar que a este colorido subjaz uma unidade. [706]

Existem milhões de rostos da verdade, mas apenas uma verdade. [707]

A unidade que venero por trás da multiplicidade não é uma unidade aborrecida, cinzenta, conceptual, teórica. Ela é a própria vida cheia de jogo, cheia de dor, cheia de gargalhadas. [708]

Tenho a infelicidade de me contradizer sempre a mim próprio. A realidade faz isso sempre, apenas o espírito não o faz e a virtude também não. Por exemplo, após uma marcha rigorosa no verão, posso estar totalmente possuído pelo desejo de uma taça de água e declarar a água como a coisa mais maravilhosa do mundo. Um quarto de hora depois, quando já bebi, nada na terra me é tão desinteressante como a água e o beber.

O mesmo faço com o comer, com o dormir, com o pensar. A minha relação com o chamado »espírito«, por exemplo, é exatamente a mesma que tenho com o comer ou o beber. Por vezes não há nada no mundo que me atraia tão violentamente e me pareça tão indispensável como o espírito, como a possibilidade da abstração, da lógica, da ideia. Depois, quando estou farto disso e preciso e desejo o oposto, todo o espírito me causa náuseas como comida estragada. Sei por experiência que este comportamento é considerado arbitrário e sem caráter, até proibido, mas nunca consegui compreender porquê. Pois tal como tenho de alternar constantemente entre o comer e o jejuar, o dormir e o vigiar, também tenho

de oscilar constantemente entre a naturalidade e a espiritualidade, entre a experiência e o platonismo, entre a ordem e a revolução, entre o catolicismo e o espírito da Reforma.

Que um homem possa, durante toda a sua vida, venerar sempre o espírito e desprezar a natureza, ser sempre revolucionário e nunca conservador, ou vice-versa, isso parece-me decerto muito virtuoso, com caráter e firmeza, mas parece-me também tão fatal, repugnante e louco como se alguém quisesse comer eternamente ou dormir sempre. E no entanto todos os partidos, políticos e espirituais, religiosos e científicos, baseiam-se no pressuposto de que um comportamento tão louco seja possível, seja natural. [709]

O mundo, fora dos manicómios, não é menos divertido do que lá dentro. [710]

Não sei nada de espíritos, vivo nos meus sonhos. As outras pessoas também vivem em sonhos, mas não nos seus próprios, essa é a diferença. [711]

É precisa demasiada metafísica para interpretar o impossível como simples e evidente. Não é a minha praia. [712]

Nunca me interessei por espíritos e por isso também nunca encontrei nenhum, mas estou convencido de que, se bastasse eu desejá-lo, eles viriam em bandos. Mas não creio que sejam mais interessantes do que as outras pessoas. [713]

Diz-se que já foram vistas muitas pessoas que tinham muito do cão ou da raposa, do peixe ou da serpente em si, sem que por isso tivessem tido dificuldades especiais. Em muitos homens que chegaram longe, foi mais a raposa ou o macaco do que o homem que fez a sua fortuna. [714]

A magia do sonho falha muitas vezes durante o dia, porque até o melhor sonhador, ao vigiar, leva o mundo exterior mais a sério do que deveria. Os loucos conseguem fazê-lo melhor; declaram-se imperadores e a cela o seu castelo, e tudo bate certo maravilhosamente. Conseguir encantar o mundo exterior sem no entanto enlouquecer, esse é o nosso objetivo. Não é fácil, mas em compensação há pouca concorrência. [715]

Ninguém sonha o que não lhe diz respeito. [716]

Os sentimentos e as fantasias têm isso de si, que ganham em poder, beleza e valor até uma certa intensidade, mas para além disso tornam-se de

novo insípidos e podres — então é tempo de deixar subir outras fantasias, outras séries de sensações. [717]

Sofre-se danos quando se ignoram factos. [718]

ARTE E ARTISTAS

A arte é a união do mundo paterno e materno, do espírito e do sangue; pode começar no sensorial e conduzir ao mais abstrato ou pode ter o seu início num mundo de ideias puras e terminar na carne mais sangrenta. Todas as obras de arte que não são apenas bons truques de malabarismo têm este rosto duplo perigosamente sorridente, este masculino-feminino, esta convivência do instintivo e da espiritualidade pura. [719]

O início de toda a arte é o amor. O valor e a amplitude de cada arte são determinados, acima de tudo, pela capacidade de amar do artista. [720]

Nada é tão sereno e tão reanimador como o belo e a arte — nomeadamente, quando estamos tão entregues ao belo e à arte que, por causa deles, esquecemos nós próprios e o sofrimento ardente do mundo. Não precisa de ser uma fuga de Bach, nem um quadro de Giorgione; basta uma pequena ilha de azul num céu nublado, o leque móvel da cauda de uma gaivota, bastam as cores do arco-íris de uma mancha de óleo no asfalto da rua.

Basta ainda muito menos. Se regressarmos da bem-aventurança à consciência do Eu e ao conhecimento da miséria da vida, então a serenidade transforma-se em tristeza, o mundo mostra-nos, em vez do seu céu radiante, o seu fundo negro, o belo e a arte tornam-se tristes. Mas permanece belo, permanece divino, seja fuga, quadro, plumagem da cauda de gaivota, mancha de óleo ou ainda menos. E se a bem-aventurança desse contentamento que esquece o eu e o mundo puder durar apenas instantes, o encantamento saturado de tristeza pelo prodígio do belo pode durar horas, dias, uma vida inteira. [721]

Pertence à essência da arte o facto de levar a realidade a uma expressão intensificada e revelar um sentido secreto da natureza, cujo encontrar ou ficcionar é uma necessidade primordial do ser humano. [722]

O ser humano consiste, segundo a antiga, figurada e bela conceção, em corpo, alma e espírito. Na maioria das vezes, dois destes elementos estão ligados entre si e o terceiro é negligenciado. Assim, a ligação de espírito e alma no cristianismo caluniou e negligenciou o corpo. O nosso tempo, em

contrapartida, exagera tanto a cultura do corpo como a do entendimento, ambas à custa da alma. A arte é propriamente o reino da alma e, no entanto, aspira para muito além do sensorial. [723]

A arte pertence às funções da humanidade que zelam para que a humanidade e a verdade subsistam, para que não o mundo inteiro e toda a vida humana se desintegrem em ódio e partidos, em puros Hitlers e Stalins. O artista ama os homens, sofre com eles, conhece-os frequentemente de forma muito mais profunda do que algum político ou economista alguma vez os conheceu, mas não se coloca acima deles como um deus ou um editor que sabe exatamente como tudo deveria ser. [724]

Nós, poetas, não temos atrás de nós a autoridade de uma igreja ou de um Estado; em troca, somos livres de fixações dogmáticas e, assim, é ofício da literatura apresentar as verdades eternas repetidamente de forma nova para um novo tempo; nós não exigimos nem pregamos, pois para isso seria necessária uma autoridade oficial, mas procuramos conduzir os nossos leitores impercetivelmente ao caminho que o homem deve percorrer se quiser cumprir o seu destino.

Esperamos daqueles leitores que estão acessíveis à nossa voz que nos utilizem como apoio e como companheiros de caminho na medida em que lhes for útil, pois queremos, acima de tudo, seduzir o leitor a conhecer-se melhor a si próprio e a encontrar a coragem para o seu próprio caminho de vida e destino. Uma vez prestado este serviço, o leitor pode perfeitamente pousar os seus livros e continuar a passar sem eles. [725]

O que temos de bom para mostrar em arte e poesia não surgiu de uma adaptabilidade venal e de um feliz instinto da época, mas sim de caráter e necessidade, a maior parte disso em desafio e guerra contra o dia e as suas exigências niveladoras. [726]

Olho para o mundo como artista e creio, decerto, pensar de forma democrática, mas sinto inteiramente de forma aristocrática, isto é, sou capaz de amar qualquer tipo de qualidade, mas não a quantidade. [727]

O artista paga quaisquer falhas de comportamento social através da sua obra. O que ele sacrifica à obra, e isso é geralmente infinitamente mais do que o cidadão médio honesto seria capaz de sacrificar, reverte em benefício de todos. [728]

Considero a solidão do artista, e em geral do homem dotado, inevitável, quer se tenha sorte e sucesso ou não. Igualmente compreensível e fundamentalmente correto parece-me que o dotado, o homem com fantasia,

dissimule esta solidão tanto quanto possível. Pois, por muito inevitável que seja que o homem com talento perceba, mais cedo ou mais tarde, a desolada e triste limitação do homem comum, ele tem de se defender contra essa perceção, porque ela acabaria por conduzir a uma falta de amor e a um desprezo pelos homens que ele também não suportaria. Mas a grande solidão, muitas vezes gélida, do artista ou pensador no meio das pessoas comuns está, quer seja ocultada ou não, sempre lá; ela é o preço que pagamos por termos vantagem sobre aqueles em muitas coisas. [729]

Ao artista resta, pelo menos, isto: que, ao mergulhar na magia do belo, tem repetidamente um acesso ao interior do mundo e ao seu sentido. [730]

No que toca à arte, sei que cada poema ou quadro autêntico, cada compasso de música autêntica nasce exatamente de igual modo da vida e do sofrimento e é pago com sangue, como em qualquer época anterior. Nada mudou no mundo exceto aquilo que esteve sempre à superfície e era facilmente mutável: a opinião pública e a moral. E contra isso, quem trabalha seriamente pode, felizmente, proteger-se por completo: custa um pouco de renúncia e ascese, mas vale muito a pena. [731]

Todo o talento autêntico começa e radica no sensorial, num bom dote de corpo e sentidos. [732]

O que o nosso tempo precisa e exige não é de um funcionalismo habilidoso e de laboriosidade, mas de personalidade, consciência, responsabilidade. De intelecto, de »talento«, há abundância. [733]

Ao talento deve contrapor-se um caráter, ao impulso a disciplina; à facilidade e ao prazer de produção devem contrapor-se as inibições e manter o equilíbrio. [734]

Pode um pintor pintar uma crucificação ou um prato cheio de fruta e dizer o mesmo com ambos. Pode pintar um arcanjo Miguel e a imagem ser pura doçura e mansidão, ou pode pintar uma rosa florescente e a imagem poder retinir de dureza e cólera. Por muito que o artista se esforce, não pode mentir, não pode dar o que não tem. E se algum objeto lhe parece menor, se ama alguma coisa mas se envergonha dela, então peca contra o espírito da sua arte. [735]

Duradouro é apenas o símbolo (*Sinnbild*), nunca o decalque (*Abbild*). [736]

Uma personagem de romance que, após trinta anos, parece antiquada, foi apenas um objeto de interesse, não um símbolo. Personagens cujo essencial

é temporal, perecem. Símbolos, cujo elemento temporal é apenas uma veste do Eterno, permanecem. O Conde de Monte Cristo morreu, mas Ulisses vive. Vivem também ainda D. Quixote, Wilhelm Meister, Hamlet; vivem ainda hoje Quintus Fixlein, Siebenkäs e o "Henrique, o Verde" (*Der grüne Heinrich*), o pequeno e inofensivo "João-ninguém" (*Taugenichts*) de Eichendorff não menos do que o grande Wallenstein de Schiller. Pois todos eles não são, em primeira linha, representantes do seu tempo, mas simplesmente seres humanos. Aquilo que constitui o seu destino existe em todos os tempos e é de novo possível. [737]

Na arte vale o intemporal, não o que é do tempo (*zeitgemäß*). [738]

Novas formações valiosas na vida cultural têm sempre como base um afastamento do ontem e uma retoma de valores mais antigos e esquecidos. [739]

É algo estranho com a tradição, ela é um segredo, quase um sacramento. Conhece-se uma tradição, liga-se a nomes, direções, programas, segue-se-lhe por um tempo e vê-se depois lentamente, com os anos e décadas, que por trás de todos esses nomes e direções, que talvez já se tenham descartado há muito, reside um segredo, uma herança sem nome, que não remonta apenas ao romantismo ou a Goethe ou à Idade Média ou à Antiguidade, mas que recua até às mitologias mais antigas e aos pensamentos dos povos, e que é suficientemente vasta para abranger os maiores opostos, tanto de pessoas como de programas, exceto uma coisa: o querer-ser-novo incondicionalmente e a todo o custo. [740]

Em todo o lado os homens são os mesmos, e o número de temas típicos, complicações e constelações é limitado. [741]

Na arte nunca se reflete o acaso e a vontade de indivíduos, mas sempre a necessidade. A viragem do refinado para o berrante, a viragem de Thomas Mann para Heinrich Mann, de Renoir para o expressionismo é uma viragem para novos domínios da nossa alma, é um abrir de novas fontes e abismos do nosso inconsciente.

Com isso sobe sempre e inevitavelmente um pedaço da juventude mais remota, um pedaço de atavismo, e muita tradição bela, valiosa e nobre sucumbe. Mas de nada serve querer segurar o que sucumbe, e ainda menos serve querer descartar através do escárnio e da ignorância o que surge de novo. Assim a guerra, assim a revolução também não se deixaram descartar; o filisteu podia fechar as portadas e os olhos e pôr algodão nos

ouvidos, o seu velho mundo desmoronou-se em escombros de qualquer forma. [742]

Em última análise, toda a arte, e nomeadamente a poesia, tem de provar a sua justificação de existência pelo facto de não dar apenas prazer, mas de atuar também diretamente na vida, como consolo, como clarificação, como advertência, como ajuda e fortalecimento no suportar da vida e no superar do que é difícil. [743]

Em questões de arte sou conservador de coração, não de entendimento. [744]

Na arte, ao contrário do que acontece na indústria, o tempo não desempenha qualquer papel; não há ali tempo perdido, desde que no fim se alcance o máximo possível de intensidade e perfeição. [745]

É uma velha experiência que precisamente os espíritos que aspiram do tempo para o intemporal nunca foram entusiastas vagos, mas estiveram presos e foram responsáveis perante o seu tempo com raízes fortes; que, quanto mais sabemos sobre eles, tanto mais figurativos e, por isso, exemplares se tornam. [746]

Não deixar que a nossa vida de trabalho agitada se torne totalmente desprovida de alma, contrapor ao seu mecanismo gigante as marcas e valores do humano e do orgânico, é decerto hoje a função mais importante de qualquer arte. [747]

Se a indústria e a ciência já não precisam de personalidades, que não as tenham. Mas nós, artistas, que habitamos no meio da grande falência cultural uma ilha com possibilidades de vida ainda razoavelmente suportáveis, temos de continuar a seguir outras leis. Para nós, a personalidade não é um luxo, mas uma condição de existência, prazer de viver, capital indispensável.

Entendo aqui por artistas todos aqueles para quem é necessidade e urgência sentir-se a si próprios vivos e a crescer, estar conscientes das bases das suas forças e sobre elas construir-se segundo leis inatas; portanto, não realizar nenhuma atividade subordinada e alteração de vida cuja essência e efeito não estivessem para o fundamento na mesma relação clara e plena de sentido como, numa boa construção, a abóbada está para a parede, o telhado para o pilar. [748]

Se a arte e o belo conseguem realmente melhorar e fortalecer o ser humano, é questão em aberto; pelo menos, eles lembram-nos, tal como o

céu estrelado, a luz, a ideia de ordem, de harmonia, do »sentido« no caos. [749]

Em todo o lado onde a vida aparece por um instante perfeitamente moldada, tem um aspeto oposto. Não existe música nobre que não atuasse sobre nós, em certas horas, como o sorriso de uma criança e, noutras horas, como a mais profunda tristeza da morte. Assim é a beleza, sempre e em todo o lado: instante de êxtase, já empalidecendo no brilhar, soprada pelo hálito do ter-de-morrer. [750]

Onde encontramos algo que é como música, aí temos de ficar; não há na vida nada mais a desejar do que o sentimento da música, o sentimento de vibrar em conjunto e da vida rítmica, da justificação harmónica para a existência. [751]

A serenidade (*Heiterkeit*) é uma virtude dos santos e dos cavaleiros; ela é o segredo do belo e a substância propriamente dita de qualquer arte. O poeta que louva o magnífico e o terrível da vida no passo de dança dos seus versos, o músico que o faz soar como presença pura, é portador de luz, aumentador da alegria e da claridade na terra, mesmo quando primeiro nos conduz através de lágrimas e de uma tensão dolorosa. [752]

À música é inerente uma força primordial e uma profunda magia curativa; mais do que as outras artes, ela consegue substituir a natureza. [753]

A arte não deveria estar sujeita a qualquer coação. Nem o amigo da arte, que não se sente bem com a arte contemporânea, deveria acusá-la, nem ele deveria obrigar-se ao seu »desfrute«. Uma vez que, por exemplo na música, possuímos e podemos desfrutar as obras de aproximadamente três séculos, não deveríamos exigir dos músicos de hoje que renunciem às suas tentativas e novos caminhos, através dos quais o mundo da arte não fica mais pobre, mas sim mais rico. E se a música de hoje nos soa por vezes fria e construída, temos de pensar também que ela é a reação a mais de meio século de música talvez demasiado doce, demasiado sensual. [754]

Todos os clássicos estão num fim, são herdeiros e consumidores, e uma floração como Mozart, por exemplo, além da sua radiação que nos faz felizes, tem sempre também o oposto em si, o pressentimento que traz tristeza de que, numa tal floração suprema, um crescimento antigo, lento e nobre não se renova, mas se esgota e consome. [755]

Se eu tiver todas as obras de Bach e Haydn na cabeça e puder dizer as coisas mais inteligentes sobre elas, com isso ainda não se serve nenhum ser

humano. Mas se eu pegar no meu instrumento de sopro e tocar um *shimmy* lesto, o *shimmy* pode ser bom ou mau, ele dará no entanto alegria às pessoas, entra-lhes nas pernas e no sangue. Só isso é que importa. [756]

A natureza tem dez mil cores, e nós metemos na cabeça reduzir a escala a vinte. [757]

Também essa é uma das mil formas de manifestação do *Tao*: a forma perfeita, que engoliu e dissolveu o »conteúdo« e, flutuando em si mesma, apenas respira e já é bela. [758]

Onde a *ratio* e a magia se tornam uma só, reside talvez o segredo de toda a arte superior. [759]

O entregar-se a formas da natureza irracionais, crespas, estranhas, gera em nós um sentimento da concordância do nosso interior com a vontade que deixou essas construções tornarem-se — sentimos logo a tentação de as considerar como os nossos próprios caprichos, como as nossas próprias criações — vemos os limites entre nós e a natureza tremer e dissolver-se e conhecemos o estado de espírito no qual não sabemos se as imagens na nossa retina provêm de impressões exteriores ou de interiores. Em lugar nenhum de forma tão simples e fácil como neste exercício fazemos a descoberta de quanto somos criadores, de quanto a nossa alma participa constantemente na criação contínua do mundo. Antes, é a mesma divindade indivisível que atua em nós e na natureza; e se o mundo exterior sucumbisse, um de nós seria capaz de o reconstruir, pois montanha e rio, árvore e folha, raiz e flor, tudo o que é moldado na natureza reside em nós pré-moldado, provém da alma, cuja essência é a eternidade, cuja essência não conhecemos, mas que se nos dá a sentir sobretudo como força de amor e força criadora. [760]

A arte é a contemplação do mundo no estado de graça. [761]

A arte é uma pele fina e sensível entre nós e o coração do mundo, e é certamente melhor ter esta pele fina do que uma couraça — mas para entrar inteiramente no coração do mundo, é preciso finalmente atravessar também esta pele tão terna. [762]

A arte mostra novos rostos, novas línguas, novos sons balbuciantes e gestos; ela está farta de falar sempre a língua de ontem e anteontem, quer também dançar uma vez, quer também uma vez saltar a cerca, quer também uma vez pôr o chapéu de lado e andar em ziguezague. E os concidadãos ficam furiosos com isso, sentem-se escarnecidos e duvidados na raiz, no seu valor, lançam insultos e puxam a manta da sua formação até às orelhas.

E o mesmo cidadão que corre para o juiz por causa do mais leve toque e ofensa à sua dignidade pessoal, torna-se agora inventivo em ofensas terríveis. [763]

Não acreditamos em nenhum dos ideais deste tempo, nem no dos ditadores nem no dos bolcheviques, nem no dos professores nem no dos fabricantes. Mas acreditamos que o ser humano é imortal e que a sua imagem pode recuperar de qualquer deformação, pode emergir de novo purificada de qualquer inferno. Acreditamos na alma, cujos direitos e necessidades, por muito tempo e por muito duramente que sejam reprimidos, nunca podem morrer. Não procuramos explicar o nosso tempo, nem melhorá-lo, nem ensiná-lo, mas procuramos, ao revelar o nosso próprio sofrimento e os nossos próprios sonhos, abrir-lhe repetidamente o mundo das imagens, o mundo da alma, o mundo do vivenciar. Estes sonhos são, em parte, pesadelos terríveis, estas imagens são, em parte, visões horrendas — não nos é permitido embelezá-los, não nos é permitido ocultar nada com mentiras. [764]

Nós, artistas e intelectuais, somos hoje todos neurasténicos — antes, não temos de modo algum »nervos fracos«, mas sim normais, pois na verdade os nervos existem para conduzir sensações, e nós, artistas, com os nossos nervos de vibração terna, não nos consideramos doentes, mas consideramos como degenerado o homem de negócios, o técnico ou o garanhão do desporto de hoje, que ainda se consegue sentir bem dentro de uma cidade atual com o seu ruído, a sua desolação e toda a sua faina de feira de vaidades. [765]

As »neuroses« podem ser doenças e são-no na maioria das vezes; a neurose de poeta atual pode, porém, no fim ser também uma saúde, nomeadamente a única reação possível de naturezas animadas a um tempo que só conhece dinheiro e números e nenhuma alma. [766]

Muitas vezes vemos pessoas grandes e dotadas sucumbir a resistências com as quais o pequeno lida a brincar, e o entendimento médio saudável tem facilidade em declarar os dotados como psicopatas. Eles são também isto, entre outras coisas. Mas muito para além disso são heróis, são tentativas veneráveis e perigosas da humanidade de se enobrecer, e o seu destino situa-se na atmosfera heroica, na atmosfera trágica, mesmo que um tal herói não termine casualmente de forma aterradora. [767]

O cidadão gosta de comparar o fantasista com o louco. O cidadão pressente corretamente que ele próprio teria de enlouquecer imediatamente se se entregasse, tal como o artista, o religioso ou o filósofo, ao abismo no

seu próprio interior. Podemos chamar ao abismo alma ou o inconsciente ou o que quer que seja; dele provém cada movimento da nossa vida. O cidadão colocou entre si e a sua alma um guarda, uma consciência, uma moral, uma autoridade de segurança, e não reconhece nada que venha diretamente daquele abismo da alma sem ser primeiro carimbado por aquela autoridade. O artista, porém, dirige a sua desconfiança constante não contra o país da alma, mas precisamente contra qualquer autoridade fronteiriça, e entra e sai secretamente entre o Aqui e o Ali, entre o consciente e o inconsciente, como se estivesse em casa em ambos. [768]

A vantagem que o artista tem [sobre o doente mental] é apenas esta: que a sua loucura não é encarcerada, mas vale algo por causa dos seus produtos. [769]

Estou habituado, como cada artista, a encontrar compreensão e empatia em leitores cuja essência e vida são semelhantes às minhas. Dessa concordância não se faz grande caso. Valoriza-se muito mais quando um membro de outro tipo, de outro temperamento, nos compreende e aprova. [770]

Quando nós, artistas ou pensadores, dizemos algo, pressupomos tacitamente que os nossos ouvintes sejam nossos semelhantes, que sejam aquilo a que chamo humanos, enquanto o mundo já lhe chama »génios«. Não fica bem dizer abertamente que a grande maioria dos homens não o são, também a grande maioria dos artistas não são artistas. Por isso eu disse aquilo sobre o »saber-fazer« na arte — pois o outro, nomeadamente que por trás da arte esteja um ser humano real, dou-o por pressuposto. [771]

O génio, onde quer que apareça, ou é estrangulado pelo ambiente ou o tiraniza; ele é considerado sem contestação como a floração da humanidade e, no entanto, causa em todo o lado necessidade e confusão; aparece sempre isolado, condenado à solidão, é não-hereditário e tem sempre uma tendência para a renúncia pessoal. [772]

Um profeta é um tal doente a quem se perdeu o sentido saudável, bom e benéfico para a autoconservação, o epítome de todas as virtudes burguesas. [773]

Toda a individuação levada ao auge volta-se contra o Eu e tende de novo para a sua destruição. [774]

Concebo o génio, em qualquer forma, como uma tentativa da natureza de, sob grandes sacrifícios, estabelecer o exemplo de um tipo melhor, mais feliz, mais digno de ser vivido do que o ser humano é habitualmente. [775]

Génio é força de amor, é anseio de entrega. [776]

O génio vem ao mundo no meio de uma vida da qual se torna luz e meta de anseio, enquanto ao mesmo tempo nela tem de sufocar. [777]

Quando falo do génio como de uma questão biológica, quero dizer com isso que o génio, o homem significativo nos seus exemplares mais bem-sucedidos, tem quase sempre uma vida trágica e vive numa luz pálida de proximidade da decadência — o que nada tem a ver com a doutrina burguesa filistina de que o génio seria sempre aparentado com a loucura. Não: o génio, a vida levada ao máximo, converte-se tão facilmente no seu polo oposto, na morte ou na loucura, porque nele a existência humana se reconhece como um infortúnio terrível, como um lançamento da natureza grande e ousado, mas não totalmente bem-sucedido.

O génio, reconhecido sem contestação como o fruto mais desejado e nobre na árvore da humanidade, não é de modo algum protegido pelo mecanismo biológico, quanto mais propagado; vem ao mundo no meio de uma vida da qual se torna luz e meta de anseio, enquanto ao mesmo tempo nela tem de sufocar. [778]

O que o artista deseja não é louvor, mas compreensão para aquilo que ele ambicionou, independentemente de até que ponto a sua tentativa tenha sido bem-sucedida. [779]

Ninguém é mais vaidoso, ninguém mais ávido de eco e concordância do que precisamente o espiritual; e ele tem de facto uma necessidade amarga de eco e concordância. [780]

Nós fazemos a nossa música e, por mal-entendido, por vezes alguém nos atira uma moeda para o chapéu porque acredita que a nossa música seja algo didático ou moral ou inteligente. Se ele soubesse que é meramente música, também ele seguiria caminho e guardaria a sua moeda. [781]

Mundo fatal, em que as nossas obras inofensivas não podem existir e a diabrura atómica pode custar milhões. Mas se o mundo alguma vez voltar a recuperar, os nossos jogos sobreviverão aos dos professores atómicos. [782]

Quer o mundo nos deixe passar fome e isolar, quer nos cubra e sufoque com os seus presentes materiais, os seus prémios e medalhas de ouro — vai dar ao mesmo, a um grande mal-entendido; e como o mundo é o que permanece e perdura, e nós, indivíduos, somos apenas passageiros, temos

de renunciar à luta e à disputa e aceitar as dádivas do mundo como se as tivéssemos querido, como se valessem algo para nós. [783]

O mundo paga-nos decerto pelas nossas teias, por vezes até acima da medida, mas não nos paga com vida, com alma, com felicidade, com substância, mas sim com aquilo que tem para dar: com dinheiro, com honras, com a inclusão na lista dos proeminentes. Sim, são possíveis as respostas mais improváveis do mundo ao trabalho do artista. Por exemplo esta: um artista trabalha para um povo que é o seu campo de ação natural e o seu mercado natural, mas o povo deixa a obra que lhe foi confiada degradar-se, nega ao artista tanto o reconhecimento como o pão.

Subitamente, um outro povo, estrangeiro, lembra-se disso e dá ao desiludido aquilo que ele mais ou menos mereceu: reconhecimento e pão. No mesmo instante, o povo para o qual aquele trabalho fora destinado e oferecido aclama o artista entusiasticamente e alegra-se por alguém saído de si ser assim distinguido. E isto não é, de longe, o mais estranho que pode acontecer entre o artista e o povo. [784]

Prémios e honrarias são... vistos do ponto de vista do destinatário, nem um prazer e festa, nem algo por ele merecido. São uma pequena componente do fenómeno complicado, construído em grande parte a partir de mal-entendidos, a que se chama celebridade, e devem ser aceites como aquilo que são: como tentativas do mundo oficial de se defender da sua perplexidade perante realizações não-oficiais. É, de ambos os lados, um gesto simbólico, um ato de costume e de cortesia. [785]

As pessoas reivindicam os seus direitos sobre um nome que se tornou conhecido de uma forma estranha; não há diferença entre uma criança prodígio, um compositor, um poeta ou um assassino. Um quer a sua fotografia, outro a sua caligrafia, o terceiro mendiga dinheiro, cada jovem colega envia trabalhos, lisonjeia enormemente e pede um parecer, e se não se responde ou se diz a própria opinião, o mesmo admirador torna-se subitamente amargo, grosseiro e vingativo. [786]

Com a celebridade acontece o mesmo que com uma avalanche: quem a sente com mais intensidade é quem fica debaixo dela. [787]

Há pessoas que vivem de espalhar incenso, e outras que vivem de derrubar monumentos. Não devemos levar a sério nenhum dos tipos do género "querer-ser-grande". [788]

À falta do nosso sentido de rentabilidade e espírito empreendedor corresponde, nos nossos antípodas, os empreendedores e rentáveis, a falta

de uma dimensão anímica. A nossa infantilidade romântico-poética não é mais infantil do que a confiança orgulhosa-infantil do engenheiro conquistador do mundo, que acredita na sua régua de cálculo como nós no nosso Deus, e que entra em ira ou medo quando a incondicionalidade das suas regras mundiais é abalada por Einstein. Nós, românticos e sentimentais, como somos maioritariamente ridicularizados pela literatura das grandes cidades, não somos todos apenas fanáticos estúpidos que, por causa de um velho muro condenado à ruína, incomodam o público e mobilizam as guardas de proteção do património; alguns de nós são quase tão espertos como muitos do partido da rentabilidade e são no coração, talvez, mais crentes no futuro e mais ávidos pelo futuro do que muitos dos devotos do progresso. [789]

O espírito romântico não é para nós, de modo algum, uma questão histórico-erudita, mas sim uma questão sumamente atual, pois ali, no Romantismo, vemos o último grande ascenso do espírito alemão antes da era da materialização e do nivelamento. [790]

No nosso mundo burguês moderno, cujos fundamentos certamente tremem atualmente, o artista representa uma espécie de figura de substituição, e são-lhe atribuídas e transferidas pelo burguês funções que, na verdade, seriam assunto de cada ser humano, mas que, em consequência de um declínio múltiplo, são negligenciadas pela maioria das pessoas burguesas. O artista representa, dentro da nossa sociedade, na verdade o único tipo humano que, despreocupado e sob ampla tolerância da sociedade, vive para si mesmo, é fiel à sua própria natureza e cumpre assim um mandamento que está escrito no coração de cada homem, mas cujo chamamento, para a maioria, é sufocado na luta turva pelo quotidiano. [791]

É fácil ajudar onde se vê um caminho para tal. Mas para um homem solitário, que ama o nobre e o belo e sente tão pesadamente o mundo ruidoso e berrante em que vive, não conheço nenhum caminho. As pessoas não querem sonetos, muito menos aqueles em que o seu mundo é rejeitado. Assim, resta aos solitários, cuja voz não se quer ouvir, apenas o consolo do próprio cantar, do cultivo do seu dom, independentemente de haver alguém a ouvir ou não. E este consolo não é pequeno. Inumeráveis sofrem de modo semelhante e não têm o dom do canto, nada sabem de Kleist, não conhecem o prazer doloroso do fazer música solitário. [792]

Acredito que alguém como nós, perante este mundo, não deve tentar o caminho da humildade franciscana, impondo o espírito e o gosto àqueles

que não o desejam de todo, mas devemos antes fazer o contrário e tornarmo-nos um pouco raros, para que o burguês volte a ter respeito pelo espírito e pelo gosto. [793]

Toda a nossa arte é apenas um substituto, um substituto laborioso e pago dez vezes mais caro por uma vida perdida, uma animalidade perdida, um amor perdido. Mas não é bem assim. Superestima-se o sensorial quando se vê o espiritual apenas como um substituto de emergência para a falta de sensorial. O sensorial não vale nem um fio de cabelo a mais do que o espírito, tão pouco como o contrário. Se abraças uma mulher ou fazes um poema, é a mesma coisa. [794]

Eu não quereria viver apenas por amor à vida; não quereria amar apenas por amor à mulher; eu necessito do desvio através da arte, necessito do prazer solitário e absorto do artista, para estar satisfeito com a vida, aliás, para poder suportá-la. [795]

Não há em toda a história da humanidade nada mais interessante, aliás, nada mais que seja importante, do que o processo de sublimação. Que o ser humano seja, em certas circunstâncias, capaz de colocar os seus instintos ao serviço de objetivos supra-egoístas, espirituais, religiosos, culturais, que haja entrega ao espírito, que haja santos e mártires, isso é para nós o único consolo e o que há de positivo na história mundial e é a única coisa que resta da história. Que a sublimação não seja uma palavra vazia sem sentido, mas sim que exista como possibilidade, como ideal, como exigência, sendo eficaz e digna da nossa maior reverência, disso fala, desde tempos imemoriais, cada mito, cada saga, cada lenda e cada história. [796]

Toda a cultura nasceu da introversão. [797]

O artista tende sempre a absorver-se na sua confissão, a transferir toda a sua tarefa e realização para a sua confissão e, assim, a errar sempre no círculo mágico dos seus próprios assuntos pessoais. Pois o artista é, de qualquer modo, um homem que tem de exagerar a importância da sua obra, porque transferiu toda a sua realização vital, e com ela toda a sua auto-justificação, para fora da vida e para a sua obra. [798]

Cada pessoa singular, fina, delicada, temperamental e inquieta, como os artistas o são, representa uma tentativa da humanidade para novas possibilidades; e quanto mais o artista pressente isto e o expressa nas suas obras, tanto mais forte será o seu efeito, embora talvez não no momento imediato. [799]

As artes não servem a ideia, mas sim a vida; são funções como o sono e o sonho; não são os guias éticos dos homens (esta função é partilhada pelas religiões com os despertadores de consciências), mas servem necessidades biológicas completamente diferentes. [800]

Já a mais pequena obra de arte, um esboço a lápis de seis traços e um verso de poema de quatro linhas, tenta atrevida e cegamente o impossível, vai ao todo, quer colher o caos para dentro de uma casca de noz! [801]

A arte lida com condensações, com imagens. Vós, porém, em vez das imagens, quereríeis ter conceitos. [802]

A arte suprema não necessita de explicação nem de toda a psicologia aplicada; ela apresenta as suas criações e confia no seu feitiço, sem temer o não ser compreendida. [803]

«Interpretar» é um jogo do intelecto, um jogo muitas vezes bastante bonito, bom para pessoas inteligentes mas alheias à arte, que sabem ler e escrever livros sobre escultura negra ou música dodecafónica, mas que nunca encontram acesso ao interior de uma obra de arte porque estão à porta, a experimentar nela cem chaves, e nem sequer veem que a porta está aberta. [804]

O maestro mais genial torna-se nocivo assim que se leva demasiado a sério. [805]

Enquanto a cultura for apenas forma de vida das massas e enquanto for apenas moda, podem-se-lhe fazer prognósticos; enquanto for, porém, criação e espírito, ela realiza-se dentro de uma minoria muito pequena e só se deixará inserir, aparentemente, num sistema causal quando os vindouros olharem para ela retrospetivamente. [806]

O nosso tempo reage ao intelecto e à vontade na arte de forma mais rápida e segura do que ao propriamente criativo, que nada mais é do que aquela unidade interior com a natureza. Quem possui isso, quem habita junto das Mães, quem está em casa junto das fontes, esse pode permanecer não reconhecido por muito tempo — isso pode entristecê-lo ou irritá-lo, mas não pode prejudicá-lo. [807]

O artista não tem a tarefa de expressar qualquer visão do mundo geralmente reconhecida, mas sim de expressar o seu próprio e único modo de vida e experiência, de forma tão poderosa e decidida quanto possível. Pode-se pensar de forma otimista ou pessimista — só quando esse pensamento encontra a sua expressão nítida e plenamente tensa é que se

torna relevante para os outros. E aí vemos que, muitas vezes, poesias ou outras obras de arte sentidas de forma muito pessimista nos podem fazer felizes e tornar-se queridas. [808]

Nós, artistas, temos a sorte de, pela nossa natureza e por todo o modo da nossa função, estarmos dependentes da nossa oficina e dos nossos meios. Não faz para um artista o mínimo sentido >lutar< por qualquer outra coisa que não seja a perfeição no seu ofício, em que não penso na rotina, mas sim na educação da consciência e na clarividência auditiva. Naturalmente, um artista pode também, por acaso, ser um reformador do mundo e um lutador ou pregador, mas o sucesso dos seus esforços não dependerá do fervor da sua vontade e da retidão das suas convicções, mas sim sempre e unicamente da qualidade da sua prestação como artista. [809]

O nosso tempo fala e grita mais sobre arte do que qualquer outro anterior o fez, mas não tem, de modo algum, uma relação mais próxima ou sequer mais pura com a arte do que as gerações anteriores. Pelo contrário. E uma prova disso é, entre outras, a falta absolutamente ridícula de sentido para a multiplicidade da arte. Não se desfruta do individual, não se constatam com gratidão contrastes e complementos na vida artística do tempo, mas criam-se modas e moldes e despreza-se, por comodismo e estreiteza de coração, tudo o que não quer concordar com o molde momentaneamente válido. [810]

Para o radicalismo genial, o artista é sempre mais fácil de conquistar do que o professor. [811]

É sempre precário e sai sempre torto quando se fala das >tarefas< da arte, daquilo que a arte e o artista propriamente >devem<. O artista não >deve< de todo; o verdadeiro artista nunca cumpre a sua tarefa a partir da consciência de um dever, mas sim instintivamente, fazendo simplesmente aquilo a que a sua natureza o impele... Para além disso, porém, o artista, como cada ser humano espiritual e finamente organizado para além da mediocridade, tem também a sua importância para o futuro da humanidade. Cada pessoa singular, fina, delicada, temperamental, inquieta, como os artistas o são, representa uma tentativa da humanidade para novas possibilidades; e quanto mais o artista pressente isto e o expressa nas suas obras, tanto mais forte será o seu efeito, embora talvez não no momento imediato. [812]

O que hoje é novo e interessante, já não o será depois de amanhã. O que, porém, sobreviveu a alguns séculos e ainda não foi esquecido ou não

pereceu, a sua valorização provavelmente não sofrerá grandes oscilações mesmo dentro do nosso tempo de vida. [813]

Para a craveira do artista, nada mais é determinante do que o grau de densidade e força que as suas imagens, as suas visões, alcançam! [814]

A capacidade e o instinto para o conhecimento é algo diferente da capacidade e do instinto para a criação. Um poeta pode percorrer caminhos de conhecimento e meditar sobre enigmas extremos, sem ter de representar este mundo de conhecimento nas suas poesias. Ele pode representar camponeses e crianças, enquanto convive com Platão. No entanto, talvez o instinto de criação seja, no fim de contas, hostil ao conhecimento e impeça o poeta de alguma vez se tornar um sábio perfeito. [815]

O espírito, quer esteja revestido teologicamente ou de outra forma, tende sempre um pouco demais para o conceito, para o nivelamento, para a tipificação; ele contenta-se com «árvore», enquanto o corpo e a alma nada podem fazer com «árvore», mas precisam e amam a tília, o carvalho, o ácer. Precisamente por isso, os artistas estão provavelmente mais próximos do coração de Deus do que os pensadores.

Ora, se Deus se expressa no indiano e no chinês de forma diferente do que no grego, isso não é uma carência, mas sim uma riqueza; e se se quiser resumir todas estas formas de manifestação do divino num conceito, não surge nenhum carvalho nem nenhuma castanheira, mas, na melhor das hipóteses, uma «árvore». [816]

Eles pertencem absoluta e inseparavelmente um ao outro: espírito e alma, razão e sentimento; e quem sobrestimar e hipertrofiar um deles à custa do outro, ou mesmo em luta contra o outro, procura e cultiva a metade em vez do todo... É uma experiência engraçada: o puro homem da razão, por mais palavras de ouro e juízos aguçados que profira, tornar-se-nos-á muito em breve entediante. E, do mesmo modo, os nobres entusiastas do sentimento, os especialistas poéticos e entusiastas do coração, tornar-se-nos-ão em breve entediantes. O espírito nobre entregue a si mesmo, tal como o sentimento que confia apenas em si mesmo, ambos têm uma dimensão a menos. Nota-se isso na vida do dia-a-dia e na vida política, nota-se ainda mais claramente na arte. [817]

Também nisto sou um homem desatualizado, pois não deito fora nem odeio sentimentos e sentimentalismos, mas pergunto-me: Com que vivemos afinal, onde sentimos a vida, se não nos nossos sentimentos? De que me serve um saco de dinheiro cheio, uma boa conta bancária, um vinco

de calças impecável e uma rapariga bonita, se não sinto nada com isso, se a minha alma não se mexe? Não, por muito que possa odiar sentimentalismos nos outros, em mim mesmo prefiro amá-los e mimá-los um pouco. O sentimento, a delicadeza e a fácil excitabilidade das vibrações anímicas, esse é o meu dote, é com isso que tenho de sustentar a minha vida.

Se eu estivesse dependente da minha força muscular e me tivesse tornado um lutador ou pugilista, ninguém me exigiria que considerasse a força muscular como algo subordinado. Se eu fosse forte em cálculo mental e fosse diretor de um grande escritório, ninguém esperaria de mim que desprezasse a força no cálculo mental como uma inferioridade. Do poeta, porém, o tempo mais recente exige, e alguns jovens poetas exigem-no de si mesmos, que odeiem precisamente aquilo que constitui o poeta — a excitabilidade da alma, a capacidade de se apaixonar, a capacidade de amar e de arder, de se entregar e de vivenciar o inaudito e o supernormal no mundo dos sentimentos — que odeiem precisamente esta sua força e dela se envergonhem e se defendam de tudo o que pudesse chamar-se «sentimental». Pois bem, que o façam; eu não participo, os meus sentimentos são-me mil vezes mais caros do que todo o brio do mundo, e só eles me preservaram, nos anos de guerra, de participar no sentimentalismo dos briosos. [818]

Houve no decurso dos séculos mil »atitudes« e partidos e programas, mil revoluções; eles mudaram o mundo e (talvez) o fizeram avançar. Mas nenhum dos seus programas e confissões sobreviveu ao seu tempo. As imagens e palavras de alguns artistas verdadeiros, e também as palavras de alguns sábios verdadeiros e de quem ama e se sacrifica, sobreviveram aos tempos; e, mil vezes, uma palavra de Jesus, ou uma palavra de um poeta grego ou de outro, passados séculos, ainda atingiu e despertou seres humanos e lhes abriu o olhar para o sofrimento e para o milagre da humanidade. Ser um pequeno nesta linhagem de amantes e testemunhas, um entre milhares, seria o meu desejo e ambição, mas não ser considerado »genial« ou algo semelhante. [819]

Mística e arte são antípodas, são opostos diretos e inimigos. [820]

Para o artista criador, a realidade do que é percecionado sensorialmente, o tempo, o espaço e a causalidade, têm de estar fora de dúvida como algo essencial, pois são para ele os únicos meios de representação e de convicção. [821]

Sem a participação da razão, da crítica, da autocrítica, qualquer arte degeneraria muito rapidamente, tal como qualquer diletante pensa: »Que

importam as palavras, as métricas e tudo isto, se o coração estiver no lugar certo.« Mas precisamente isso não basta. [822]

Os diletantes natos, de que uma parte tão grande da humanidade parece consistir, poderiam muito bem ser designados como caricaturas da liberdade de vontade. Nomeadamente, ao estarem infinitamente distantes da natureza e do conhecimento do necessário, ao carecerem da capacidade original de cada ser humano original de ouvir o chamamento da natureza no seu próprio interior, eles derivam levianos e indecisos numa vida sem valor de aparente arbítrio. Como não têm nada de próprio em si, vêem-se remetidos para a imitação e praticam agora aquilo que veem outros fazer por disposição interior e necessidade, de forma lúdica e arbitrária, como macacos da natureza. [823]

O diletante é inferior ao especialista no saber-fazer, no conhecimento dos meios, mas é-lhe superior pela liberdade e pela ausência de suspeita com que faz o que lhe agrada e expressa o que lhe é importante, sem os escrúpulos e sem a ambição do especialista, sem as inibições deste. [824]

A »disposição« artística é o estado em que tudo o que é real se torna símbolo. Quanto mais constante e sem lacunas for o estado, tanto mais génio existe. Momentos do mesmo talvez quase todos os homens tenham, sem contudo serem artistas. Só a consciência deste estado e o ver consciente do simbólico no real fazem o artista. [825]

Para a capacidade de compreender e vivenciar qualquer arte é necessária uma disposição natural, que tem de ser aparentada ao próprio talento ou instinto artístico; quem a tem, para esse são possíveis gozos artísticos, para o outro nunca. [826]

Tal como não existe grande obra de arte que não tenha nascido do amor, também não existe relação nobre e proveitosa com as obras de arte que não seja, de novo, através do amor. [827]

Na disputa sobre a arte acontece como em toda a disputa sobre opiniões. Não se compreendem uns aos outros enquanto não se amarem. Amar-se uns aos outros só é possível quando se vivencia o mundo mais em si mesmo do que no exterior. [828]

O >saber-fazer< não inspira amor. Mas a força do sentimento, do sonho interior, que na expressão se torna quase desajeitada, essa dá-nos confiança e amor. Pois os virtuosos com os seus sucessos e tiragens perecem rapidamente, mas o »Verão de S. Martinho« com as suas comoventes

poucas tiragens tem em seu redor um círculo de gratidão firme e íntima. [829]

Em nós, artistas, poder-se-ia dizer, exagerando ligeiramente: o valor do meu trabalho corresponde à medida de diversão que ele me deu. O que atua e resta não é o pretendido, o pensado, o construído, mas sim o gesto, a ideia súbita, o pequeno e fugaz feitiço. Tal como numa ópera de Mozart não é a fábula ou a moral da peça que tem valor, mas sim o gesto e a melodia, a frescura e a graça com que um número de temas musicais decorrem e se transformam. [830]

Pertence às contradições desta vida, cujo aspeto trágico é tantas vezes e facilmente obscurecido pelo cómico, o facto de nós, artistas, com uma metade da nossa alma estarmos enamorados e encantados com nada tanto como com o momento, com o efémero, com o jogo das expressões da vida que muda com a rapidez de um relâmpago, e na outra metade da alma termos e devamos acalentar este profundo anseio por duração, por estática, por eternidade, este anseio que nos impele repetidamente a procurar o impossível: a espiritualização e a eternização do transitório, a cristalização do fluido e do mutável, a fixação do momento. [831]

Onde quer que no passado encontremos uma cultura nobre, uma vida bela e com sentido, uma sensorialidade espiritualizada, um sentimento vital purificado, aí temos claramente perante os olhos que essa vida superior não pode ser caçada com canhões nem com navios mercantes, pois ela repousa secretamente na nossa alma e, para quem é capaz de penetrar abaixo da superfície, está sempre secretamente >entre nós< como o reino de Deus, sob o qual, no fim de contas, também não entendemos mais do que aquela animação da vida de que o Novo Testamento, de que Lao-Tsé, de que Hafiz ou Goethe dão testemunho. [832]

O que o sábio procura alcançar na renúncia contemplativa a qualquer ação: a anulação do tempo, os artistas ambicionam pelo caminho inverso: através de uma atividade elevada ao serviço da fixação e da eternização. [833]

A força do desfrute e a da recordação dependem uma da outra. Desfrutar significa espremer a doçura de um fruto sem deixar resto. E recordação significa a arte de não apenas fixar o que uma vez foi desfrutado, mas de o moldar de forma cada vez mais pura. [834]

Neste mundo, onde cidades e aldeias, florestas e paisagens inteiras caem vítimas da técnica, a tarefa do poeta é o preservar. [835]

Cada um de nós, artistas, mesmo quando tem de duvidar muito de si mesmo e sente o seu talento e saber-fazer como horrivelmente pequenos, tem um sentido e uma tarefa e realiza, se permanecer fiel a si próprio, no seu lugar, algo que só ele tem para dar... Se pintares comigo em Ticino e ambos pintarmos o mesmo motivo, cada um de nós não pinta tanto o pedaço de paisagem, mas antes o seu próprio amor pela natureza, e do mesmo motivo cada um faz algo diferente, algo único. E mesmo que às vezes não consigamos sentir e dizer nada mais do que a nossa tristeza e o sentimento da nossa insuficiência, também isso tem o seu valor.

Até o poema de desespero mais triste, por exemplo de Lenau, tem, além do desespero, também um núcleo doce. E quantos pintores, que eram considerados meros amadores ou bárbaros na arte, revelaram-se depois nobres lutadores, cujas obras são muitas vezes mais consoladoras para os sucessores e amadas mais intimamente do que as maiores obras dos mestres clássicos. [836]

Tudo o que é vivo é um tornar-se, não um ser. Assim também aquilo a que chamam »cultura« não é algo pronto e acabado que se possa herdar e cultivar ou que se possa deitar fora e destruir. Pelo contrário, permanece sempre viva e continua a atuar exatamente tanta da nossa cultura quanta a geração sabe tornar sua e vivificar. [837]

LINGUAGEM E POESIA

Que os seres humanos contem uns aos outros o que vivenciaram e o que lhes restou da experiência como posse interior, isso nunca cessará enquanto houver vida na Terra. E repetidamente haverá entre estes seres humanos aqueles para quem o vivenciado se torna expressão e símbolo de leis mundiais ancestrais, que veem no temporal o eterno e no mutável e acidental o rasto do divino e do perfeito; e se estes poetas chamam às suas obras romances ou revelações ou histórias da alma ou outra coisa qualquer, não será particularmente importante. [838]

Nunca uma linguagem humana (refiro-me à gramática) alcançou nem de perto o ímpeto e a agudeza, o brilho e o espírito que um gato desperdiça nas curvas da sua cauda, ou uma ave-do-paraíso no pó de prata das suas vestes nupciais. No entanto, o ser humano, assim que foi ele próprio e não procurou imitar as formigas ou as abelhas, superou a ave-do-paraíso, o gato e todos os animais ou plantas. Inventou linguagens que comunicam e fazem vibrar infinitamente melhor do que o alemão, o grego ou o italiano. Criou

por magia religiões, arquiteturas, pinturas, filosofias, criou música, cujo jogo expressivo e riqueza de cores vai muito para além de todas as aves-do-paraíso e borboletas. [539]

Uma linguagem boa e autêntica como fim em si mesma não existe; ela é boa e autêntica quando é expressão de uma vivência autêntica. Por isso, a linguagem do povo está, desde sempre, cheia de uma experiência milenar supra-pessoal. O facto de o alemão médio de hoje dominar tão mal a sua própria língua não se deve a uma falta de cultivo da linguagem, mas sim a uma carência na essência mais profunda, uma incapacidade de vivenciar de forma autêntica e forte. [840]

Em todo o lado onde um poeta colhe louvor ou censura, onde exerce efeito ou é ridicularizado, onde o amam ou o rejeitam, em todo o lado se fala não dos seus pensamentos e sonhos em si, mas apenas da centésima parte que conseguiu penetrar através do estreito canal da linguagem e do canal, não mais largo, da compreensão do leitor. [841]

Tal como a tua tentativa de escrever o teu sonho se relaciona com o mundo que o teu sonho abrange, assim se relaciona a obra do autor com aquilo que ele queria dizer. [842]

A poesia não é uma cópia da vida, mas sim uma condensação, uma visão de conjunto e um resumo do acidental para o típico e o válido. [843]

As poesias realmente preenchidas pela magia do mítico não recordam o que foi lido, mas sim o que foi sonhado. Aqui está o limiar onde o hoje toca o que existiu há séculos. Nos nossos sonhos, reencontramos aquele mundo de associações e de símbolos libertos da lógica, a partir do qual outrora surgiram as sagas e os contos de fadas de todos os povos. [844]

Todo o poetar e criar, seja jogo ou coisa séria, não é primariamente um assunto público, mas sim uma função vital de quem poeta, uma fonte que corre, um pulso que bate. Pode-se sacrificar tal função, certamente, mas só se deve fazê-lo quando for vitalmente necessário. [845]

O poeta não vive de tocar coisas bonitas na flauta para os leitores, mas unicamente de, através da magia da palavra, mostrar e interpretar a si mesmo a sua própria essência e vivência, seja ela bela ou feia, boa ou má. [846]

Um poeta não deve amar o público, mas sim a humanidade, cuja melhor parte não lê os seus escritos e, no entanto, precisa deles. [847]

Ao escrever, procure sobretudo a verdade, não a beleza; esta virá depois por si mesma. [848]

Nem um instinto saudável nem uma vontade dirigida ao ético fazem o poeta. Pode-se ser um santo na fé e, ao mesmo tempo, um amador no poetar. [849]

Se a atitude e a boa vontade bastassem, então o mundo estaria cheio de autores de primeira ordem. [850]

Como é sabido, ninguém escreve tão mal como os defensores de ideologias envelhecidas. [851]

Há centenas de caminhos para quem tem boa intenção atuar no mundo. O atuar através da escrita só faz sentido quando se consegue expressar o antigo e o eternamente verdadeiro de forma realmente nova e adequada ao seu tempo. [852]

Pressupõe-se que o poeta, pelo facto de ter o dom e a prática de formular, esteja libertado das suas vivências e fardos. Existe algo desse género, no sentido em que pode haver um certo alívio simplesmente no enunciar, no confessar; este, porém, não necessita dos meios artísticos, e a confissão ou comunicação mais simples a uma pessoa de confiança presta o mesmo serviço que o melhor poema. Pelo contrário, o artista, através do seu enunciado, eleva a vivência decerto parcialmente (nunca totalmente) à consciência, mas na maioria das vezes isso serve-lhe apenas para intensificar a vivência, não para a resolver. [853]

Todo o meu agir provém da fraqueza, do sofrimento, não de uma qualquer bonomia alegre, como os leigos por vezes supõem no poeta. [854]

O facto de um poeta exercer efeito nunca se deve a uma capacidade isolada, à técnica, à esperteza ou ao gosto, mas sim à raça da sua natureza, à perfeição e ao peso com que expressa o seu tipo. [855]

Uma poesia não é apenas conteúdo; ela torna-se tanto mais poesia quanto mais transforma os seus conteúdos em forma no caminho para a alquimia artística, sublimando-os em linha e em melodia. [856]

O que importa não é formular pela 101.ª vez pensamentos necessários, mas cem vezes formulados, mas sim estar de tal modo em unidade com o espírito da linguagem que os conteúdos do que é escrito se tornem secundários. [857]

É fácil representar caracteres complicados de pessoas intelectuais, pois estes podem ser analisados e decompostos; mas só um grande artista é capaz de reproduzir o simples, o indecomponível, o ingenuamente primevo. [858]

Quem procura expressar a sua relação com o mundo múltiplo e de várias camadas como poeta, tem caminhos muito melhores e mais adequados do que quem o faz por via puramente intelectual. [859]

A representação poética intensiva de acontecimentos anímicos, mesmo que não consiga interpretá-los até ao fim, é mais eficaz e comovente do que qualquer análise meramente intelectual. [860]

No pensamento, tal como no poetar, o que importa não é o "quê", não são os objetos mais ou menos acidentais do pensamento, mas sim a intensidade, o grau de calor e de pureza com que um indivíduo vivencia e pensa os problemas do seu tempo. [861]

Se alguém se quer retratar a si mesmo, é, no fundo, a mesma coisa se expõe a sua filosofia de vida ou se conta uma anedota. [862]

Nós, poetas, temos, entre outras, a tarefa de expressar o que foi sofrido pelos homens do nosso tempo, e só o podemos fazer se o conhecermos não por ouvir dizer, mas pelo próprio sofrimento. Quer o enunciado ocorra de forma patética ou sentimental, queixosa ou espirituosa ou acusatória, ele é em todo o caso necessário e tem de ajudar um pouco a humanidade nos seus passos infantis e desajeitados de desenvolvimento. A grandeza atual do sofrimento dá-nos uma solidariedade que abrange todos os povos e todos os tipos de existência e sofrimento. O insuportável tem de ser traduzido em palavras para, talvez, ser superado. [863]

O ofício do poeta não é o mostrar dos caminhos, mas sobretudo o despertar do anseio. [864]

Ser original à custa da compreensibilidade e da forma clara e inequívoca, isso não é arte. [865]

A personalidade não surge de outro caminho que não o da espiritualização dos instintos animais e, só sob este ponto de vista, a coprofilia na poesia parece não ter futuro. [866]

Muitos poetas e diletantes alemães e suíços têm o hábito de gostar de fingir que a poesia é algo como cuspir e digerir, algo que se processa de forma instintiva e pulsional, com exclusão da vontade e da razão. Isso não é

apenas estúpido e falso, vinga-se também muito na nossa literatura, que, sabe Deus, não é rica. [867]

As caricaturas têm de ser geniais; as más não têm justificação. [868]

Dificilmente será assunto e tarefa do poeta representar ou simular qualquer retidão normativa e exemplaridade no comportamento anímico perante a vida. O seu assunto é apenas ser fiel à própria natureza e expressar a própria alma, quer esteja doente ou sã, de forma tão pura e intensiva quanto possível. [869]

Não é por causa das ideias que as poesias existem. [870]

Para o poeta, o pensamento abstrato é um perigo, até o maior de todos, pois na sua consequência ele nega e mata a criação artística. [871]

Conhecer e criar, ser pensador e ser artista, são opostos que se excluem. A opinião de que poetar e pensar são quase a mesma coisa, e de que é tarefa da poesia representar visões do mundo, é um erro. [872]

Os livros dos poetas não necessitam de explicação nem de defesa; eles são sumamente pacientes e podem esperar, e se valerem algo, então vivem geralmente mais tempo do que todos aqueles que discutem sobre eles. [873]

No momento em que uma poesia encontra um leitor inteligente e independente, surge imediatamente algo de novo e vivo: a singularidade e o mundo de imagens do poeta estabelecem ligações e misturas com o carácter e o mundo de associações do leitor; e deparei-me muitas vezes, em críticos das minhas coisas, com interpretações em que nunca tinha pensado ao escrever e que, no entanto, são totalmente admissíveis e legítimas. [874]

Arte e poesia querem e devem despertar a vida e ajudar a viver, e onde isso é bem sucedido, também do leitor para o poeta irradia de volta vida e fortalecimento. [875]

A reverência perante a poesia, e com ela também uma certa reverência perante o poeta, pertencem necessariamente à vida superior, ainda que hoje apenas poucos o saibam e pratiquem. Mas o reino do espírito e do belo é um todo, e o facto de um poeta expressar um pensamento realmente novo de ponta a ponta é quase impossível: ele colhe do tesouro de milénios, e não apenas onde o faz sabendo-o e intencionalmente, mas também inconscientemente. [876]

O esmiuçar e o falar de forma sabichona sobre arte e poesia tornaram-se um desporto e um fim em si mesmos; e, sob o desejo de as dominar através da análise crítica, a capacidade elementar de entrega, de ver, de escutar, sofreu muito. Quando alguém se contenta em extorquir a um poema ou a uma narrativa o conteúdo de pensamentos, de tendência, de algo educativo ou edificante, então contenta-se com pouco, e o segredo da arte, o verdadeiro e o essencial, perde-se. [877]

Se eu tiver a escolha entre uma investigação filológica sóbria e fria e um ensaio composto apenas de calor e entusiasmo, prefiro a primeira. Toda a ciência é digna de amor onde permanece no seu terreno e não faz empréstimos a outras províncias do espírito. [878]

Pode-se ser um pensador e escrever com beleza. Mas entre nós ainda é costume colocar um pensador que escreve com beleza entre os poetas. Provavelmente porque a maioria dos nossos poetas não são pensadores, mas escrevem um alemão que só se perdoa aos pensadores. [879]

Com as palavras "simples" pode dizer-se mais e de forma mais clara do que com as grandiosamente vagas que, no fundo, podem significar nada ou tudo. [880]

Felizmente, a continuidade e a fama de poesias excelentes nunca dependeram de juízos eruditos e, graças a Deus, o que é bom e viável sempre se preservou por si próprio, enquanto até o galvanizar mais zeloso de grandezas mortas raramente ou nunca teve sucesso. [881]

Crítica: Hoje li uma crítica às minhas narrativas; nela estava escrito de forma reprovadora que eu não tinha vestígio de talento dramático. Um arquiteto que não sabe tocar violino. Um violinista que não sabe andar na corda bamba. Um crítico que não sabe pensar. [882]

Se o nosso povo já tem a tendência erradicável de preferir ler lixo em vez dos verdadeiros poetas e de desprezar e deixar passar fome aos seus espíritos fortes, acho então, por outro lado, comovente que o mesmo povo, quando o autor morto de fome está morto há cem anos, não poupe esforços nem custos para a sua exumação, apenas porque o ocupado e remunerado desta vez não é um poeta incómodo, mas sim um erudito, funcionário e conselheiro secreto. [883]

Refleti muitas vezes sobre por que razão se escreve sobre poesia, na maioria das vezes, de forma tão estranha, tão desadequada e confusa. Acontece porque o conteúdo de toda a poesia é, pela crítica, geralmente desconhecido. Cada poesia que mereça esse nome não tem outro conteúdo

senão a alma, senão a vibração do Eu atemporal no temporal. Mas a crítica pensa, na maioria das vezes, que a poesia quer ou deve ensinar, deve dar a ver imagens da vida, estudos de carácter, representações de profissões, meios sociais, etc., tudo o que é apenas secundário e, na maioria das vezes, acaso. Para nenhum poeta verdadeiro existe uma "escolha de tema". Mas critica-se sempre isso, enquanto nunca se pergunta a um tenor por que razão ele não prefere cantar como baixo. [884]

Sempre os científicos, por causa dos novos odres, perderam o vinho velho, enquanto os artistas — permanecendo despreocupados com muitos erros externos — foram consoladores e portadores de alegria para muitos. É a velha e desigual luta entre crítica e criação, ciência e arte, em que aquela tem sempre razão, sem que ninguém seja servido com isso, mas esta volta sempre a lançar a semente da fé, do amor, do consolo e da beleza e do pressentimento da eternidade, e volta sempre a encontrar solo fértil. Pois a vida é mais forte do que a morte, e a fé é mais poderosa do que a dúvida. [885]

A ciência é ou um negócio de dinheiro ou uma brincadeira (na qual já Kant e Hegel e toda a filosofia estão fortemente envolvidos, recusando-se todos eles a transferir os seus resultados pensantes para a vida). A literatura é entretenimento, jogo, charlatanice, o todo é uma bolsa de negócios e de vaidade... Em todo o lado falta a base de uma moral e de uma santidade, de um esforço verdadeiramente sério por valores supra-pessoais. Cada um trabalha, esforça-se, pensa e politiza para si, para a sua pessoa, para a sua fama e para o seu partido. Em vez disso, o trabalho e o esforço espiritual e a elevação de todos deveriam confluir conjuntamente num fluxo que pertence apenas à humanidade e onde a realização ou o erro do indivíduo se torna imediatamente anónimo. [886]

Este tempo não é pior nem melhor do que outros tempos. É um céu para quem partilha os seus objetivos e ideais, e é um inferno para quem lhes resiste. Ora, como o poeta, se quiser permanecer fiel à sua origem e vocação, não se pode nem deve juntar e entregar nem ao mundo ébrio de sucesso do domínio da vida através da indústria e da organização, nem ao mundo da espiritualidade racionalizada, como aquela que domina as nossas universidades, mas como a única tarefa e missão do poeta é ser servidor, cavaleiro e advogado da alma, ele vê-se, no momento atual do mundo, condenado a uma solidão e a um sofrimento que não são para qualquer um... Assim, vemos a maioria dos poetas de hoje (o seu número é, de qualquer modo, pequeno) adaptarem-se de algum modo ao tempo e ao seu

espírito, e são precisamente esses poetas que colhem os maiores sucessos na superfície. Outros, por sua vez, calam-se e perecem silenciosamente no espaço vazio deste inferno. [887]

No nosso tempo, o poeta, como tipo mais puro do ser humano animado, é comprimido entre o mundo das máquinas e o mundo da laboriosidade intelectual, por assim dizer num espaço vazio, e condenado à asfixia. Pois o poeta é representante e advogado precisamente daquelas forças e necessidades dos homens às quais o nosso tempo declarou guerra de forma fanática. [888]

A poesia não serve fins, exceto inconscientemente e tal como tudo o que é vivo se serve mutuamente, e é o destino das poesias didáticas que elas fracassam tanto mais como poesias quanto mais puramente se esforçam pela lição a comunicar. [889]

A poesia, porém, pode esforçar-se quanto quiser para impor eventuais opiniões: ela não o consegue, mas vive e atua apenas onde é realmente poesia, isto é, onde cria símbolos. [890]

Para o poeta, a linguagem não é função nem meio de expressão, mas sim substância sagrada, como os sons o são para o músico. Por isso, são precisamente aqueles escritores que usam a linguagem apenas como um meio de ensino e de propaganda e que formulam os conteúdos racionais do seu tempo sob o maior aplauso dos contemporâneos que são, muitas vezes, esquecidos tão rapidamente. [891]

Habitualmente, o que um poeta escreve puramente para si mesmo, sem motivo externo, é melhor do que o que ele faz por encomenda para um qualquer fim. [892]

De tempos a tempos tem de ser permitida a recordação de que um povo possui nos seus grandes poetas não apenas uma espécie de bobos da corte e entretenedores mais distintos, com os quais se pode ocasionalmente obter umas horinhas agradáveis, mas algo essencialmente diferente, nomeadamente pré-sentidores, órgãos tácteis finíssimos que, de certa forma, vivem antecipadamente e testam um pedaço de futuro, um pedaço de possibilidade de desenvolvimento.

Nos seus poetas e pensadores, desde que não tenham sido seus bajuladores, mas tenham tido a coragem plena de serem eles mesmos, cada povo possui os seus modelos mais nobres, mas também os mais perigosos. Pois estes modelos não mostram um molde de deveres e conceções

facilmente cumprível para imitação, mas mostram e ensinam precisamente o contrário: o caminho da solidão e da consciência pessoal. [893]

O ofício do poeta é tão sagrado quanto rico em renúncia e não permite um desvio do trágico para o social. [894]

Existem decerto pensamentos e sermões coletivistas, mas não existe poesia coletivista. [895]

A tarefa da literatura, incluindo a poética, de ambicionar uma espiritualidade supra-partidária, de não ser apenas órgão de combate do momento, não se deixa descartar tão sumariamente como quimera. Uma pequena (admita-se: uma muito pequena) parte dos autores mais talentosos reconhece bem a situação e não está de modo algum disposta a esquivar-se à sua análise; estes poucos espíritos vivem numa isolação que se torna de ano para ano mais esmagadora, e as suas tentativas de expressar esta crise espiritual não são literatura de entretenimento, mas sim confissão responsável. O futuro socialista não terá nos autores prontos a acorrer, que se apressam após a primeira vitória da revolução vindoura para se fazerem inscrever no partido, os seus melhores desbravadores de caminho. [896]

Durante a guerra, fizeram-se dos artistas, poetas e intelectuais soldados e trabalhadores da terra. Agora quer-se »politizá-los« e torná-los órgãos do desenvolvimento atual. Isso é como se se quisesse usar um barómetro para pregar pregos. [897]

O futuro não vem através daqueles que fecham os olhos perante a visão de cada desesperado. O tornar visível e o tornar consciente dos abismos ocultos faz parte das tarefas da literatura. [898]

Não sou de modo algum de opinião que um autor sincero possa escolher os seus »temas« de forma absolutamente livre. Pelo contrário, estou perfeitamente convencido de que os temas vêm a nós, não nós a eles, e que, portanto, a aparente »escolha« não é um ato de uma vontade pessoal solta, mas, como cada decisão, é consequência de um determinismo sem lacunas. Apenas não quereria com isso despertar a aparência de que considero agora cada ideia e cada trabalho de um poeta como sancionados, mas admito de bom grado e com convicção que aqui, como no resto da vida, a crença na determinação não anula de modo algum a responsabilidade pessoal. Para isso temos uma medida infalível na consciência, e a consciência poética é, por isso, a única lei que o poeta tem de seguir incondicionalmente, e cujo contorno o prejudica a ele e ao seu trabalho. [899]

Para se poder viver da escrita, são necessários ou sucessos invulgares ou uma descida ao jornalismo ou a outro ofício de escrevinhador qualquer. [900]

Se alguém pergunta ao autor de uma poesia autêntica: »Não terias preferido escolher outro tema?« — é exatamente como se um médico quisesse dizer ao paciente com pneumonia: »Ah, tivesse o senhor preferido decidir-se por uma constipação!« [901]

É indiferente que objeto um poeta »escolha«. É indiferente já por isto: porque não ocorre escolha nenhuma, porque esta »escolha« é apenas uma imaginação daqueles professores que escrevem as histórias da literatura. [902]

No meio daquilo que hoje se chama espiritualidade e literatura, um homem minimamente decente mal pode desempenhar outro papel senão o de um nobre D. Quixote ridicularizado por todos, ou o de um bobo da corte consciente, o do humorista de patíbulo. [903]

Poeta é algo que se pode apenas ser, mas não tornar-se. [904]

Ganhar o pão com a escrita é mais difícil do que tudo o resto e estraga o talento, caso ele exista. [905]

A causa por que raramente um poeta pode viver do seu trabalho, mas sim milhares de jornalistas, reside nisto: no facto de o povo gastar noventa por cento daquilo que despende para necessidades espirituais com o jornal. Esse é, portanto, um solo bom, onde muitos encontram o seu sustento. E provavelmente muitos desses jornalistas são também trabalhadores honestos e pessoas bem-intencionadas, e não têm a mínima ideia de que eles e os seus jornais constituem o muro que separa o povo do espírito. [906]

Para alguém como nós, os redatores são em qualquer caso adversários, mesmo que não o deixem notar: o que escrevemos interessa-lhes pouco. Eles prefeririam que escrevêssemos aquilo que nos sugerem que escrevêssemos. [907]

O mundo não quer do poeta obras e pensamentos, mas sim o endereço e a personalidade, para os venerar, voltar a deitar fora, adornar e voltar a despir, desfrutar e voltar a cuspir sobre eles. [908]

Quando se aparece publicamente e quando se chega mesmo à celebridade, a relação entre o poeta e o mundo consiste quase apenas em mal-entendidos. [909]

Tão depressa nos pode cair um Prémio Nobel em cima da cabeça, como nos pode cair uma telha em cima da cabeça; o último até acontece com mais frequência.* [910]

Como é sabido, cada autor de um livro de sucesso é um génio, no entanto apenas até ao limite da centésima edição. Se esta for ultrapassada, o génio desce, na opinião da crítica, a parvo. [911]

Por muito bela e nobre que seja a ordem — é preciso sentir perto dela a noite e o caos para ser totalmente arrebatado por uma poesia. [912]

** escrito em 1926, quando Hesse recebeu o Prémio Nobel.*

A celebridade, juntamente com os jubileus, é uma tentativa de traduzir funções puramente espirituais para o sociológico ou de trazer a realização espiritual, com as fórmulas da massa, da quantidade, a um denominador comum. [913]

Tal como uma cidade se orgulha dos seus pequenos na festa das crianças, dos seus filhos mais fortes e ágeis numa festa de ginástica e tiro, assim deveria também orgulhar-se de ter, em cada geração, de novo um pequeno número de talentos para quem o serviço à palavra é sagrado. [914]

Acredito que a maioria dos nossos compatriotas não tem a mínima ideia de quão profundamente a posição social do escritor e de quão ofensivamente baixo a sua posição económica desceu. A falta de sentido para o direito de jovens talentos artísticos à atenção e a tarefas, a falta de sentido para a nossa própria linguagem, rica e maravilhosa, a falta de sentido para a dignidade da palavra, faz parte dos muitos pecados e doenças de que o nosso país não padece menos do que os países vizinhos. [915]

Não faltam autores cujo desespero perante o nosso tempo e cujo medo perante o caos é autêntico. Faltam, porém, aqueles cuja fé e amor bastem para se manterem a si mesmos acima do caos. [916]

Amar o mundo e a vida, amar mesmo sob tormentos, estar aberto com gratidão a cada raio de sol e, mesmo no sofrimento, não desaprender totalmente o sorriso — esta lição de cada poesia autêntica nunca envelhece e é hoje mais necessária e digna de gratidão do que nunca. [917]

O literato deve acreditar na luz, deve saber dela através de uma experiência irrefutável e estar aberto a ela tão frequentemente e tanto quanto possível, mas não se deve considerar um portador de luz ou sequer ele próprio uma luz. Caso contrário, a janelinha fecha-se e a luz, que de modo algum está dependente de nós, segue outros caminhos. [918]

O poeta tem hoje um ofício semelhante ao de um pastor protestante: está numa igreja vazia e prega, e quando pessoas entram na igreja e se sentam e escutam, ele quase se assusta, porque já não está habituado a isso. Mas alegra-o, naturalmente. [919]

A conceção de que cada expressão [poética] deve servir tanto para o fomento interior do autor como para o de quem a desfruta, subjaz a qualquer conceção artística autêntica e é seguida inconscientemente por todo o artista verdadeiro. Para além disso, não quereria fazer quaisquer concessões à ética e à religião. O poeta é mais do que um pregador. [920]

Tanto quanto me consigo lembrar, sempre vi a função do poeta sobretudo como o recordar, o não esquecer, o preservar do transitório na palavra, o evocar do passado através do chamamento e da descrição amorosa. No entanto, algo do ofício do poeta como professor ou admoestador e pregador terá provavelmente ficado em mim, vindo da antiga tradição idealista. Contudo, sempre entendi isso menos no sentido da instrução do que no sentido da admoestação para a animação da vida. [921]

Em cada obra autêntica, seja qual for a sua técnica, procura-se finalmente a harmonia, nem que seja apenas aquela entre o que o poeta vivenciou e os seus meios de o expressar. Onde esta harmonia se torna vitoriosa e, para além do esboço e da nota, surge uma obra, uma poesia, na qual um pedaço de vida é visionado e interpretado de forma unitária, aí sorrimos e assentimos agradecidos, perguntamos pouco mais pela técnica e pela veste temporal e ficamos contentes por haver algo mais de bom no mundo. [922]

O preservar e o recordar pertencem às funções mais nobres e necessárias do poeta. [923]

É o segredo do génio poético o facto de, na sua mão, o que é óbvio, as coisas e factos simples, serem para ele, o reverente, constantemente novos e vivos. [924]

Toda a lírica é reflexo do mundo no Eu isolado, resposta do Eu ao mundo, é lamento, reflexão e jogo de uma solidão que se tornou inteiramente consciente. [925]

Tem razão quando considera impossível «afastar uma dor através da poesia». Nos versos fica muitas vezes retida uma boa parte do veneno. Em todo o caso, eles tornam a dor fluida. Ela escorre da forma mais benevolente através dos troqueus mais acidentados. [926]

O fazer maus poemas é ainda muito mais gratificante do que o ler os mais belos de todos. [927]

Num poema, o que importa não é se o poeta comunica o seu bom humor ou o seu desespero, mas sim unicamente se ele pôde realmente dizer e moldar aquilo que é o conteúdo do seu poema. O facto de (muito secundariamente) a admissão sem reservas, bem como o poder expressar linguisticamente um desespero, ser algo inteiramente positivo, ninguém o vê hoje em dia na Alemanha. [928]

O escrever versos «totalmente a partir do sentimento» é uma imaginação; isso não existe. Pelo contrário, necessita-se da forma, da linguagem, dos versos, da escolha de palavras, e tudo isto não se processa «no sentimento», mas sim no entendimento. É verdade que muitos poetas menores escolhem as suas formas apenas inconscientemente, isto é, imitam formas de versos a partir da memória, mas o facto de não saberem o que fazem nada altera ao processo.

Da lírica dos mestres, de Píndaro a Rilke, nada é escrito «totalmente a partir do sentimento», como lhe chama, mas tudo com a maior escolha e trabalho, na mais rigorosa concentração e muitas vezes com a mais minuciosa revisão das leis e formas herdadas. «A partir do sentimento» escrevem-se, quando muito, cartas ou folhetins, mas não versos. [929]

Se um poema necessita da musicalização para exercer efeito, então vale pouco, mas pode, no entanto, tornar-se motivo para algo belo para um músico talentoso; há centenas de exemplos. E se um poema é capaz de efeito por si só, então encontrará repetidamente leitores, e as tentativas dos compositores não o conseguem destruir. No geral, aplica-se provavelmente isto: quanto mais individual e diferenciado é um poema, tanto mais resistência oferece ao compositor. E quanto mais simples, geral, convencional ele é, tanto mais fácil se torna para a música. [930]

O poeta lírico, tal como o vejo ou o vivenciei em mim, ao poetar não se empenha apenas em expressar os seus pensamentos ou sensações o melhor possível com a ajuda dos seus meios. Pelo contrário, enquanto faz isso, vem constantemente ao seu encontro, a partir das forças primevas da linguagem — as míticas e mágicas, as sonoras e rítmicas, as pictóricas e as evocativas —, algo que não é dele, mas que o ajuda e, ao mesmo tempo, o seduz muitas vezes para longe daquilo que ele propriamente queria.

A sua ferramenta, a linguagem, não é apenas ferramenta e algo morto, mas é um poder criativo, menos racional mas muito mais poderoso do que

o poeta. Ao colocar uma palavra, com a qual pretende expressar apenas algo limitado e subjetivo, vem-lhe muitas vezes da palavra uma admoestação, um fluxo de associações de tipo acústico, ótico e sentimental, que o leva para outro lugar diferente de onde o senhor pretendia navegar. O que, portanto, surge no fim num poema e o distingue de um texto racional, é algo único, irrepetível, nunca totalmente idêntico ao que o autor originalmente pretendia, e é precisamente isso que se ama nele, seja consciente ou inconscientemente. [931]

Bons poemas não são, de todo, escritos para um fim. [932]

O facto de o poeta assim respigar e colocar e escolher as suas palavrinhas, no meio de um mundo que amanhã talvez esteja destruído, é exatamente o mesmo que fazem as anémonas e prímulas e outras flores que agora crescem em todos os prados. No meio de um mundo que amanhã talvez esteja coberto de gás venenoso, elas moldam cuidadosamente as suas folhinhas e cálices, com cinco ou quatro ou sete pétalas, lisas ou denteadas, tudo exato e o mais bonito possível. [933]

Infelizmente falta-me o dom de me expressar criticamente sobre lírica; de um poema só posso dizer se me agrada e, porventura, do que me recorda; a crítica abstrato-estética, como se lê frequentemente sobre lírica, parece-me ser um jogo de sociedade com fichas de adjetivos, quer os respetivos críticos tendam mais a falar de «aglomerações» e «impulsos» ou de «diagonais» ou «coeficientes». Eu gostaria, se tivesse espaço para tal nalgum lugar, de indicar aqui e ali um livro de poemas, mas apenas através da menção recomendadora do título e da impressão de alguns versos como amostra. Mas o povo alemão, no seu caminho para milénios radiantes, não tem tanta fome de lírica como asseguram os otimistas; falta-me o espaço onde pudesse informar os leitores sobre nova lírica da forma indicada. [934]

O perigo da *bohéme* existe para todos os jovens dotados acima da média com gosto e alma, nos quais o talento é mais forte do que o carácter. Hoje, a *bohéme* é uma forma de artistagem perdida, decerto tentadora, mas retrógrada e tornada interiormente impossível; e quem nela fica preso não é um génio ou revolucionário, mas simplesmente um pobre diabo que não é suficientemente inteligente nem forte para organizar para si uma vida própria e valiosa. [935]

Os «artistas» têm isto de vantagem sobre os chamados «artistas plásticos/escritores»: o facto de terem de saber fazer algo incondicionalmente, porque de outro modo quebram o pescoço. [936]

No fim, vence sempre o juízo humano sobre o estético. Pois não perdoamos facilmente ao talento que se abusa, mas perdoamos à obra humanamente valiosa muitos erros óbvios de forma. [937]

HUMOR

O humor permanece sempre de algum modo burguês, embora o verdadeiro burguês seja incapaz de o compreender. [938]

Viver no mundo como se não fosse o mundo, respeitar a lei e, no entanto, estar acima dela, possuir «como se não se possuísse», renunciar como se não fosse uma renúncia — todas estas exigências populares e frequentemente formuladas de uma alta sabedoria de vida, só o humor é capaz de as concretizar. [939]

Quanto maior é o comediante, quanto mais arrepiante e desamparadamente ele traz a nossa estupidez para a fórmula cómica, tanto mais se tem de rir! Como todos os homens gostam de rir! Correm desde os subúrbios ao frio, pagam dinheiro, esperam muito tempo, chegam a casa apenas à meia-noite, só para poderem rir um pouco. [940]

Humor, um cristal que só cresce em dores profundas e duradouras. Os saudáveis batem nas coxas e rincham, e ficam depois sempre perplexos e um pouco ofendidos quando, de tempos a tempos, leem notícias como esta: que o muito popular e bem-sucedido comediante X se enforcou incompreensivelmente num ataque de melancolia. [941]

Os humoristas, escrevam o que escreverem, têm todos os seus títulos e temas apenas como pretexto; na verdade, têm todos e sempre apenas um único tema: a estranha tristeza e o aspeto miserável da vida humana e o espanto perante o facto de esta vida lamentável poder ser, apesar de tudo, tão bela e preciosa. [942]

Trágico e humor não são opostos, ou são antes opostos apenas porque um exige o outro tão inexoravelmente. [943]

Todo o humor superior começa com o facto de não se levar mais a própria pessoa a sério. [944]

Serenidade não é nem frivolidade nem autocomplacência; é o mais alto conhecimento e amor, é a afirmação de toda a realidade, um estar desperto à beira de todos os abismos e profundezas. É o segredo do belo e a substância propriamente dita de qualquer arte. [945]

FELICIDADE

A felicidade é um *como*, não um *quê*; um talento, não um objeto. [946]

Poder entregar-se por um momento, poder sacrificar anos pelo sorriso de uma mulher, isso é felicidade. [947]

O belo retira uma parte do seu feitiço da transitoriedade. [948]

Felicidade é amor, nada mais. Quem sabe amar é feliz. [949]

Para a vivência da felicidade é necessária, sobretudo, a independência em relação ao tempo e, com isso, em relação tanto ao medo como à esperança; e esta capacidade perde-se para a maioria das pessoas com o passar dos anos. [950]

A minha felicidade consistia no mesmo segredo que a felicidade dos sonhos; consistia na liberdade de vivenciar simultaneamente tudo o que é imaginável, de trocar de forma lúdica o exterior e o interior, de deslocar o tempo e o espaço como cenários. [951]

A alta valorização do minuto, a pressa como causa mais importante da nossa forma de vida, é sem dúvida o inimigo mais perigoso da alegria. O máximo possível e o mais rápido possível é o lema. Disso resulta sempre mais prazer e cada vez menos alegria. [952]

Só existe felicidade quando nada pedimos ao amanhã e aceitamos com gratidão do hoje o que ele traz; a hora mágica acaba sempre por voltar. [953]

O homem está cheio de desejo de felicidade e, no entanto, não suporta a felicidade por muito tempo. [954]

O paraíso costuma dar-se a conhecer como paraíso apenas quando somos expulsos dele. [955]

O mais belo é sempre de tal modo que, para além do prazer, se tem também uma tristeza ou um medo. [956]

Infelicidade torna-se felicidade ao afirmá-la. [957]

Com todo o dever e toda a moral e todos os mandamentos, raramente nos fazemos felizes uns aos outros, porque não nos fazemos felizes a nós próprios com isso. Se o homem pode ser «bom», só o pode ser se for feliz. [958]

Imagina a tua essência como um lago profundo com uma superfície pequena. A superfície é a consciência. Ali é claro, ali processa-se aquilo a que chamamos pensar. Mas a parte do lago que constitui esta superfície é infinitamente pequena. Pode ser a parte mais bela, a mais interessante, pois no contacto com o ar e com a luz a água renova-se, altera-se, enriquece-se. Mas as partes de água propriamente ditas, que estão à superfície, mudam incessantemente. Sobe sempre de baixo, afunda-se de cima, ocorrem sempre correntes, compensações, deslocamentos; cada parte da água quer estar também uma vez em cima. — Tal como o lago é feito de água, assim o nosso Eu ou a nossa alma (as palavras não importam) consiste em milhares e milhões de partes, num bem de posse, de recordações, de impressões, que cresce e muda constantemente.

O que a nossa consciência vê disso é a pequena superfície. A alma não vê a parte infinitamente maior do seu conteúdo. Rica e sã, e capaz de felicidade, parece-me a alma na qual, da grande escuridão para o pequeno campo de luz, se processa um afluxo e uma troca constantes e frescos. A grande maioria das pessoas abriga milhares e milhares de coisas em si que nunca chegam à superfície clara, que apodrecem e se atormentam lá em baixo. Por isso, porque apodrecem e causam tormento, estas coisas são repetidamente rejeitadas pela consciência; estão sob suspeita e são temidas. Este é o sentido de toda a moral — o que é reconhecido como prejudicial não pode vir para cima! Mas nada é prejudicial e nada é útil, tudo é bom, ou tudo é indiferente. Cada indivíduo carrega em si coisas que lhe pertencem, que lhe são boas e próprias, mas que não podem vir para cima. Se viessem para cima, diz a moral, haveria uma infelicidade. Mas haveria talvez precisamente uma felicidade! Por isso, tudo deve vir para cima, e o homem que se submete a uma moral empobrece. [959]

A felicidade não tem nada a ver nem com a *ratio* nem com a moral; é algo pela sua essência mágico, pertencente a uma etapa inicial e juvenil da humanidade. O feliz ingénuo, presenteado pelas fadas, mimado pelos deuses, não é objeto para a consideração racional; ele é símbolo e está para

além do pessoal e do histórico. No entanto, existem pessoas excecionais de cuja vida a «felicidade» não se pode dissociar, consista ela apenas no facto de elas e a tarefa que lhes é adequada se encontrarem e se tocarem de facto histórica e biograficamente, no facto de não terem nascido nem cedo demais nem tarde demais. [960]

Isto é o que há de magnífico em cada alegria: o facto de ela vir sem ser merecida e nunca ser comprável. [961]

Tendo por vezes a considerar as pessoas felizes como sábios secretos, mesmo que pareçam estúpidas. O que é mais estúpido e torna mais infeliz do que a esperteza? [962]

Onde caminhos amigos se cruzam, aí o mundo inteiro parece, por uma hora, um lar. [963]

O caminhante tem o melhor e o mais delicado de todos os gozos, porque, além do provar, tem ainda o conhecimento da transitoriedade de todas as alegrias. Ele também não olha longamente para o que foi perdido e não deseja criar logo raízes em cada lugar onde outrora foi bom estar. Há viajantes de prazer que vão ano após ano ao mesmo lugar, e há muitos que não conseguem despedir-se de nenhuma visão bela sem decidirem voltar muito em breve. Essas podem ser boas pessoas, mas não são bons caminhantes. Têm algo da embriaguez baça dos namorados e algo do sentido cuidadoso de colecionador das apanhadoras de flores de tília. Mas não têm o sentido de caminhar, o sentido silencioso, sério-alegre, de quem está sempre a despedir-se. [964]

A felicidade só se pode possuir enquanto não se a vê. [965]

O desejo pela «felicidade» dos brutos e dos estúpidos talvez não seja, de todo, um estigma dos eleitos. Talvez cada ser humano tenha em si, ainda que nem todos com a mesma consciência, inveja da «felicidade» daquele que vê um degrau abaixo ou acima de si. Talvez cada vida inveje a outra, e a cada vida o próprio destino pareça mais pesado do que qualquer outro. [966]

Quando, de um céu coberto, um raio de sol cai numa rua sombria, é indiferente o que ele atinge: o caco de vidro no chão, o cartaz rasgado na parede ou o linho loiro da cabeça de uma criança: ele traz luz, traz feitiço, transforma e transfigura. [967]

AMOR

Quanto menos posso acreditar, no todo, no nosso tempo, quanto mais me parece ver a humanidade a degenerar e a secar, tanto menos oponho a este declínio a revolução e tanto mais acredito na magia do amor. [968]

Mostra-se que amar e conhecer são quase a mesma coisa, que se conhece melhor precisamente a pessoa que mais se ama. [969]

O mal surge sempre onde o amor não é suficiente. [970]

Poder amar algo — que redenção! [971]

Fantasia e capacidade de empatia não são outra coisa senão formas de amor. [972]

Nós, jovens, temos de nos defender para não sucumbirmos. Não somos ajudados apenas com leis e boas prescrições. Queremos sobretudo amar, queremos sentir a nossa alma arder; não queremos derrubar o mundo — apenas as correntes com que nós próprios nos acorrentámos! [973]

As pessoas não gostam de pagar com confiança e amor, mas preferem pagar com dinheiro e mercadoria. [974]

O facto de um homem de plenos sentidos, dotado e vital, dirigir todos os seus dotes e forças para o ganhar dinheiro ou para o serviço a um partido político, parece hoje a todos não só possível, como também correto e normal; — o facto de ele poder dedicar esses dotes e forças às mulheres e ao amor, isso não passa hoje pela cabeça de ninguém. Desde a média mais burguesa da América até ao socialismo soviético mais vermelho — em nenhuma visão do mundo verdadeiramente «moderna» o amor desempenha outro papel que não o insignificante de um fator de prazer secundário na vida, para cuja regulação bastam algumas receitas higiénicas. [975]

Terão sempre tudo o que se pode comprar com dinheiro, mas estarão condenados a ver como, sempre e em todo o lado, precisamente o melhor, precisamente o mais belo, precisamente o mais desejável não se pode comprar com dinheiro! O melhor, o mais belo, o mais desejável do mundo só se pode pagar com a própria alma, tal como nunca se pode comprar o amor; e para aquele cuja alma não é pura, não é capaz do bem, não é pelo menos capaz da fé no bem, também o melhor e o mais nobre já não ressoa de forma pura e plena, e ele tem de contentar-se para sempre com a imagem diminuída, corrompida e turvada do mundo que os seus pensamentos criaram para seu próprio tormento e empobrecimento. [976]

Toda a gente sabe e vivencia quão fácil é apaixonar-se, e quão difícil e belo é amar verdadeiramente. O amor, como todos os valores reais, não é

comprável. Existe um prazer comprável, mas não um amor comprável. [977]

A vida só obtém sentido através do amor. Isto significa: quanto mais formos capazes de amar e de nos entregarmos, tanto mais plena de sentido se torna a nossa vida. [978]

É um segredo estranho, mas simples, da sabedoria de vida de todos os tempos, o facto de que cada mais pequena entrega altruísta, cada participação, cada amor nos torna mais ricos, enquanto cada esforço pela posse e pelo poder nos rouba forças e nos deixa mais pobres. Isso souberam-no e ensinaram-no os indianos, e depois os sábios gregos, e depois Jesus, e desde então ainda milhares de sábios e poetas cujas obras sobrevivem aos tempos, enquanto impérios e reis do seu tempo desapareceram e passaram. Podem seguir Jesus ou Platão, Schiller ou Espinoza, em todo o lado essa é a sabedoria final: que nem o poder, nem a posse, nem o conhecimento trazem a bem-aventurança, mas apenas o amor.

Cada ser altruísta, cada renúncia por amor, cada compaixão ativa, cada despojamento do eu parece um dar, um privar-se, e é, no entanto, um tornar-se mais rico e tornar-se maior, e é, no entanto, o único caminho que conduz para a frente e para cima. É uma velha canção, e eu sou um mau cantor e pregador, mas as verdades não envelhecem e são sempre e em todo o lado verdadeiras, quer sejam pregadas num deserto, cantadas num poema ou impressas num jornal. [979]

É algo admirável com o amor, também na arte. Ele consegue o que toda a formação, todo o intelecto, toda a crítica não conseguem; ele une o mais distante, coloca o mais antigo e o mais novo lado a lado. Ele vence o tempo, ao referir tudo ao próprio centro. Só ele dá segurança, só ele tem razão, porque não quer ter razão. [980]

Permanece entre os seres humanos, por mais estreitamente ligados que estejam, sempre um abismo aberto, que só o amor, e mesmo esse apenas com uma ponte de emergência, pode atravessar. [981]

O facto de que apenas dois seres humanos, que dependem um do outro, vivam em paz um com o outro, é mais raro e mais difícil do que qualquer outra realização ética e intelectual. [982]

A sinceridade é uma coisa boa, mas é sem valor sem o amor. Amor significa toda a superioridade, toda a capacidade de compreensão, toda a capacidade de sorrir na dor. [983]

Nada o homem consegue amar tanto como a si próprio. Nada o homem consegue temer tanto como a si próprio. Assim surgiu, simultaneamente com as outras mitologias, mandamentos e religiões do homem primitivo, também aquele estranho sistema de transferência e de aparência, segundo o qual o amor do indivíduo por si próprio, sobre o qual a vida repousa, era considerado proibido para o homem e tinha de ser silenciado, escondido, mascarado.

Amar outro era considerado melhor, mais moral, mais nobre do que amar-se a si próprio. E como o amor-próprio era, afinal de contas, o instinto primevo e o amor ao próximo ao seu lado nunca podia prosperar verdadeiramente, inventou-se um amor-próprio mascarado, elevado, estilizado sob a forma de uma espécie de amor ao próximo na reciprocidade. Assim, a família, a tribo, a aldeia, a comunidade religiosa, o povo, a nação tornaram-se o santuário. [984]

O mandamento do amor, fosse ele ensinado por Jesus ou por Goethe, este mandamento foi totalmente mal compreendido pelo mundo. Não era de todo um mandamento. Não existem de todo mandamentos. Mandamentos são verdades concebidas de forma errada. A base de toda a sabedoria é: a felicidade só vem através do amor. Se eu disser agora: «Ama o teu próximo!», isso já é uma lição falsificada. Seria muito mais correto dizer: «Ama-te a ti próprio tal como ao teu próximo!». E foi talvez o erro original o facto de se querer começar sempre pelo próximo. [985]

Concebido à maneira indiana, isto é, no sentido das Upanishads e de toda a filosofia pré-budista, o meu próximo não é apenas «um homem como eu», mas ele é Eu, ele é um comigo, pois a separação entre ele e mim, entre Eu e Tu, é ilusão, Maya. Com esta interpretação, também o sentido ético do amor ao próximo está totalmente esgotado. Pois para quem compreendeu primeiro que o mundo é uma unidade, é imediatamente claro que não faz sentido que as partes e membros individuais deste todo se magoem uns aos outros. [986]

Não é uma felicidade ser amado. Cada ser humano ama-se a si próprio, mas amar, isso é felicidade. [987]

Ele tinha amado e, com isso, encontrado a si próprio. Mas a maioria ama para se perder com isso. [988]

O amor não tem de pedir, nem de exigir. O amor tem de ter a força de chegar em si mesmo à certeza. Então deixa de ser atraído e passa a atrair. [989]

Sem personalidade não há amor, nenhum amor verdadeiramente profundo. [990]

Tudo aquilo em que depositamos amor é por nós sobrestimado e, por isso, por vezes também provoca contradição e crítica, pois vivo e valioso é apenas o amor, não o objeto em que o depositamos. [991]

O romantismo de viagem é, em metade, nada mais do que a expectativa da aventura. Na outra metade, porém, é um instinto inconsciente de transformar e dissolver o erótico. Nós, caminhantes, somos treinados nisso: em acalentar desejos amorosos precisamente por causa da sua irrealizabilidade, e em distribuir de forma lúdica aquele amor, que propriamente pertenceria à mulher, pela aldeia e pela montanha, pelo lago e pela garganta, pelas crianças no caminho, pelo mendigo na ponte, pelo gado na pastagem, pelo pássaro, pela borboleta. Libertamos o amor do objeto, o próprio amor basta-nos, tal como ao caminhar não procuramos o destino, mas sim o gozo do próprio caminhar, o estar a caminho. [992]

Temos de manter o nosso amor tão livre quanto possível, para o podermos dar a cada hora. Os objetos aos quais o entregamos, sobrestimamo-los sempre, e disso flui muito sofrimento. [993]

O que no pensamento e na arte é a minha vantagem, causa-me na vida, especialmente com as mulheres, muitas vezes dificuldades: o facto de eu não poder fixar o meu amor, o facto de eu não poder amar um algo e uma mulher, mas ter de amar a vida e o amor em geral. [994]

Sou um devoto da infidelidade, da mudança, da fantasia. Não me interessa nada pregar o meu amor a qualquer ponto da terra. Considero aquilo que amamos sempre apenas como uma parábola. Onde o nosso amor fica preso e se torna fidelidade e virtude, aí torna-se-me suspeito. [995]

Precisamente os bons artistas e poetas são, decerto, frequentemente amantes fervorosos, mas raramente bons cônjuges. Pois o artista vive, em primeira linha, para a sua obra. Ele não tem mais amor para dar do que outro, mas antes menos, dado que o trabalho na sua obra exige muito dele. [996]

Para o artista, e em geral para a pessoa dotada de fantasia, o casamento é quase sempre uma desilusão. No melhor dos casos, é uma desilusão lenta, suportável, com a qual acabamos por nos conformar, mas morre nisso, sem muita dor, um pedaço de alma e de força vital, e ficamos depois mais pobres, enquanto após a vivência de uma nobre e grande dor ficamos, pelo contrário, mais ricos. [997]

Ninguém se casa para ter filhos, mas quando se tem filhos, eles mudam a pessoa e, por fim, vê-se que, afinal, tudo aconteceu apenas por causa deles. [998]

O que seriam a razão e a sobriedade sem o conhecimento da embriaguez, o que seria o prazer dos sentidos se a morte não estivesse atrás dele, e o que seria o amor sem a eterna inimizade mortal dos sexos? [999]

Aprendi, acima de tudo, que os pequenos brinquedos, as coisas de moda e de luxo, não são meras futilidades e *kitsch* nem uma invenção de fabricantes e comerciantes gananciosos, mas sim legítimos, belos, variados, um pequeno ou antes grande mundo de coisas que têm todas o único propósito de servir o amor, de refinar os sentidos, de animar o ambiente morto e de dotar magicamente com novos órgãos de amor — desde o pó e o perfume até ao sapato de dança, do anel de dedo até à caixa de cigarros, da fivela do cinto até à mala de mão. Esta mala não era uma mala, a bolsa de moedas não era uma bolsa, as flores não eram flores, o leque não era um leque; tudo era material plástico do amor, da magia, da excitação, era mensageiro, contrabandista, arma, grito de guerra. [1000]

Faz-se a maior parte das coisas na vida, mesmo quando se alegam outras razões, por causa das mulheres. [1001]

As resistências contra o reconhecimento do amor físico são as que criam a maioria das neuroses e das quais surge também, geralmente, uma falsidade geral, de aparência nobre mas de mau efeito, no resto da vida, por exemplo nas questões patrióticas e políticas. [1002]

Nenhuma joia preciosíssima é tão inatacavelmente bela que o hábito e a falta de amor não lhe possam roubar o brilho do valioso; por isso, parece-me uma arte desejável: dedicar também às belezas próximas e habituais a devoção e o amor que gostamos de conceder às distantes e arrebatadas. [1003]

Não há nada mais infrutífero do que refletir sobre alguém que se ama. Tais cursos de pensamento são como certas canções populares e de soldados, onde aparecem milhentas coisas, mas o refrão regressa obstinadamente, mesmo onde não se ajusta de todo. [1004]

Com o amor acontece exatamente como com a arte: quem consegue amar o maior apenas um pouquinho é mais pobre e menor do que quem consegue inflamar-se pelo mais pequeno. [1005]

Pode-se imitar e falsificar tudo no mundo, menos o amor: o amor não se pode roubar nem imitar, ele habita apenas no coração que sabe dar-se por inteiro. Essa é a fonte de toda a arte. [1006]

Sem amor por si próprio, também o amor ao próximo é impossível. O ódio a si mesmo é exatamente o mesmo e gera, no fim, o mesmo isolamento horrendo e desespero que o egoísmo berrante. [1007]

O amor padece-se, mas quanto mais entregues o padecemos, tanto mais fortes ele nos torna. [1008]

Somos capazes de momentos de perceção do segredo da unidade, mas a nossa capacidade de amar baseia-se na nossa capacidade de valorar, de valorar subjetivamente; sem ela não há nem arte nem amor. [1009]

Perscrutar o mundo, desprezá-lo, pode ser assunto de grandes pensadores. A mim, porém, interessa-me apenas poder amar o mundo, poder contemplar a ele e a mim e a todos os seres com amor, admiração e reverência. [1010]

Cada ser humano é digno de ser amado, quando consegue realmente exprimir-se. [1011]

A contemplação não é investigação ou crítica, não é nada senão amor. É o estado mais elevado e desejável da nossa alma: amor isento de desejo. [1012]

Venceu sempre aquele que sabe amar, tolerar e perdoar, não aquele que sabe melhor e julga. [1013]

Se pudermos tornar um ser humano mais feliz e sereno, deveríamos fazê-lo em qualquer caso. [1014]

JUVENTUDE E VELHICE

As pessoas que, na sua juventude, não conseguimos imaginar de modo algum como velhas, são precisamente essas que dão os melhores velhos. [1015]

Acredito que se pode traçar na vida uma fronteira muito exata entre juventude e velhice. A juventude termina com o egoísmo, a velhice começa com o viver para os outros. [1016]

A necessidade da juventude é: poder levar-se a si própria a sério. A necessidade da velhice é: poder sacrificar-se a si própria, porque acima dela

está algo que ela leva a sério. Uma vida espiritual deve decorrer e jogar entre estes dois polos. Pois a tarefa, o anseio e o dever da juventude é o tornar-se; a tarefa do homem maduro é o dar-se ou, como os místicos alemães outrora lhe chamaram, o «des-tornar-se» (*Entwerden*). É preciso primeiro ter-se tornado um homem pleno, uma personalidade real, e ter padecido os sofrimentos desta individuação, antes de se poder trazer o sacrifício desta personalidade. [1017]

No caminho da juventude para a idade adulta, as duas etapas principais são: a interiorização e a consciencialização do próprio Eu e, depois, a integração deste Eu na comunidade. Quanto mais simples e isento de problemas for um jovem, menos dificuldades ambas as tarefas lhe causarão. As naturezas mais diferenciadas e dotadas têm-no mais difícil, e mais difícil ainda aqueles a quem um talento especial não mostra por si só o caminho. Mas cada vida é uma ousadia, e o equilíbrio entre os dotes e instintos pessoais e as exigências sociais tem de ser sempre reencontrado; nunca acontece sem sacrifício, nunca sem erro. E também nós, os velhos, aparentemente chegados e estabelecidos, não estamos acima das dúvidas e dos erros, mas sim no meio deles. [1018]

Assunto dos mais velhos é lidar com a própria capacidade de amar de forma mais livre, lúdica, experiente e bondosa do que a juventude o consegue fazer. A velhice acha sempre facilmente os jovens presumidos. Mas a velhice também gosta sempre de imitar os gestos e modos da juventude, é ela própria fanática, é ela própria injusta, é ela própria exclusivista e facilmente ofendida. A velhice não é pior do que a juventude, Lao Tsé não é pior do que Buda, o azul não é pior do que o vermelho. A velhice só se torna mesquinha quando quer brincar à juventude. [1019]

É uma frase antiga minha — o mais importante o ser humano vivencia antes do seu 15.º ano. [1020]

Um caminho de vida pode parecer, a partir de certas situações, muito determinado, mas transporta sempre em si todas as possibilidades de vida e de mudança de que o próprio homem é de algum modo capaz. E estas são tanto maiores quanto mais infância, gratidão e capacidade de amar tivermos. [1021]

O adulto que aprendeu a transformar uma parte dos seus sentimentos em pensamentos sente falta destes pensamentos na criança e pensa agora que também as vivências não estão lá. [1022]

Cicatrizes anímicas provenientes dos anos de juventude quase todo o homem minimamente diferenciado possui, e existe, para além da psicanálise, uma quantidade de formas de lidar com elas. Cada religião é uma dessas formas e também cada substituto da religião, por exemplo, a pertença a um partido. [1023]

Tal como o «conhecimento», ou seja, o despertar para o espírito, é apresentado pela Bíblia como pecado (representado pela serpente no Paraíso), assim o tornar-se homem, a individuação, o lutar do indivíduo para sair da massa em direção à personalidade, é sempre visto pelos costumes e pela tradição com desconfiança, tal como o atrito entre o jovem e a família, entre pai e filho, é algo natural e milenar e, no entanto, é sentido por cada pai de novo como uma rebelião inaudita. [1024]

É belo quando uma família antiga se apega com amor à sua casa, mas o rejuvenescimento e a nova grandeza advêm-lhe sempre apenas do facto de os seus filhos servirem objetivos maiores do que os da família. [1025]

Quem não consegue suportar a unilateralidade e o pendor revolucionário ousado, quem preferiria ver a juventude sábia, bondosa e compreensiva em vez de fanática e puritana, esse que a rejeite. Será para seu próprio prejuízo. [1026]

Não se deve levar demasiado a sério o grito revolucionário de uma parte da juventude. Séria nele é apenas a necessidade profunda de encontrar para novas preocupações novas emoções, e também novas expressões. [1027]

Para nós, mais velhos, não se trata de refutar a nova juventude e de algum modo descartá-la, mas sim de a compreender e de, tanto quanto possamos, aprender a amá-la com conhecimento. [1028]

Os jovens não têm a tarefa de nos justificar a nós, predecessores, mas sim de se imporem a si mesmos e de se libertarem de tudo o que era velho, podre e impeditivo. O facto de terem andado em escolas por cuja ereção outros antes deles lutaram e sangraram, o facto de serem herdeiros e de mais tarde deverem pensar nisso, tudo isso não entra hoje em consideração, tudo isso tem de ser nada para eles perante o único sentimento: nós estamos aqui, nós somos jovens, nós queremos o bom, o melhor, o único. O facto de outros no seu tempo terem sentido o mesmo, o facto de muitos deles terem permanecido fiéis e, com os cabelos a grisalhar, ainda olharem crentes para as estrelas, o facto de nós, mais velhos, em geral, bons ou maus, não querermos propriamente ceder já o lugar e confessar o nosso desvalor — considerar tudo isso, praticar aqui justiça, ali manter a medida, acolá não

ferir inutilmente, nada disso é tarefa da juventude! A nós, porém, cabe não apenas praticar essa medida e essa justiça, mas também pressentir o futuro no agora em fermentação e dar-lhe razão, passe ele por cima dos nossos túmulos ou não. [1029]

Dado que a jovem geração sente afundar-se todo um mundo burguês de décadas, sob cuja vara mesquinha cresceu, ela exulta com razão. [1030]

A investida contra nomes e contra construções históricas feitas por si mesmo é algo juvenil, não é apenas um modo ou um mau hábito, mas um direito e instinto da juventude (que não precisa de ser contada pelos anos do calendário). [1031]

Com a autolimitação da profissão e da idade adulta não se deve enterrar a juventude. «Juventude» é aquilo em nós que permanece criança, e quanto mais houver disso, tanto mais ricos podemos ser também na vida friamente consciente. [1032]

Estar à altura do sofrimento e da morte é a tarefa da velhice. O entusiasmo, o vibrar em conjunto, o estar estimulado, é o estado de espírito da juventude. Eles podem aceitar-se mutuamente e podem ser amigos um do outro, mas falam duas linguagens diferentes. [1033]

Nunca me agradou o enfatizar ou organizar a juventude; na verdade, só existem jovem e velho entre pessoas vulgares; todas as pessoas mais dotadas e diferenciadas são ora velhas, ora jovens, tal como ora estão alegres, ora tristes. [1034]

Com a maturidade torna-se-nos cada vez mais jovem. Comigo também acontece assim, embora isso queira dizer pouco, dado que mantive no fundo sempre o sentimento vital dos meus anos de rapaz e sempre senti o meu ser adulto e envelhecer como uma espécie de comédia. [1035]

O que me é repugnante há décadas é, em primeiro lugar, a adoração estúpida da juventude e da jovialidade, como floresce por exemplo na América, e depois ainda mais o estabelecimento da juventude como estado social, como classe, como «movimento». [1036]

Não consigo achar que um jovem seja mais do que um rapaz, um homem mais do que um jovem, senão também um ancião tem de ser mais do que um homem e, por fim, um «consumado», ou seja, um morto, mais do que um vivo. Isso nunca me convenceu. Por isso, todas as coisas e fenómenos, na medida em que me eram acessíveis e compreensíveis, foram-me sempre igualmente valiosos e igualmente estranhos. Por isso descrevo também um

velho tão de bom grado como um jovem, uma noite de novembro tão de bom grado como uma tempestade de verão, aliás, na verdade um animal ou uma árvore quase tão de bom grado como um ser humano. [1037]

A verdade é um ideal tipicamente juvenil, o amor, pelo contrário, um do homem maduro. Nas pessoas pensantes, o entusiasmo pela verdade só termina quando percebem que o ser humano é extraordinariamente mal dotado para o conhecimento da verdade objetiva, de modo que a busca da verdade não pode ser a atividade propriamente humana. Mas também aqueles que nunca chegam a tais perceções passam pela mesma mudança no decorrer da experiência inconsciente. Ter a verdade, ter razão, saber distinguir exatamente o bem e o mal, e consequentemente poder e ter o direito de julgar, punir, condenar, fazer guerra — isso é juvenil, e fica também bem à juventude. Se envelhecemos e permanecemos nestes ideais, as capacidades, já de si não muito intensas, para o «despertar», para o pressentir da verdade sobre-humana que nós, humanos, temos, definham. [1038]

O envelhecer em si é um processo natural, e um homem de 65 ou 75 anos é, se não quiser ser mais jovem, perfeitamente tão saudável e normal como um de 40 ou 50. Mas infelizmente nem sempre se está ao mesmo nível da própria idade, interiormente corre-se muitas vezes à frente dela, e ainda mais vezes fica-se atrás dela — a consciência e o sentimento vital são então menos maduros do que o corpo, defendem-se contra os fenómenos naturais deste e exigem de si mesmos algo que não podem realizar. [1039]

Envelhecer de uma forma digna do ser humano e ter em cada momento a atitude ou sabedoria correspondente à nossa idade é uma arte difícil; na maioria das vezes estamos com a alma, face ao corpo, ou à frente ou atrás, e às correções destas diferenças pertencem aqueles abalos do sentimento vital interior, aquele tremer e receio nas raízes, que nos assaltam de tempos a tempos nas fases de transição da vida e nas doenças. Parece-me que perante eles podemos decerto ser pequenos e sentirmo-nos pequenos, tal como as crianças reencontram melhor o equilíbrio após uma perturbação da vida através do choro e da fraqueza. [1040]

A velhice tem muitos fardos; mas tem também as suas dádivas de graça, e uma delas é esta camada protetora de esquecimento, de cansaço, de resignação, que ela deixa crescer entre nós e os nossos problemas e sofrimentos. Pode ser inércia, calcificação, feia indiferença, mas pode também, iluminada de forma um pouco diferente pelo momento, ser serenidade, paciência, humor, alta sabedoria e Tao. [1041]

Ao envelhecer, tende-se a encarar também os fenómenos morais, as confusões e degenerações na vida dos homens e dos povos como caprichos da natureza, restando-nos pelo menos a perspetiva consoladora de que, após cada catástrofe, voltaram a crescer erva e flores e de que, após cada loucura, os povos regressam a certas necessidades morais básicas, nas quais, apesar de tudo, parece residir uma certa estabilidade e norma. [1042]

O envelhecer não é apenas um desmoronar e um murchar, tem, como cada etapa da vida, os seus próprios valores, o seu próprio feitiço, a sua própria sabedoria, a sua própria tristeza, e em tempos de uma cultura minimamente florescente prestou-se com razão à velhice uma certa reverência, a qual hoje é reivindicada pela juventude. Não queremos levar isso a mal à juventude. Mas também não nos queremos deixar convencer de que a velhice não vale nada. [1043]

Quando alguém envelheceu e fez o que lhe competia, cabe-lhe tornar-se amigo da morte no silêncio. Não necessita dos homens. Conhece-os, viu o suficiente deles. Do que necessita é de silêncio. Não é decoroso procurar tal pessoa, dirigir-lhe a palavra, atormentá-la com falas. À porta da sua habitação convém passar como se ela não fosse morada de ninguém. [1044]

Quem envelheceu e presta atenção a isso, pode observar como, apesar do declínio das forças e potências, uma vida ainda tarde e até ao fim aumenta e multiplica a cada ano a rede infinita das suas relações e entrelaçamentos e como, enquanto uma memória estiver desperta, nada se perde de todo o transitório e passado. [1045]

O que seria de nós, velhos, se não tivéssemos isto: o livro de imagens da recordação, o tesouro do vivenciado! Seria lamentável e miserável. Mas assim somos ricos, e não levamos apenas um corpo gasto em direção ao fim e ao esquecimento, mas somos também portadores daquele tesouro que vive e brilha enquanto respirarmos. [1046]

Só ao envelhecer se vê a raridade do belo, e que milagre é, na verdade, quando entre as fábricas e os canhões também florescem flores e entre os jornais e as cotações da bolsa ainda vivem poesias. [1047]

Para a entrada no novo espaço de vida, o átrio da velhice, um velho deseja-vos as dádivas que a vida nesta etapa tem para nos dar: aumentada independência do juízo alheio, aumentada imperturbabilidade perante as paixões, devoção imperturbada perante o eterno. [1048]

MORTE

Uma agonia é também um processo vital, não menos do que um nascimento, e muitas vezes pode-se confundir ambos. [1049]

Os que partiram permanecem vivos connosco através do essencial com que atuaram sobre nós, enquanto nós próprios vivermos. Por vezes podemos até falar melhor com eles, aconselharmo-nos melhor com eles e obter conselho deles melhor do que dos vivos. [1050]

Chamamento da morte é também chamamento do amor. A morte torna-se doce se a afirmarmos, se a aceitarmos como uma das grandes e eternas formas da vida e da transformação. [1051]

Após cada morte a vida torna-se mais delicada e fina. [1052]

Dor e lamento são a nossa primeira resposta natural à perda de um ente querido. Eles ajudam-nos na primeira tristeza e aflição, mas não bastam para nos ligar ao morto. Isso faz, numa etapa primitiva, o culto dos mortos: sacrifício, ornamentação do túmulo, monumentos, flores. Na nossa etapa, porém, o sacrifício aos mortos tem de ser realizado na nossa própria alma, através da evocação, através da recordação mais precisa, através da reconstrução do ser amado no nosso interior. Se formos capazes disto, então o morto continua a caminhar ao nosso lado, a sua imagem está salva e ajuda-nos a tornar a dor fecunda. [1053]

Contra a morte não preciso de arma nenhuma, porque não existe morte. Existe, porém, uma coisa: medo da morte. Esse pode ser curado. [1054]

Bem-aventurados os que acreditam no reencontro noutra forma de existência! Nós, os outros, temos de contentar-nos com a experiência de que mortos amados nos podem ser mais presentes e vivos do que todos os vivos. Por vezes, apenas por horas, mas são as nossas melhores. [1055]

Não nos deve interessar o reter ou copiar o passado, mas sim vivenciar o novo com capacidade de mudança. Nesse sentido, a tristeza no sentido de ficar preso à perda não é boa nem está no sentido da vida verdadeira. [1056]

Passos que se deram e mortes que se morreram já não se devem arrepender. [1057]

Em relação à morte tenho a mesma relação que antes: não a odeio nem a temo. Se eu quisesse uma vez investigar com quem e com o quê, a seguir à minha mulher e aos meus filhos, convivo mais e de melhor vontade, ver-se-

ia que são todos mortos, mortos de todos os séculos, músicos, poetas, pintores. A sua essência, condensada nas suas obras, continua a viver e é-me muito mais presente e real do que a maioria dos contemporâneos.

E o mesmo acontece com os mortos que conheci na vida, amei e «perdi», os meus pais e irmãos, os meus amigos de juventude — eles pertencem a mim e à minha vida, hoje tanto como outrora quando ainda viviam; penso neles, sonho com eles e conto com eles na minha vida quotidiana. Esta relação com a morte não é, portanto, nenhuma ilusão nem nenhuma fantasia bonita, mas é real e pertence à minha vida. Conheço bem a tristeza pela transitoriedade, posso senti-la com cada flor que murcha. Mas é uma tristeza sem desespero. [1058]

À medida que todos vão desaparecendo assim gradualmente e se acaba por ter muito mais proximidade e entes próximos «do lado de lá» do que aqui, tornamo-nos subitamente nós próprios curiosos sobre esse lado de lá e perdemos o receio que aquele que ainda está mais firmemente cercado tem perante isso. [1059]

Sou da crença de que não vamos para o nada, tal como sou da crença de que o nosso trabalho e preocupação com aquilo que nos parecia o Bem e o Justo não foram em vão. Mas sobre em que formas o Todo nos vivifica a nós, partes, e nos retém repetidamente, sobre isso posso decerto fantasiar por vezes, mas não adotar uma opinião dogmaticamente fixada. Crer é confiança, não um querer-saber. [1060]

Quanto à morte voluntária: não vejo nela nem um pecado nem uma cobardia. Mas considero o pensamento de que esta saída nos está aberta como uma boa ajuda na superação da vida e das suas tribulações. [1061]

Quando eu tinha cerca de quinze anos, um dos nossos professores deixou-nos uma vez estupefactos com a afirmação de que o suicídio seria a maior cobardia moral que o homem poderia cometer. Eu, até então, tinha antes tendido a acreditar que uma certa coragem, um certo desafio e dor fariam parte disso, e tinha sentido pelos suicidas uma alta consideração misturada com horror.

Assim, a sentença do professor, proferida com a pretensão de um axioma, foi-me realmente, naquele momento, uma estupefação; fiquei parvo e sem réplica perante essa sentença, pois ela parecia ter toda a lógica e toda a moral do seu lado. No entanto, a estupefação não durou muito tempo; logo regressei ao ponto de voltar a acreditar nos meus próprios sentimentos e pensamentos, e assim os suicidas pareceram-me, ao longo da

vida, dignos de nota, simpáticos e, de algum modo, ainda que de uma maneira sombria, distintos; exemplos de um sofrimento humano que a fantasia daquele professor não alcançava, e de uma coragem e desafio que eu só podia amar. De facto, os suicidas que conheci foram todos pessoas decerto problemáticas, mas valiosas e acima da média. E o facto de eles, além da coragem de dar um tiro na cabeça, terem tido também a coragem e o desafio de se tornarem impopulares e desprezíveis perante os professores e a moral, só podia aumentar a minha compaixão. [1062]

Se a um homem, assim penso eu, pela natureza, educação e destino, o suicídio lhe é impossível e proibido, então ele não o poderá executar, mesmo que ocasionalmente a fantasia o tente com essa saída; simplesmente permanecer-lhe-á proibido. Se for de outro modo, e alguém atira de si a vida que se lhe tornou insuportável, decididamente, então ele tem, na minha opinião, o mesmo direito a isso que outros têm à sua morte natural. Em alguns que se mataram, senti a sua morte como mais natural e plena de sentido do que tantas outras. [1063]

O homem racional acredita que a terra está entregue ao ser humano para exploração. O seu inimigo mais temido é a morte, o pensamento da transitoriedade da sua vida e do seu agir. Ele evita pensar nela e, onde não pode escapar ao pensamento da morte, refugia-se na atividade e opõe à morte um esforço redobrado: por bens, por conhecimentos, por leis, pelo domínio racional do mundo. A sua crença na imortalidade é a crença naquele progresso: como elo ativo na cadeia eterna do progresso, ele acredita estar preservado do desaparecimento total. [1064]

Morre-se tão redondamente devagar e aos bocadinhos: cada dente, músculo e osso despede-se extra, como se tivéssemos estado particularmente bem com ele. [1065]

Morrer significa entrar no inconsciente coletivo, perder-se nele, para ser transformado em forma, em forma pura. [1066]

Cada curso, seja para o sol ou para a noite, conduz à morte, conduz a um novo nascimento cujas dores a alma receia. Mas todos seguem o caminho, todos morrem, todos nascem, pois a mãe eterna devolve-os eternamente ao dia. [1067]

APÊNDICE

Posfácio de Volker Michels

A uma edição privada com que Hermann Hesse, em 1952, por ocasião do seu 75.º aniversário, tentou facilitar a resposta a centenas de cartas e felicitações, chamou ele *Leituras para Minutos*. Era uma coleção de 49 pensamentos que um leitor tinha anotado a partir dos livros de Hesse. A existência desta separata foi o encorajamento e a justificação para organizar um volume como este. Num livro deste género não se tinha pensado inicialmente, de todo.

Todas as citações aqui adicionalmente incluídas, provenientes dos seus livros e do rico espólio de crítica contemporânea e cultural de Hesse, faziam parte de uma coleção de materiais na qual se registavam enunciados particularmente característicos ou notáveis que, em 1970, durante a preparação da edição das obras de Hesse e na primeira revisão do seu espólio (vários milhares de recortes de jornal com as suas recensões de livros, folhetins e escritos políticos, bem como inúmeras cartas), teriam de saltar à vista.

Só as reações estranhas e maioritariamente de rejeição da imprensa de língua alemã à redescoberta deste autor que, partindo dos EUA, se estendia por todo o globo — e que muitas vezes equivalia a uma primeira descoberta — nos mostraram a necessidade de responder, com uma seleção destes materiais, à questão sobre as razões da ressonância mundial de Hesse em primeira mão.

A descoberta deste escritor, iniciada de forma totalmente não manipulada e espontânea a partir da geração jovem que protestava contra o *establishment* e a Guerra do Vietname, apanhou o nosso sistema cultural, habitualmente tão sensível às mudanças, completamente desprevenido. Hermann Hesse, para os nossos funcionários da poesia que davam o tom, continuava a ser o idílico alheio ao mundo na sua pérgula de jardim, tal como o *Der Spiegel* nos apresentara em 1958 numa história de capa anónima: «O Prémio Nobel na horta», um poeta intraduzível e anacronicamente alemão que, quando muito, se entendia «na língua dos pisco-de-peito-ruivo».

O que poderia ele ter a ver com os problemas que ardiam sob as unhas da nossa revolta estudantil do final dos anos sessenta? É certo que tinham acabado de aparecer as suas cartas de juventude e, no *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, Rolf Michaelis tinha julgado de forma ousada e inteiramente impopular: «Estas cartas, que um rapaz mentalmente são de quinze anos escreveu para casa a partir de um manicómio, contam-se entre o que de mais monstruoso a história da educação na Alemanha tem para

oferecer. As cartas de Hesse, claras e frias, superiores e perspicazes, rompem com a tradicional relação filial no lar paterno alemão e dizem adeus às formas de piedade rotineira no lar cristão. Estas cartas de 'um órfão cujos pais vivem' são testemunhos incomparáveis da história intelectual alemã no final do século burguês.»

Contudo, os preconceitos são persistentes, especialmente quando nos impõem o esforço desconfortável da revisão de um autor que apresenta, afinal, um *opus* de cerca de quarenta volumes. Isso era tão incómodo quanto embaraçoso. Pois em relação a que objeto tinham os nossos ativistas culturais confirmado mutuamente a sua progressividade durante anos de forma tão unânime como no seu consenso sobre autores como Rilke e Hesse, com quem se podia fazer um processo de «interioridade» tão curto?

Estavam sobrecarregados e reagiam com reflexos que em nenhuma área científica são aceites com tanta indiferença como na interpretação de fenómenos culturais: com perplexidade, pensamento ilusório ou silenciamento mortal segundo o lema: «Não pode ser verdade o que não deve ser verdade!» Pois as coisas para as quais não se está preparado, e que tão pouco se ajustam ao conceito político-cultural oportuno do momento, não devem — se é que já são verdade — ser sequer percecionadas. «Estávamos de acordo», escreveu Curt Hohoff ainda em 1972, «que Hesse era, na verdade, um erro... Um escritor de entretenimento, um ético, um moralista: bem! Mas da literatura 'superior' ele tinha-se catapultado para fora porque era demasiado simples!»

Isto quanto ao consenso interno alemão sobre Hesse ainda no início dos anos setenta, o pano de fundo histórico-contemporâneo que provocou a presente coleção.

A primeira edição da nova edição ampliada para 550 citações de *Leituras para Minutos* apareceu em novembro de 1971 como um dos primeiros volumes da então recém-fundada coleção de bolso Suhrkamp. No início de 1974, o livro já tinha ultrapassado uma tiragem de 100 mil exemplares, sem contar com as tiragens das traduções em línguas estrangeiras.

No decurso da publicação progressiva dos escritos e cartas do espólio de Hesse, pôde logo ser trazido à luz tanto material novo que, em 1975, teve de aparecer um volume de continuação sob o título *Leituras para Minutos. Nova Série*. O presente volume é uma primeira síntese destas duas coleções, ligeiramente ampliada com material recém-descoberto. Com mais de mil citações organizadas tematicamente, ele documenta a explosividade

e a atualidade intemporal da base de pensamento dos escritos de Hermann Hesse.

Surpreendente na primeira leitura contínua foi a continuidade destes pensamentos expressos nos mais diversos locais e durante as mais variadas fases de idade e circunstâncias de vida. Mesmo onde aparentemente se contradizem, não são contradições no autor, mas sim as polaridades dos próprios problemas, vistos através do temperamento de Hermann Hesse. «Verdade», escreve ele, «é uma fórmula curta para o olhar sobre o mundo, a partir de um determinado polo, e não existe polo sem contrapolo.»... «A verdade é quase sempre complicada, obscura e ambígua. Cada palavra, especialmente a palavra clara, já lhe faz violência. A clareza é sempre violência, é tentativa violenta de simplificar o múltiplo»... «Uma verdade só se deixa expressar se for unilateral. Unilateral é tudo o que pode ser pensado com pensamentos e dito com palavras.

Carece da totalidade do redondo. O mundo em si, porém, o que existe em nosso redor, em nós próprios, nunca é unilateral.» Isto faz com que a leitura desta coleção seja, não raramente, um banho dialético de contrastes que expõe o leitor a um campo de tensão produtivo, seduzindo-o à contradição e à síntese. Aparentes opostos não lhe surgem como contradições, mas como complementos e polaridades de uma mesma e única coisa. Nesse campo de tensão processa-se, para Hesse, tudo o que é vivo.

Decisiva é unicamente a sinceridade. Se esta existe, então até os aspetos mais heterogéneos de um problema começam a completar-se e a equação resolve-se. O pensar em categorias inflexíveis de «ou isto ou aquilo» é alheio a Hesse. Seria também incompatível com a sua preferência pela filosofia dos clássicos da antiga China.

Na sua obra tardia *O Jogo das Contas de Vidro*, essa utopia construtiva e disposição experimental, Hesse faz com que esse pensamento bipolar seja praticado até de forma sistemática. «Popular numa certa escola de jogadores», diz-se ali, «foi durante muito tempo nomeadamente o colocar lado a lado, o confrontar e a condução harmónica final de duas ideias inimigas como lei e liberdade, indivíduo e comunidade, e dava-se grande valor ao facto de, num tal jogo, se conduzirem temas e teses de forma perfeitamente equivalente e imparcial, de modo a desenvolver a partir de tese e antítese, o mais puramente possível, a síntese.»

Assim, também esta coleção com teses e antíteses sobre os problemas e conflitos do nosso quotidiano poderá ser uma ajuda para todos aqueles a

quem não é possível, sem mais, reconhecer a crítica do tempo e as alternativas de um poeta na complexidade mais demorada, mas mais equilibrada, da sua obra poética, mas que preferem o caminho através da abstração.

O que se aplica à complexidade das experiências e conhecimentos, Hesse transfere também para os seres humanos e, em particular, para os artistas como seus recetores mais sensíveis e expostos. Quando ele compara artistas entre si, domina a sua gratidão e alegria pela sua diferença e diversidade. Nunca lhe passaria pela cabeça jogá-los uns contra os outros. Para isso, ele próprio é suficientemente artista. Ele sabe: em cada um a realidade refrata-se de forma diferente. Cada um não só perceciona outras facetas do ambiente, como nos torna conscientes de outras, não raramente também novas, dimensões de nós próprios.

Cada artista original amplia a nossa perceção através da ótica especializada do seu espaço de jogo individual, das suas disposições genéticas. Como diferentes variações da mesma unidade, eles refletem para ele toda a riqueza da vida. Eles não se excluem mutuamente na sua diversidade, mas completam-se e potenciam-se. «Reforço cada um», escreve Hesse, «naquilo que o separa das normas e procuro mostrar-lhe o sentido disso.» Este é um leitmotiv que atravessa toda a sua obra poética e, portanto, também os destilados de pensamento desta coleção.

Às constatações sobre a própria profissão, sobre a situação exposta do artista, opõem-se, de forma quase equivalente, pensamentos sobre política e sociedade, sobre as oportunidades e tarefas do indivíduo. Pois para Hesse estas áreas de modo algum se excluem, mas condicionam-se mutuamente. A sua obra poética é — como se tornará cada vez mais claro no decurso das edições do espólio — o reflexo exato, transformado de volta em imagem, dos conhecimentos individuais aqui isolados dos seus contextos.

O pensamento, a vida e a ficção de Hesse são uma única equação. Os seus elementos, tal como foram isolados em *Leituras para Minutos*, encaixam-se uns nos outros como um mosaico, cuja totalidade resulta no retrato de um homem que, ao expressar-se a si próprio sem reservas, atinge simultaneamente o que é psicologicamente regular na generalidade.

Apenas muito poucos destes pensamentos foram escritos por Hesse separadamente. Quase todos foram retirados de contextos textuais. Isolados e incluídos nesta coleção foram apenas quando isso era possível sem prejuízo da afirmação. Por outro lado, foram por vezes completadas ou eliminadas, conforme o sentido, referências ao anterior, quando eram

necessárias ou supérfluas para a compreensão do pensamento. Em nenhum destes casos, porém, a autenticidade da afirmação foi violada. Todas as citações estão numeradas. Um registo remete para a fonte e é, talvez, além disso, um estímulo para uma leitura mais detalhada. Pois as sentenças sozinhas transmitem apenas o aspeto intelectual da peculiaridade deste autor.

Elas mostram pouco do encanto da sua linguagem, da força e sensualidade da sua representação poética, sobre a qual Kurt Tucholsky escreveu uma vez: «Ele consegue o que apenas poucos conseguem. Ele consegue não só descrever uma noite de verão e uma piscina refrescante e o cansaço flácido após o esforço físico — isso não seria difícil —, mas consegue fazer com que nos sintamos quentes e frescos e cansados no coração.»

Não é o *esprit* ou o virtuosismo que caracteriza os pensamentos desta coleção, mas sim a credibilidade. São resultados de conflitos vividos, são autênticos. Hesse não era um aforista, as suas constatações não têm nada de artisticamente estilizado ou de divertidamente paradoxal, e nada lhe é mais alheio do que a solenidade do profeta ou guru. Mais de metade destes pensamentos foram retirados das suas cartas, são reações imediatas a necessidades atuais ou situações de emergência de outros. Mas também as citações dos seus livros e escritos críticos têm este carácter. Pois a obra literária de Hesse é uma incessante moldagem, objetivação, questionamento e resolução de conflitos e problemas próprios. Isso dá-lhes a espontaneidade, credibilidade e força de convicção que constitui a atualidade intemporal e supranacional deste autor e que reforça e fascina, em particular, as respetivas gerações jovens na sua rebeldia idealista e intransigência.

O próprio Hesse respondeu em 1928, por ocasião de um inquérito sobre as razões do sucesso junto do público, com a modéstia que lhe era própria: «O número de leitores que são recetivos às qualidades poéticas de um livro e que sabem distinguir uma frase bem escrita de uma estereotipada é pequeno.

Não acredito que aquilo que atrai a maioria dos meus leitores sejam qualidades literárias dos meus livros. Pelo contrário, acredito que a maioria dos meus leitores reconhece ou sente na minha obra e na minha pessoa o representante de um tipo psicológico ao qual eles próprios pertencem. Não é o 'conteúdo' dos meus livros que os interessa, nem a técnica ou a arte, mas sim encontram nestes livros, assim acredito, o seu próprio modo de

alma, as suas próprias disposições e problemas anímicos expressos e confirmados.»

Frankfurt, em novembro de 1976 Volker Michels